



THIAGO MACIEL MORAIS

**A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA LINGUAGEM DOS JOVENS:
IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS**

MANAUS, 2022

THIAGO MACIEL MORAIS

**A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA LINGUAGEM DOS JOVENS:
IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Profa. Dra. Elaine Conte

MANAUS, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827i Morais, Thiago Maciel.
A influência das mídias digitais na linguagem dos jovens [manuscrito]:
implicações discursivas / Thiago Maciel Morais – 2022.
121 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2022.
“Orientação: Prof^a. Dra. Elaine Conte”.

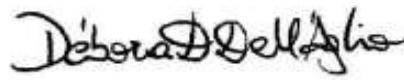
1. Linguagens. 2. Análise do discurso. 3. Práticas pedagógicas. 4. Mídias digitais. Tecnologias. I. Conte, Elaine. II. Título.

CDU: 37:6


THIAGO MACIEL MORAIS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – Minter Manaus.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Debora Dalbosco De'Aglio
Universidade La Salle Canoas/RS

Documento assinado digitalmente
 CATIA PICCOLO VIEIRO DEVECHI
Data: 28/02/2022 09:55:37-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof^ª Dr^ª. Catia Piccolo Vieiro Devechi
Universidade de Brasília



Prof^ª. Dr^ª. Hildegard Susana Jung
Universidade La Salle Canoas/RS



Prof^ª. Dr^ª. Elaine Conte
Universidade La Salle Canoas/RS, Orientadora e
Presidenta da Banca

Área de Concentração: Educação

Curso: Mestrado em Educação

Canoas, 25 de fevereiro de 2022.

*Dedico essa vitória ao Deus verdadeiro,
autor da vida,
Ainda que eu falasse a língua dos anjos,
sem a força, coragem e fé que vem de Deus eu nada seria.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui, alcançando um sonho que para mim parecia muito distante.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional diário, quando, na tarefa árdua de investigar, pesquisar e transpor ao papel todo o material pesquisado. E até mesmo quando pensei em desistir, eles estavam ali para estender suas mãos e não me deixar naufragar.

Agradecimento especial, à minha mãe que de forma incansável esteve comigo em todos os momentos durante essa trajetória, sem me deixar esmorecer ou ficar pra trás, pois me lembro quando ela dizia. “Vai devagar, devagar que tu chegas lá!” ou então; “Thiago, enquanto descansa carrega pedra!”. Minha mãe foi a minha torcedora número um, para que eu conseguisse chegar até aqui.

Aos meus irmãos Thiago Maciel Morais e Themístocles Maciel Morais, pelo apoio dado e pelo tanto que me incentivaram durante esses longos dois anos de mestrado.

Agradeço a confiança da professora Elaine Conte, por me orientar e acreditar que eu seria capaz de percorrer esse caminho.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE e aos colegas do curso de mestrado pelas trocas de conhecimentos e experiências possibilitadas durante o curso. Em especial, Carlos Alberto, Bernadeth Avelino, Fernanda da Costa, Maryolanda Lajes, Socorro Sanches, Francisco, Cristiele Borges dos Santos Cardoso. Sem vocês o mestrado não teria a mesma magia.

Agradeço aos estudantes participantes desse projeto que mesmo em período de Pandemia da Covid-19, foram participativos, ainda que, pela internet, *WhatsApp*, *Facebook* e outros. Estiveram também presentes em todas as reuniões, seguindo todos os protocolos vigentes naquele momento. Quer fossem as reuniões, abertas ou fechadas, estávamos sempre de máscaras, respeitando os protocolos sanitários, sempre usando a máscara e lavando as mãos com o álcool em gel.

Aos meus colegas de trabalho, que sempre me incentivaram. Sei que cada um, do seu jeito torceu por mim e me ajudaram a chegar até aqui.

Muito obrigado!

RESUMO

O estudo foi desenvolvido na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE), e busca analisar a influência das mídias digitais na linguagem de jovens, da comunidade Mundo Novo no município de Manaus, Amazonas, uma vez que muitos deles já vivem do trabalho informal e estudam no horário noturno fora da comunidade. É dentro desse contexto das juventudes periféricas para seus engajamentos e participação social, que as mídias digitais, através de seu discurso e de outros aparatos tecnológicos da globalização, influenciam esses jovens na construção de suas falas. A pesquisa apoia-se na análise do discurso, linguagem e mídias, tendo como referencial teórico os aportes de Pêcheux (2002), Bakhtin (2000), Orlandi (2002), Ianni (2004). Neste sentido, buscamos apoio em normativas legais, como o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), o Marco Civil da Internet (BRASIL, 2014) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), os quais estabelecem direitos e garantias a esses jovens no mundo vivido, reinterpretando a tessitura dos processos cotidianos emergentes. Para contextualizar a questão das mídias na educação, utilizamos Walter Benjamin (1986, 1987), Herbert Marcuse (1973), Adorno e Horkheimer (1985) e Belloni (2012), em articulação com pensadores da atualidade. A partir de uma pesquisa exploratória e de campo, justificada em um estudo de caso dialógico, foram alinhadas observações e um questionário semiestruturado e entrevistas com os participantes da pesquisa, na perspectiva de visibilizar os saberes-fazer dos participantes, por meio de um levantamento socioeconômico, e traçamos as relações existentes entre escolarização, poder aquisitivo e inclusão digital desse público. Embora as novas gerações digam que não sentem a interferência das mídias digitais em seus discursos e falas, por transitarem em diversas comunidades, interagirem com flexibilidade e se incluam em ambiências digitais, verificamos que as redes digitais estão eivadas de ideologias manipuladoras à construção de sentidos para a participação social. Por meio de conversas e indagações com esse público, percebemos o quanto as mídias influenciam o discurso e as experiências de vida desses jovens em territórios subalternizados, pelo fenômeno da aquisição de produtos culturais como celulares de acesso às redes sociais e à conectividade, tornando-se meros consumidores de um mundo hiperconectado.

Palavras-chave: Linguagens. Análise do Discurso. Jovens. Tecnologias. Mídias.

RESUMEN

Este proyecto de maestría, insertado en la línea de investigación Culturas, Idiomas y Tecnologías en la Educación del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad La Salle (UNILASALLE), busca analizar la influencia de los medios de comunicación en el lenguaje de los jóvenes, desde el Mundo Novo Comunidad en el municipio de Manaus, Amazonas, ya que muchos de ellos ya viven del trabajo informal y estudian de noche fuera de la comunidad. Es en este contexto que los medios de comunicación, a través de su discurso y otros dispositivos tecnológicos de la globalización, influyen en estos jóvenes en la construcción de sus discursos. La investigación se basa en el análisis del discurso, el lenguaje, los medios, la globalización, teniendo como referencia teórica los aportes de Pêcheux (2002), Bakhtin (2000), Orlandi (2002), Ianni (2004). Para orientar nuestra investigación, buscamos apoyo en normativas legales, como el Estatuto de la Juventud (EJ) y el Estatuto de la Niñez y la Adolescencia (ECA), que establecen sus derechos y garantías para estos jóvenes bajo estas leyes. Para contextualizar el tema de los medios en la educación, utilizamos a Walter Benjamin (1986, 1987), Herbert Marcuse (1973) y Adorno e Horkheimer (1985) en conjunto con pensadores actuales. A partir de una investigación exploratoria justificada en un estudio de caso y análisis de discurso, realizamos un relevamiento del perfil socioeconómico de los sujetos de la comunidad que serán entrevistados, rastreamos las relaciones existentes entre escolaridad, poder adquisitivo, acceso al espacio urbano y digital. inclusión de esta audiencia. Aunque las generaciones más jóvenes dicen no sentir la influencia de los medios en sus discursos y discursos, ya que se mueven entre otras comunidades, interactúan y se incluyen a través de las tecnologías en los entornos digitales de la globalización, nos encontramos con que las redes sociales y otros medios de comunicación están permeados de ideologías manipuladoras. A través de círculos de conversación con esta audiencia, nos dimos cuenta de cuánto ha influido la industria de la cultura mediática en el discurso de estos adolescentes y jóvenes. El problema es que para ser parte de este mundo globalizado, de acceso a las redes sociales e internet, la respuesta de los jóvenes ha sido adquirir bienes y productos tecnológicos como teléfonos celulares, convirtiéndose así en meros consumidores pasivos de los engranajes de un mundo hiperconectado.

Palabras clave: Idiomas. Análisis del habla. Joven. Tecnologías. Medios de comunicación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Os três pilares do Marco Civil da Internet.....	28
Figura 2 - Fases de Análise.....	60
Figura 3 - Fases de Contraste, Investigação e Estudo de Caso.....	62
Gráfico 1 - Quantidade de jovens participantes.....	67
Gráfico 2 - Mídias disponíveis.....	68
Gráfico 3 - Acesso à internet.....	69
Gráfico 4 - O que mais gostam na internet.....	70
Gráfico 5 - Uso da internet para estudar.....	71
Gráfico 6 - Aparelhos utilizados para acessar a internet.....	72
Gráfico 7 - Perfis em redes sociais.....	74
Gráfico 8 - Redes sociais mais utilizadas.....	75
Gráfico 9 - Acesso à internet por semana.....	76
Gráfico 10 - Tempo de acesso às redes sociais.....	77
Gráfico 11 - Lugares de mais acesso à internet.....	77
Gráfico 12 - Local de maior acesso à internet.....	78
Gráfico 13 - Utilização da linguagem virtual nas redes sociais.....	80
Gráfico 14 - Utilização da linguagem virtual fora do ambiente virtual.....	81
Gráfico 15 - Utilização do corretor ortográfico.....	82
Gráfico 16 - Diferenciação entre escrita virtual e escrita formal.....	83
Gráfico 17 - Dificuldades para utilizar a linguagem formal.....	83
Gráfico 18 - Influência da mídia sobre a linguagem oral.....	84
Figura 4 - Vista de cima da comunidade Mundo Novo.....	117
Figura 5 - Grupo de dança da comunidade Mundo Novo.....	117
Figura 6 - Igreja da comunidade Mundo Novo.....	118
Figura 7 - Escola Municipal Professor Nilton Lins, da comunidade Mundo Novo.....	118
Figura 8 - Área comercial da comunidade Mundo Novo.....	119
Figura 9 - Parque de diversão da comunidade Mundo Novo.....	119
Figura 10 - Campo de futebol da comunidade Mundo Novo.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise de Discurso
BDTD	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
DIP	Diário de Investigação do Pesquisador
ECA	Estatuto da Infância e do Adolescente
EJ	Estatuto da Juventude
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PBLE	Programa Banda Larga nas Escolas
PENAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PUC – RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Justificativa e Objetivos da Pesquisa	18
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	20
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	20
2 CONTEXTUALIZAÇÃO: MÍDIAS E LINGUAGEM	22
2.1 A Relação entre mídia e educação: historicidade	22
2.2 Discursos vigentes entre mídias e juventudes	26
2.3 Linguagem Oral e Escrita	38
2.4 Linguagem Virtual	42
3 REVISÃO TEÓRICA: ANÁLISE DO DISCURSO E GÊNEROS DISCURSIVOS ...	46
3.1 Análise do Discurso: Resgate histórico	46
3.2 Gêneros Discursivos	52
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
4.1 Caracterização do estudo	57
4.2 Análise do contexto	60
4.3 Análise de Necessidades	61
4.4 Diário de Investigação do Pesquisador – DIP	63
4.5 O Estudo de caso	64
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
5.1 Análise dos dados	67
5.2 Consciência do uso adequado da internet	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
APÊNDICE B – Questionário da Pesquisa	103
APÊNDICE C – Roteiro de Perguntas Feitas com os Jovens da Comunidade Mundo Novo	105
APÊNDICE B – Transcrição das Entrevistas	106
APÊNDICE E – Fotos Panorâmicas da Comunidade Mundo Novo	117

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é resultado de estudos e discussões realizados com jovens, da comunidade Mundo Novo no município de Manaus, Amazonas, buscando analisar a influência das mídias digitais na constituição de linguagens e sentidos para a participação social desse público. Hoje, “à medida em que o círculo de socialização dos jovens se estrutura em formas mais complexas os interesses juvenis são reorganizados *tanto em interesses planetários, quanto em interesses na vida cotidiana*” (NASCIMENTO; CANDAU, 2021, p. 2). Assim, novas dinâmicas de comunicação e mídias sociais são viabilizadas às juventudes e novos desafios são incorporados ao debate para a ampliação da participação na vida em sociedade. Uma coisa podemos dizer que é homônimo para todas as épocas, seja primitiva ou contemporânea, é a necessidade de se relacionar e garantir contatos com os grupos.

Como toda grande revolução, a revolução tecnológica acarretou grandes transformações nos mais diversos setores sociais, que passou a exigir uma rapidez e dinamismo cada vez maiores dentro das conversações juvenis, desenvolvendo uma linguagem multimídia e virtualizada com motivações e expectativas globais. As narrativas das juventudes de periferias ou de territórios subalternizados (vulneráveis por questões socioeconômicas) assumem o lugar do vivido e experimentado pelos sujeitos. Na verdade, são processos narrativos vividos em experiências no *mundo heterogêneo e fragmentado, distantes do universo da fábrica, mas também marcados pelas formas em que as desigualdades se processam na sociedade* (SPOSITO, 2009).

Essa linguagem ampliada e difusa tomou maiores proporções a partir do surgimento das redes sociais no ambiente virtual, as quais apresentam em suas plataformas de conversações e murais de postagens, espaços de utilização da linguagem virtual que extrapolam a esfera virtualizada para atingir o espaço da linguagem oral e escrita. O pensamento linear, rígido e inflexível não condiz com a natureza humana de associação e construção de conhecimentos na *cultura digital e participativa*, a partir da interação com os outros em aprendizagem colaborativa (JENKINS, 2009¹).

É notório que os meios de comunicação deram uma contribuição enorme para o desenvolvimento do ser humano, isso devido ao alcance significativo que tem. Com a chegada da internet, a comunicação deixou de ser um elemento social importante e passou a ser algo

¹ *Cultura participativa* é uma expressão adotada por Henry Jenkins (2009), para incluir toda a população às novas formas de interação via internet e participação na cultura digital que os ambientes *online* têm promovido nos últimos anos.

essencial. Para a maioria dos usuários deste conglomerado de redes em escala mundial, o acesso a elas passou a ser uma necessidade constante. Se hoje temos a formação de uma nova sociedade, a qual denominamos de *aldeia global*, é porque ela exerce influência direta no comportamento social e vice-versa (JENKINS, 2009).

Por estar presente na vida diária das pessoas com grande diversidade de informações e até mesmo intermediando as relações pessoais, a mídia² torna-se um importante foco de observação quanto a sua responsabilidade sobre conteúdos veiculados e suas interferências (des)educativas. Assim sendo, é necessário uma investigação e acompanhamento sobre essa responsabilidade percebida pelos jovens que ainda possuem certa vulnerabilidade, seja pela pouca idade ou pelo excesso de exposição nas mídias digitais.

Veremos que em tempos de pandemia do novo coronavírus (Covid-19), em que tivemos de ficar em casa o máximo possível para cumprir o isolamento social, os meios midiáticos, como televisão e redes sociais, se tornaram as principais fontes de notícias. Portanto, devemos ficar atentos às imposições disfarçadas de simples ofertas, como também à ignorância da mídia em relação às distintas realidades da juventude. Ou seja, é de extrema importância filtrar os conteúdos aos quais somos submetidos, para que possamos tirar algum aprendizado, em termos de linguagens e não simplesmente reproduzirmos a ilusão linguística criada por recortes de experimentações, inclusive no campo das ciências médicas (com a cloroquina, por exemplo), a partir de sombras distorcidas e alongadas para a comunidade. Logo, cabe a nós reinterpretar a tessitura das multimídias no cotidiano das juventudes, lançando um olhar sobre os impactados emergentes nas linguagens por esses meios de comunicação.

Tendo em vista que os adolescentes e jovens apresentam-se como o público majoritário dessas plataformas digitais, e que se encontram em uma fase determinante para a construção do conhecimento, surge então, uma preocupação maior com esse público. Partindo dessas afirmações, lançamos a hipótese de verificar se há de fato uma influência da linguagem virtual na linguagem oral dos jovens da comunidade Mundo Novo e para obter esse esclarecimento foi realizado uma pesquisa com jovens dessa comunidade, por meio de aplicação de um questionário, contendo perguntas relacionadas ao tema proposto.

Portanto, esse trabalho aborda a inter-relação entre comunicação-educação-mídias e linguagem, levando em consideração o fato de que os meios de comunicação, através de seus

² Quando fazemos referência à expressão *mídia*, estamos nos reportando aos grupos de comunicação de massa, dos meios digitais e, conseqüentemente da internet. Especificamente, esta pesquisa refere-se ao fenômeno da inclusão digital via internet, pois trata da convivência dos jovens com a mídia digital, quase que inseparável de suas vidas.

discursos e das diversas tecnologias digitais, estão gerando novas formas de criação, circulação e interação multimídia. No final dos anos de 1990, Belloni (2012) já previa as perspectivas das multimídias no campo da educação, pois a internet já surgia revolucionando os meios de comunicação.

Sua maior preocupação era que o Estatuto da Criança e do Adolescente fosse respeitado no Brasil, assegurando que todas as crianças, adolescentes e jovens tivessem acesso efetivo a uma educação de qualidade com todas as tecnologias acessíveis e uma comunicação livre, disponível e sem preconceitos. Diante disso, delimitou-se o problema da pesquisa: Até que ponto as mídias digitais influenciam a linguagem e o discurso dos jovens da comunidade Mundo Novo? Tendo em vista a exposição exacerbada desses jovens às mídias via internet, e também pelo fato de possuírem a experimentação diária, o convívio próximo e contínuo nas redes sociais.

Diante do exposto, a motivação para desenvolver esta pesquisa nasceu a partir do contato com a comunidade Mundo Novo³, localizado na zona periférica da cidade de Manaus/Amazonas, cuja população vem lutando e buscando junto aos órgãos públicos competentes o título definitivo de suas terras. Essa comunidade é formada por várias famílias que foram chegando aos poucos e que ali se estabeleceram de forma desordenada. É uma comunidade carente onde a maioria dos pais e muitos jovens vivem e trabalham na informalidade. Os jovens, por sua vez, saem de seu local natural para trabalharem em outras comunidades ou nas áreas urbanas. Daí observamos e nos inquietamos com a questão das mídias⁴, no que diz respeito ao seu papel como influenciadora no discurso, nas falas e nas linguagens desses jovens, sendo essa uma fonte externa e propagadora de informação⁵. Ou seja, até que ponto as mídias atuam sobre esses jovens em suas falas diárias? Quais os principais desafios enfrentados por esses jovens no contexto escolar em relações de convivência cotidiana com as mídias? Ademilde Sartori (2010, p. 9) nos leva a refletir outras questões que circundam nesse campo:

³ A comunidade do Mundo Novo surgiu através da invasão de terras naquele local por parte dos moradores que ali se instalaram como uma nova realidade que foi tecida de relações. Dessa forma, os sujeitos atuam em busca de seus direitos para que se tornem donos, de fato, de suas terras e independentes para construir, fazer melhorias e se organizarem enquanto comunidade.

⁴ Dada a diversidade da própria juventude na construção de diferentes culturas juvenis, o conceito das mídias está ancorado em teóricos críticos e presente em diálogos com pensadores da atualidade, tais como Maria Luiza Belloni (2012), Moran (2007), Soares (2008), Silva (2016), Lúcia Santaella (2015), Zygmunt Bauman (2001), dentre outros.

⁵ Essa questão de padrões homogêneos pela cultura e das manipulações de discursos é matéria de análise ética, estética e política desde os primeiros escritos de Walter Benjamin. Sobre a questão da reprodutibilidade técnica no campo da cultura e das artes, ver esse vídeo introdutório do professor Marcos Ramon: <https://www.youtube.com/watch?v=xcHTGAmHNyY>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Como temos estruturado nossas práticas pedagógicas diante das diversas linguagens? Como as produções midiáticas têm apresentado nossas realidades culturais, e quais imagens de si mesmos nossos jovens e crianças têm construído a partir do que veem na mídia? E como as escolas têm tratado essas imagens? Qual o papel da educação a distância nesse processo, uma vez que ela mesma é elemento na globalização da oferta escolar dentro dos marcos da Organização Mundial do Comércio - que inclui a educação, entre outros serviços, como item de negociação? (SARTORI, 2010, p. 9).

Para tal abordagem, sustentamos que a *mídia-educação*⁶ (BELLONI, 2012) é um campo importante para representar as tecnologias digitais frente aos novos desafios da cultura midiática jovem, pois ela nos auxilia a aprender a lidar de forma mais interativa e participativa nas fronteiras entre uma elite produtora de mensagens e a massa de consumidores, bem como nas novas formas de perceber o mundo e de aprender, que os jovens vão desenvolvendo com as mídias em apropriações e relações no diálogo intergeracional (BELLONI, 2012).

Durante muito tempo, o potencial de construir narrativas com imagens, sons, movimentos e textos veiculados pelas mídias foi ignorado pela escola. Ao longo do século XX, esse quadro foi mudando pela atuação onipresente que as mídias representavam na vida humana e no cotidiano dos estudantes, fazendo com que pesquisadores e professores revisassem as questões de analfabetismo da cultura midiática, passando a reconsiderar a confluência dessa comunicação na educação, na cultura popular e nas práticas de consumo. Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação surge o campo da mídia-educação que é:

[...] parte essencial dos processos de socialização das novas gerações, mas não apenas, pois deve incluir também populações adultas, numa concepção de educação ao longo da vida. Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania. Também é preciso ressaltar que as mídias são importantes e sofisticados *dispositivos técnicos* de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações. São, portanto, extremamente importantes na vida das novas gerações, funcionando como instituições de socialização, uma espécie de *escola paralela*, mais interessante e atrativa que a instituição escolar, na qual crianças e adolescentes não apenas aprendem coisas novas, mas também, e talvez principalmente, desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, *novos modos de aprender*, mais autônomos e colaborativos, ainda

⁶ O termo *mídia-educação* e os estudos que tratam dessa relação na *educomunicação* surgem de projetos em trabalhos como rádio-escola, jornal-escola, vídeo-escola, bem como em pesquisas de Soares (2001, 2002, 2012), apresentados por um grupo de pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), que, desde Tratam da educomunicação em uma perspectiva de compreender que seria necessária a formação de um novo profissional - o chamado *educomunicador*, ao passo que o professor traria essas características quando este aceita ser o mediador da aprendizagem através dos meios. Contudo, a educomunicação trata de utilizar os meios como ferramenta para o ensino, e a mídia-educação apresenta-nos uma orientação com relação a essa utilização (RIBEIRO, 2014, p. 14).

ignorados por professores e especialistas. (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1084-1085, grifos das autoras).

Alguns estudos argumentam que a globalização, a partir da segunda metade do século XX, estaria relacionada ao processo de midiaticização e causando nos jovens um grande impacto na constituição de suas falas (IANNI, 2004; HALL, 2006; GIDDENS, 1991). A dimensão fluida das tecnologias⁷ que circula pelos meios eletrônicos exprime uma linguagem que parece íntima aos jovens, em termos de interatividade, interconexão, sensações e conteúdos desejados, emergindo novas maneiras de conhecer e de aprender no cenário sociocultural da contemporaneidade (MORAN, 2007).

As definições mais atuais de mídia-educação se referem, de um lado, à *inclusão digital*, ou seja, à apropriação dos modos de operar estas *máquinas maravilhosas* que abrem as portas do mundo encantado da rede mundial de computadores, possibilitando a todos se tornarem produtores de mensagens midiáticas; e, de outro, às dimensões de *objeto de estudo*, antiga *leitura crítica* de mensagens agora ampliada, e de *ferramenta pedagógica*, que diz respeito a seu uso em situações de aprendizagem, isto é, à integração aos processos educacionais. (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1098-1099, grifos das autoras).

Tendo como parâmetros norteadores da nossa pesquisa o Estatuto da Juventude - EJ (BRASIL, 2013) e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), que vem para salvaguardar esses mais de 51 milhões de jovens brasileiros em situações mais vulneráveis, visto que determina que o Estado brasileiro deve garantir os direitos aos jovens de 15 a 29 anos e aponta para a criação de políticas públicas para essa população. Embora a lei garanta direitos para esse público, existe, diferentes formas que determinam o ser jovem. Fatores como gênero, orientação sexual, etnia e classe social são determinantes nos diferentes desafios às juventudes brasileiras.

Dentre essas características que influenciam essa geração, levanta-se o fato de que essa população nasceu depois do advento da redemocratização, onde eles têm mais acesso à saúde, educação e consumo, se comparado a seus pais que não tiveram acesso, principalmente acesso à internet e às TIC. Esse estatuto tramitou no Congresso Nacional cerca de 9 anos e só foi aprovado depois de uma onda de protestos em junho de 2013, onde determina que o Estado deve garantir alguns direitos aos jovens. Alguns deles já estavam previstos na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Direitos à educação, ao trabalho, à saúde e à cultura. Outras foram

⁷ “Consideramos como tecnologias de informação e comunicação (TIC) as seguintes mídias: televisão e suas variantes (videocassete, DVD, antena aberta, por assinatura), jogos de vídeo (videogames) e de computador, máquinas fotográficas e filmadoras de vídeo, Ipod, MP3, telefones celulares e redes telemáticas. Quando falamos em *mídias de massa* nos referimos principalmente à televisão e ao rádio” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1100).

conquistados posteriormente, como o direito à participação social, ao território, à livre orientação sexual e à sustentabilidade.

Além desses direitos, outros benefícios foram concedidos aos jovens pelo estatuto: a meia-entrada em eventos culturais e esportivos e o direito a meia-passagem para jovens e estudantes de baixa renda. Anterior ao Estatuto da Juventude, já existia o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) onde crianças e adolescentes brasileiras já vinham sendo protegidas (BRASIL, 1990). Dessa forma, a nova lei vem para complementar o ECA, no sentido de garantir direitos aos jovens com idades de 15 a 18 anos. Nessa faixa etária ainda prevalece o ECA que propõe a tutela e proteção, enquanto o Estatuto da Juventude propõe direitos e expansão de garantias à infância e adolescência dentro da percepção do jovem como um sujeito que tem necessidades no presente e no agora.

O comportamento social dos sujeitos é composto pelo repertório de habilidades sociais e pelos pensamentos, por meio dos quais a pessoa interpreta os acontecimentos sociais em que está inserida. É a partir destas duas variáveis que as pessoas interpretam os cenários sociais nos quais interagem e modulam seus comportamentos. Para lidar com as demandas sociais destes contextos, é necessário um repertório adequado de habilidades sociais (CABALLO, 2003). Ao longo do ciclo vital, mudanças ocorrem e novas demandas sociais surgem. Na transição da adolescência para a vida adulta. Essa fase é chamada de *adulter emergente* e se encontra na faixa etária entre 18 a 30 anos, visto que os jovens precisam utilizar um repertório cultural de habilidades sociais mais complexo para desenvolverem um desempenho social conjugado com as *habilidades comunicacionais da nova literacia midiática* (PEREIRA; DUTRA-THOMÉ; KOLLER, 2016; JENKINS, 2009). Esta fase é caracterizada por uma série de desafios impostos pelos novos contextos sociais aos quais eles serão apresentados, em destaque para o familiar, educacional, laboral e das novas literacias midiáticas (PEREIRA; DUTRA-THOMÉ; KOLLER, 2016).

Habilidades sociais podem ser compreendidas como formas de comportamentos específicos para lidar, resolver e evitar problemas nas relações interpessoais (CABALLO, 2003). Elas são corresponsáveis pela manutenção dos relacionamentos sociais, contribuindo para a aceitação do grupo no qual se pretende ingressar ou manter (CABALLO, 2003). São exemplos de habilidades sociais: iniciar e manter conversações; pedir ajuda, dar e receber elogios; expressar agrado e desagrado; fazer e responder perguntas; expressar sentimentos; lidar com críticas; fazer e recusar pedidos; escutar empaticamente (CABALLO, 2003). Além destas, podem ser incluídos aspectos não verbais ligados às habilidades sociais, como postura, contato visual, gestos, aparência e entonação de voz (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

O *Marco Civil na Internet* também é abordado por se tratar da lei mais atual referente aos princípios, às garantias, aos direitos e aos deveres para o uso da internet no Brasil (BRASIL, 2014). Sobre isso podemos ler:

Art. 26. O cumprimento do dever constitucional do Estado na prestação da educação, em todos os níveis de ensino, inclui a capacitação, integrada a outras práticas educacionais, para o uso seguro, consciente e responsável da internet como ferramenta para o exercício da cidadania, a promoção da cultura e o desenvolvimento tecnológico. [Art. 29]. Parágrafo único. Cabe ao poder público, em conjunto com os provedores de conexão e de aplicações de internet e a sociedade civil, promover a educação e fornecer informações sobre o uso dos programas de computador previstos no *caput*, bem como para a definição de boas práticas para a inclusão digital de crianças e adolescentes. (BRASIL, 2014).

Soma-se a essa construção normativa o estatuto da juventude que vem trazer ainda mais cores ao ECA, definindo o universo das juventudes entre 15 a 29 anos de idade e englobando em relação dialógica com um segmento do ECA, qual seja, o adolescente na faixa dos 15 aos 18 anos. Dados recentes sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira⁸ revelam que são mais de 150 milhões de usuários de redes sociais, e esta taxa do total de habitantes é de 70,3%, o terceiro maior em número de usuários dentre todos os países. O Sudeste é a região do Brasil com a maior taxa, cerca de 78% utilizam redes sociais. Ao levar em consideração a faixa etária, o grupo entre 16 e 24 anos são os que mais utilizam redes sociais no Brasil. Mais de 92% dos usuários deste público utilizam redes sociais pelo menos uma vez ao mês.

Em 2015, os internautas entre 16 e 64 anos passavam em média 6 horas e 20 minutos conectados. Já no último ano, este número saltou para 6 horas e 54 minutos, um aumento de mais de 8%. O Brasil é um dos principais países para as plataformas de redes sociais, uma vez que temos muitos usuários ativos nas diversas redes sociais. No caso do *WhatsApp*, o Brasil está na segunda posição no *ranking* mundial, com mais de 108 milhões de usuários ativos (somente atrás da Índia). Para o *Instagram*, o Brasil fica em terceira colocação, atrás dos EUA e Índia. E no *Facebook*, o Brasil ocupa a quarta posição global (atrás da Índia, EUA e Indonésia).

O *Youtube* é a rede social mais utilizada pelos brasileiros, cerca de 96,4% dos internautas entre 16 e 64 anos usam essa rede virtual de conversa pelo menos uma vez por mês. O *WhatsApp* e o *Facebook*, seguem na segunda e terceira posição, respectivamente. Apesar de novo, o *TikTok* já se encontra na sétima colocação entre as mais utilizadas pelos brasileiros.

⁸ Esta dimensão censitária está publicada em “Brasil é o terceiro país que mais usa redes sociais no mundo”. Monitor Mercantil [online], redação de setembro de 2021.

Acrescenta-se a isso, o programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) que prevê, até 2025, o acesso e a conexão à internet a todas as escolas públicas em todos os municípios brasileiros de nível fundamental e médio, registramos que apenas 7% das escolas públicas no Brasil possuem de fato internet, o que revela um atraso em termos de índices baixos de inclusão digital na cultura escolar (BRASIL, 2016).

Com a explosão demográfica nas cidades e nos centros urbanos vieram os debates e as mobilizações por políticas públicas para a juventude, evidenciando outros direitos promovidos pelo Estatuto da Juventude que ficaram somente no papel, sendo grande parte da população de jovens negligenciada. Que tipo de inclusão digital dos jovens queremos? A internet deveria ser um direito humano e não apenas um serviço (internet murada). Seria possível incluir digitalmente através da educação (com capacidade de autoria, comunicação e expressão pela conectividade) e do mercado de trabalho? Seguindo esses pressupostos e provocações iniciais é que traçamos a justificativa e os objetivos da pesquisa. Portanto, essa pesquisa se justifica pela necessidade de contextualizar até que ponto as multimídias influenciam a linguagem dos jovens da comunidade Mundo Novo e de que forma esses jovens (re)produzem a esses apelos midiáticos através de suas práticas e discursos.

1.1 Justificativa e Objetivos da Pesquisa

Pesquisar a mídia-educação e linguagens enquanto forma de produção de discursos da cultura jovem surgiu a partir de um interesse pela relação entre conectividade digital e inclusão cultural dos jovens no mundo globalizado. No último *Censo da Educação Básica* (BRASIL, 2022), identificamos algumas injustiças sociais, com dados deficientes para *medir o aprendizado* adequado, por exemplo. Nele, diagnosticamos que os recursos tecnológicos para os jovens existem, mas são escassos na *escola dos pobres* (distinta das escolas militares/elitizadas/privadas dentro das escolas públicas), principalmente os *tablets* e celulares, conforme aparecem na pesquisa em escolas de Ensino Médio (BRASIL, 2022, p. 18)

Conforme nos lembra Freire (1999), não há educação fora das sociedades humanas e não há sujeitos sociais no vazio e alienados/minimizados/domesticados da própria história. E acrescenta que a “educação é um ato de coragem, por isso, não pode temer o debate acerca das contradições socioeconômicas, a análise da realidade e não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1999, p. 104).

Um dos motivos pelo qual deu-se a escolha dessa comunidade para ser o objeto de estudo desse trabalho foi pelo fato de sua localização, por tratar-se de uma comunidade, no

município de Manaus, onde este mestrando recentemente firmou residência. Dessa forma e por se tratar de um espaço onde favorece a observação e a proposição desta pesquisa, privilegiando-a em vários aspectos.

Dentre os vários aspectos observados nessa comunidade e também nas rodas de conversa, percebeu-se que as várias manifestações desses sujeitos giram em torno da questão social⁹ e em suas falas. Essas manifestações são evidenciadas no cotidiano da comunidade em questões como: desemprego, analfabetismo, saneamento básico, alcoolismo, drogas, exclusão, lazer, segurança e ausência de cidadania (CARVALHO; IAMAMOTO, 1985). É notória a ausência de cidadania - tomando a internet como um direito humano e de políticas públicas fundamentais.

A comunidade clama por escolas públicas infantis (creches), para que assim as mães possam deixar seus filhos pequenos e trabalhar, não existe posto de saúde no local, se alguém adoece em casa é preciso deslocar a pessoa muitas vezes nos braços, pois o local onde fica a comunidade é muito acidentado. Seguidamente, os carros não querem descer nesses locais de difícil acesso, ou seja, eles ficam nos lugares planos. Percebe-se, também, o alto índice de desempregados na comunidade e os que trabalham estão na informalidade e largados à própria sorte.

Os moradores do Mundo Novo vivem em um contexto de exclusão e, por conta desse abandono vivem à mercê do que vem de fora, ou seja, do espaço urbano. Como aponta Santos (1996, p. 81): “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação”. A partir desse panorama de carências é que nos propusemos a fazer um levantamento da análise de necessidades desses jovens, para estabelecermos a relação existente entre escolarização¹⁰, poder aquisitivo, acesso ao espaço urbano e inclusão digital desses atores.

⁹ A questão social “não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão” (CARVALHO; IAMAMOTO, 1985, p. 77).

¹⁰ Sobre a questão da escolarização e suas tensões no cotidiano escolar, indicamos o documentário de 2012, intitulado *A Educação Proibida*, que se propõe a questionar as lógicas da escolarização moderna e a forma de entender a educação, focando em experiências educacionais diferentes, com múltiplas linguagens, não convencionais, no sentido de não apenas consumir ideias, mas recriá-las, buscando uma perspectiva educativa aberta, sensível, acessível, criativa e inclusiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ceIuwmpyIX0> Acesso em: 01 fev. 2022. Assim como o documentário de 2017, *Nunca me Sonharam*, que mostra os desafios do presente, as expectativas para o futuro e os sonhos de quem vive a realidade do Ensino Médio nas escolas públicas do Brasil, sob a perspectiva de estudantes, gestores, professores e especialistas, que dão voz às injustiças sociais e refletem sobre o valor da educação (PAIVA, 2017).

A comunidade Mundo Novo não é apenas um local distante da área urbana. Existem muitas lutas vividas diariamente pelos moradores. Em sua maioria, formada por famílias que vivem do trabalho informal e com baixos salários. Essas famílias buscam sua autoafirmação e titulação de suas terras e propriedades a duras penas. Aos poucos vão conseguindo seus espaços através de conquistas no seu dia a dia, quer seja em conseguirem que o asfalto chegue nas ruas principais ou na conquista da água encanada ou até mesmo na energia chegando na comunidade àqueles moradores que vivem nos lugares mais distantes. Assim sendo feito esse levantamento social das características dessa comunidade passamos a analisá-las a partir dos relatos feitos pela população mais jovem da comunidade do Mundo Novo.

Portanto, essa pesquisa tem características de um estudo de caso, onde serão entrevistados dezesseis (16) jovens da comunidade Mundo Novo alinhado ao Estatuto da Juventude, ao Marco Civil na Internet e ao Estatuto da Criança e do Adolescente é que nos propusemos a traçar o perfil desses atores e identificarmos a influência que as mídias exercem sobre eles. Tal estudo permite conhecer o público-alvo, o processo de recepção das perguntas e respostas ao questionário, onde se inserem as respostas e o que pode gerar um olhar mais aguçado para o fenômeno contextualizado em outras fontes. Dessa forma, lançamos a seguinte pergunta: Como as mídias digitais influenciam a linguagem e o discurso dos jovens da comunidade da comunidade Mundo Novo? Nesse sentido, traçamos para esta pesquisa os seguintes objetivos:

1.1.1 Objetivo geral

- Analisar a influência que as mídias exercem na linguagem dos jovens da comunidade Mundo Novo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender a percepção desses jovens quanto ao apelo da mídia e a resposta dada pelos mesmos em relação aos saberes e linguagens circulantes.
- Inventariar os principais impasses enfrentados pelos jovens da comunidade Mundo Novo e as formas de como (re)produzem os apelos midiáticos através de suas práticas comunicacionais.

- Discutir e verificar até que ponto as mídias influenciam e alteram a linguagem dos jovens da comunidade Mundo Novo.

Para atingirmos os objetivos estabelecidos, esta pesquisa foi organizada assim: além da introdução, a qual apresentamos o contexto desta pesquisa, a justificativa e os objetivos; o segundo capítulo, intitulado *Contextualizando mídia, educação e linguagem*, apresentamos os conceitos que permeiam a mídia-educação, mídias e ou meios digitais e a linguagem oral e virtual. Tentamos contextualizar e fazer relações de todos esses temas junto aos jovens e seus envolvimento com a mídia digital, bem como nos orientamos tendo por base o Marco Civil da Internet.

A discussão segue para o terceiro capítulo, que é intitulado *Análise do discurso e Gêneros discursivos*, onde é feito um resgate histórico sobre os dois temas, mostrando a relevância do discurso vigente em uma comunidade, ou seja, entre os jovens, como também trazemos à baila para esse debate vários autores que vem embasar essa pesquisa. No quarto capítulo, descrevemos o percurso metodológico desta pesquisa e o referencial teórico que embasou as provocações sobre a relação dos jovens com as mídias digitais e a educação e seus discursos e linguagens nas redes sociais. No quinto capítulo, apresentamos os resultados da análise de dados da pesquisa em interlocução com o desenvolvimento da linguagem dos jovens e outras fontes de investigação, fazendo enlaces das teorias aos dados coletados das práticas cotidianas deste público-alvo. Por último, evidenciamos as considerações finais do trabalho realizado.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO: MÍDIAS E LINGUAGEM

2.1 A Relação entre mídia e educação: historicidade

Ao longo da história, a sociedade foi se organizando a partir de mudanças e da produção de artefatos tecnológicos, que incidem no processo de formação cultural, educativa e dão suporte ao desenvolvimento das sociedades em todas as áreas da saúde, da educação, do diálogo das culturas à cultura do diálogo em redes. Podemos dizer que desde a idade da pedra (sua utilização como instrumento), passando pelo surgimento do papel, do livro, do telefone, do cinema, do rádio e da televisão fomos evoluindo para a criação de outros aparatos até chegarmos aos mais recentes telefones celulares, TV interativa e as redes de comunicação via internet.

Todas as tecnologias são de época. Esses instrumentos culturais foram sendo produzidos e vinculados com a totalidade social, estabelecendo uma íntima relação com os objetivos da industrialização (CHARTIER, 1998). O avanço tecnológico se fez presente em todos os setores da vida social e na educação não foi diferente, pois seus impactos tecno científicos atingem todas as instituições democráticas, invadindo a vida do homem em todos os aspectos, quer seja, no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com os alunos, etc. Desta forma, os dispositivos tecnológicos dirigem suas atividades e condicionam seu pensar, seu agir, seu sentir, seu raciocínio e seu relacionamento com as pessoas no mundo.

Numa breve retrospectiva, a partir do século XV lembra-se que na sociedade industrial vivencia-se a chegada dos meios de comunicação. Vale sinalizar o entendimento dessa época para que assim compreendamos as mudanças nos dias atuais. Com Gutenberg (1456), a imprensa vem para socializar o conhecimento através da máquina de imprimir no suporte de papel, quatro séculos depois, o cinema (1895) com os irmãos Lumière, trabalhando a imagem em movimento, no século XX, a possibilidade da emissão de voz a distância pelo rádio em tempo real; a televisão chega na década de 1940-1950, popularizando e instituindo um ritual de comunicação com imagem e som no cotidiano (CHARTIER, 1998).

Sendo a imprensa, a primeira forma de transmissão, disseminação e circulação do conhecimento, no século XX, Chartier (1998) considera que essa primeira revolução é técnica e caracteriza-se como uma revolução do impresso. Para ele “a revolução da imprensa não consiste numa *aparicação do livro*. Doze ou treze séculos antes donde o surgimento dessa nova técnica, o livro ocidental teria encontrado a forma que lhe permaneceu própria na cultura do Impresso” (CHARTIER, 1998, p. 96).

Desde a década de 1950, teóricos chamam a atenção para a caracterização da sociedade pela tecnificação crescente nos mais variados setores sociais. Já havia uma preocupação no sentido de que os meios de comunicação constituíam uma escola paralela onde as crianças e os adultos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional. Desta forma, foram sendo analisados os efeitos do impacto da tecnologia na sociedade e na educação. Adorno e Horkheimer (1985) teorizaram sobre os meios de comunicação ao considerarem que esses passam a ser apenas negócios com fins comerciais programados para a exploração de bens considerados culturais, denominando-os de *indústria cultural*.

O termo indústria cultural foi explicado como mais propício que o termo *cultura de massas*¹¹, disseminados pelos donos dos veículos de comunicação, ao justificarem que a cultura surge de forma espontânea, brota das massas, povo. Como escreveu Marshall McLuhan, se compreendemos as formas pelas quais as tecnologias digitais transformam nossas vidas, “podemos nos antecipar a elas e controlá-las; porém, se continuamos em nosso transe subliminar autoinduzido, seremos seus escravos” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 195).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985) a indústria cultural ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adota seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga escala, determina o próprio consumo. Seguindo esse viés, sendo aliada da ideologia capitalista, falsifica as relações entre os homens e a liberdade do homem com a natureza, contribuindo para o que Adorno trata como *antiluminismo* (contrário ao iluminismo que objetivava o abandono do medo e a exclusão do mundo da magia e dos mitos). No mundo do iluminismo, a mitologia foi sucumbida, mas a dominação se apresenta sob forma de alienação humana com respeito aos objetos dominados e com o enfeitiçamento do sujeito em seus relacionamentos sociais e automanipulação dos próprios gostos e desejos. “Antes os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade se transforma em fetiche” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33).

Assim, o sujeito é condicionado ao sentido econômico que dá as mercadorias valores que interferem e decidem a sua existência, estabelecendo o caráter de fetiche sobre a vida em sociedade. Desta forma são inculcados no sujeito normas coercitivas, funcionalidades e comportamentos considerados modelos pela cultura de massa ou indústria cultural. Nesse aspecto, podemos dizer que até mesmo a concepção racionalizadora do ensino passa a ser da

¹¹ A cultura de massas é “um apego antes às superfícies do que às raízes, à colagem em vez do trabalho em profundidade, a imagens superpostas e não às superfícies trabalhadas, a um sentido de tempo e de espaço decaído em lugar do artefato cultural solidamente realizado” (HARVEY, 2007, p. 61-63).

submissão a uma vigilância operacional de produtividade sistêmica (HABOWSKI; CONTE; MILBRADT, 2021).

O processo de dominação imbricado na história em seu aspecto cíclico perpassa por um retrocesso antropológico em suas etapas primitivas, condicionando os instintos por uma opressão maior. A força que perfaz a dominação sobre os sentidos proporciona a uniformização da função intelectual, a resignação do pensar à produção da humanidade, desencadeando um processo de empobrecimento do pensar e da experiência. No texto *Experiência e pobreza*, datado de 1935/1936, de Walter Benjamin (1986, p. 115), podemos observar reflexões sobre direito e violência direcionadas sobre o fenômeno da alienação de mundo e da experiência que acontece fora do sujeito:

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem [...]. A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo [...]. Pois, qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...]. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge, assim, uma nova barbárie [...].

Portanto, quanto mais o aparato social econômico e científico for refinado e complexo a serviço do qual o corpo fora destinado pelo sistema de produção, ocorre o empobrecimento das experiências coletivas que esse corpo é capaz. Nesse contexto, esse regredir das massas hoje pode ser traduzido sob o olhar do novo tecnocientífico, agora hipertecnológico. É a ciência elaborada em alta tecnologia de ponta, que incapacita o homem de ouvir o que nunca foi ouvido, de poupar com as próprias mãos o que nunca foi tocado, uma nova forma de opressão, que supera a opressão mítica já vencida. “No transcorrer do caminho que vai da mitologia à logística, o pensar perdeu o elemento da reflexão sobre si e hoje a maquinaria estropeia os homens, mesmo quando os alimenta” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 56).

Na década de 1960, Marshal McLuhan (1911-1980) preconizou a mudança de suportes culturais e a incidência no ser humano. A *aldeia global*, expressão criada por ele, é uma forma de olhar para as mudanças tecnológicas. McLuhan (2005) fala de três galáxias: a cultura oral ou acústica – dita e escutada; a cultura tipográfica ou visual de Gutemberg, identificada pelo livro; a cultura eletrônica, dos sinais elétricos instantâneos, a velocidade. Ele percebeu que com o livro, a primazia foi do olhar em detrimento dos outros sentidos, que as mídias eletrônicas passariam a envolver com o ouvir e os demais sentidos. Suas afirmações controvertidas estão sendo retomadas no contexto atual, uma vez que:

O livro foi a primeira mercadoria produzida em massa. A imprensa, que por definição é uniforme e repetível, não só criou o próprio conceito de *mercadoria* como possibilitou o surgimento de mercadores para esses artigos uniformes e repetíveis. É perfeitamente natural pensar que a operação das formas e matrizes da linha de montagem da imprensa, quando se estendeu a todas as formas de produção, deve ter moldado também nossas atitudes para com as atividades da elite. (MCLUHAN, 2005, p. 37).

A cultura, destacando a obra de arte, antes considerada uma obra prima, única, agora é reproduzida em série, onde se configurou a comunicação de massa sendo tratada conforme a reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1987). Nesse sentido, podemos dizer que Benjamin, ao falar em obra de arte, entra em sintonia com Chartier (1998), pois ambos tratam da reprodução, autenticidade. Na verdade, “em sua essência a obra de arte sempre foi reproduzível. [...] como o olho aprende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral” (BENJAMIN, 1987, p. 166).

A teoria das mediações traz um novo olhar na comunicação, que introduz uma ruptura e passa a ser entendida não mais a partir dos meios, mas das medidas sociais, culturais, políticas quando as pessoas dão novo sentido aos produtos midiáticos, entendendo que “a comunicação é questão de sujeitos, de atores e não só de aparatos e de estruturas; a comunicação é questão de cultura, culturas e não só de ideologias; a comunicação é questão de produção e não só reprodução” (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 150).

A década de 1960 a 1990 foi marcada pela chegada da internet e, com ela, a mudança na forma de se comunicar pela chamada, revolução digital. A partir da revolução digital, mudam os conceitos a respeito dos meios de comunicação e mescla-se texto, com som e imagem, sendo que antes havia um universo do texto, do som e da imagem. Trata-se agora da convergência das mídias e do novo contexto em que as pessoas vivem suas relações midiáticas por tecnologias (SANTAELLA, 2015).

Hoje, as redes de computadores oferecem suporte propício para que a organização horizontal de aprendizagem funcione de forma mais complexa, envolvendo criações coletivas, participativas e processos de intercriatividade e interatividade gerados pela conectividade social (SANTAELLA, 2015). Sendo assim, uma educação social no mundo tecnológico, mantendo os canais de comunicação sempre abertos, requer metodologias e ações interativas, engajadas em contextos variáveis e essenciais à inclusão tecnológica em constante transformação (HABOWSKI; CONTE; MILBRADT, 2021). A defasagem com o uso das tecnologias determina a diferença entre a marginalização dos recursos tomados de forma isolada e a

inclusão do letramento digital em “práticas sociais significativas” (WARSCHAUER, 2006, p. 64).

A rapidez da disseminação da internet pelo mundo, em relação a outras mídias chama a nossa atenção. Enquanto o rádio levou 38 anos para atingir um público de 50 milhões nos Estados Unidos, o computador levou 16 anos, a televisão, 13 anos e a internet levaram apenas 4 anos para alcançar a marca de 50 milhões de internautas (SANTAELLA; ARANTES, 2008). Diante de tudo o que foi exposto, reflexões acerca do assunto devem ser implementadas, no entanto, o potencial educacional que as TIC oferecem não pode ser negado, mas precisa ser integrado efetivamente na escola, principalmente na rede pública de escolarização, já que pode servir como mais uma possibilidade para a construção da cidadania plena. Para tanto, faz-se necessário estabelecer como propósito a utilização da produção multimídia de forma a desenvolver o potencial crítico sem negar o papel de consumidores que somos, mas sob forma consciente, salientar a nossa função de emissores e receptores do saber e da informação.

Seguindo o trabalho de Soares (2008), optamos pela caracterização do termo mídias no plural, por entendermos que, dessa forma, abrange um conjunto mais amplo. Nesse sentido, quando nos referimos as mídias, definimos pelo conceito de comunicação das mídias de massa, tanto as artes quanto a literatura. Nesse contexto elegemos o rádio, a televisão, as propagandas, o cinema, o teatro, a música e todas as expressões literárias, acolhendo dentro desse contexto também, as mídias emergentes associadas às tecnologias de informação e comunicação (TIC) que, de acordo com a autora, compreendem três aspectos, o uso da informática, das telecomunicações e das mídias eletrônicas (SOARES, 2008).

2.2 Discursos vigentes entre mídias e juventudes

Há diversas pesquisas no Brasil que investigam as mídias digitais em articulações e diálogos com a educação, no que se refere à mídia-educação. Destacamos aqui a perspectiva de Ribeiro (2014, p. 7), que considerou em sua pesquisa de mestrado as articulações da convivência cotidiana de adolescentes com as mídias digitais, propondo estudos em torno de jogos, celulares, internet e concluiu sustentando as seguintes categorias:

- a) Adolescentes e a convivência com as mídias digitais; b) O processo de educação para convivência com as mídias digitais percebidos pelos adolescentes. O estudo permitiu observar que os alunos estão inseridos em um contexto de educação paralelo à escola, sem orientações, em que eles vivem uma autodidaxia que os deixa vulneráveis a todo tipo de intenções na internet.

Os dados da pesquisa de indicam também que os adolescentes passam horas mergulhados em ambiências digitais (em uma atmosfera inundada por áudios, vídeos, músicas, filmes, jogos na internet, etc.), sem orientações de tempo para ampliar outras atividades, suportes de estudos e leituras (RIBEIRO, 2014). “A cultura da atualidade está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de inter-relação” entre sujeitos, informações e imagens na cultura digital, mas que seduzem mais pelo poder das interfaces do que como fontes de aprendizagem para avançar na formação humana (COSTA, 2003, p. 13). Vale a pena lembrar que “a tecnologia é um ingrediente da cultura contemporânea sem o qual ciência, arte, trabalho, educação, enfim, toda a gama da interação social tornar-se-ia impensável” (SANTAELLA, 2009, p. 499). Dito de outra forma,

Os meios do nosso tempo, neste início do terceiro milênio, estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo ao artista horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade. (SANTAELLA; ARANTES, 2008, p. 39).

Vivemos cada vez mais em bolhas digitais onde *o meio é a mensagem* numa condição humana planetária que esquece os diálogos educativos pois há uma cacofonia e pobreza de experiências, inclusive pelo esvaziamento semântico das palavras, em meio aos narcisismos generalizados. Há buracos negros na educação que são ignorados, subestimados ou fragmentados em programas educativos, planejamentos fechados, concepções racionalizadoras do ensino enquanto subprodutos das tecnologias digitais (CONTE, 2021). Aumenta só o vazio e o tédio dos jovens que traduz o fenômeno moderno da frustração, inclusive com a indústria cultural, que espanta a experiência pelo excesso de estimulações e entorpecimento dos sentidos (CONTE, 2021). Outra publicação que destacamos é o *Marco Civil da Internet* que pelo seu conjunto de fatores envolvidos na elaboração, em termos de direitos humanos, trazendo uma espécie de ineditismo e servindo de modelo às democracias que gozam de autonomia e liberdade na orientação das redes, bem como aponta três pilares para o tratamento da comunicação como um direito fundamental.

Figura 1 – Os três pilares do Marco Civil da Internet



Fonte: Bol (2014, *online*).

As leis são importantes, mas sem as práticas éticas e estéticas de nada adianta ou garante a inclusão de todos e o respeito às diferenças regionais. Tendo por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos, concordamos com Wilson *et al.* (2013, p. 20), no sentido de que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de opinar livremente e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras”. Recentemente, consolidaram-se aproximações entre os campos da mídia e informação que possibilitaram o exercício dos direitos humanos

fundamentais, traduzidos em documentos oficiais como alfabetização midiática e informacional¹².

As juventudes¹³ são mobilizadas no espaço público e em perspectivas de democratização do acesso e da própria constituição da educação, aprofundando as contradições existentes que produzem um impulso prático à intercomunicação no mundo (HABOWSKI; CONTE; MILBRADT, 2021). Além disso, elas trazem a marca de novas formas de ensinar e de aprender, num mundo sem fronteiras ao conhecimento e marcado pela pluralidade de relações, interdependência e interculturalidade. Nesse contexto, “quando a linguagem dos jovens se refere a alguém dormindo até tarde e sonhando como *ainda não conectado*, ela expressa bem mais do que imagina, a saber, a lei básica de uma nova ontologia: quem não transmite não está *ai*” (TÜRCKE, 2010, p. 45, grifos do autor).

As tecnologias da informação e da comunicação, atreladas à formação de uma economia global, tem impactado nas relações humanas, criando novos processos sociais, econômicos e culturais (CASTELLS, 1996). As mídias atualmente se convergem, em um processo que, segundo Jenkins (2009, p. 29), não deve ser vislumbrado apenas no âmbito tecnológico, mas principalmente, em “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. A informação se tornou um bem disputado e de valor crescente – as pessoas querem produzir e compartilhar conhecimento, em uma cultura cada vez mais participativa (BERNARDI, 2021).

Embora a adoção da tecnologia digital tenha modificado consideravelmente os hábitos de consumo de notícias – particularmente para quem tem acesso à internet banda larga, as plataformas tradicionais, como rádio e TV, ainda são as principais fontes de notícias da população brasileira. De acordo com a pesquisa nacional da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - Secom (BRASIL, 2016), 58% dos brasileiros tem acesso à internet. A televisão ainda é a plataforma preferida para consumo de notícias pela maioria da

¹² No mundo todo são utilizadas diversas terminologias relacionadas ao contexto de um amplo campo de estudos que incluem a alfabetização midiática, a saber: Alfabetização midiática; Alfabetização Informacional; Liberdade de expressão e alfabetização informacional; Alfabetização no uso de bibliotecas; Alfabetização no acesso a notícias; Alfabetização computacional; Alfabetização no uso da Internet; Alfabetização digital; Alfabetização cinematográfica; Alfabetização no uso de jogos; Alfabetização televisiva, alfabetização publicitária (WILSON *et al.*, 2013).

¹³ “As formas desiguais de inserção social e acesso aos bens culturais em função das diferentes realidades econômicas e políticas vão configurar os muitos modos de ser jovem. Para exemplificar: a oferta e consumo cultural apresentam-se de maneiras diversas” (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 47). Assim como Dayrell (2007, p. 4) afirma que “na realidade não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos, que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”.

população. Mas, ao analisar esse consumo por faixa etária, é possível verificar que a internet é a plataforma preferida pelos brasileiros com idades entre 12 a 15 anos e/ou pessoas com nível universitário.

Segundo a pesquisa “Consumo de Notícias do Brasileiro” realizada em parceria entre *Advice Comunicação Corporativa e a BonusQuest*, a internet é a principal fonte de informação para 80% dos brasileiros: soma de portais (28%), jornais *online* (26%) e redes sociais (14%), isso significa dizer que 68% dos brasileiros tem a internet como sua principal fonte de informação¹⁴ (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021). Os dispositivos móveis destacam-se como principal meio de acesso à internet entre os mais jovens, inclusive apontando que *42% admitem já terem compartilhado notícia falsa nas redes sociais* (REDE ABERIE, 2018).

Dados divulgados pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República (BRASIL, 2016) apontam que 65% dos jovens brasileiros com até 25 anos acessam a internet todos os dias, 67% desses jovens afirmam que o uso é principalmente destinado à diversão e à busca de notícias. Dentre os 65% de jovens que afirmam acessar a internet diariamente, 81% o fazem a partir do uso de dispositivos móveis. Para Martino (2015, p. 58), a possibilidade de participar das redes *online* a partir de dispositivos móveis “permite a transposição contínua entre *mundo físico e mundo online*, em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e àquelas desenvolvidas *offline*”.

De acordo com a pesquisa Juventude Conectada (2016), 85% dos entrevistados usam o celular como principal dispositivo de acesso à internet. Esse índice representa um crescimento de 102% em relação à primeira edição do estudo, realizado em 2013. Mesmo com a ascensão do uso dos dispositivos móveis, o acesso doméstico ainda é predominante: 49% dos jovens afirmam utilizar a rede *wifi* de suas casas mais de uma vez por dia. Quando se observa a frequência média de uso, ela é de 5,1 dias por semana. Isso se deve, em parte, às limitações dos pacotes de dados dos *smartphones* (3G/4G), que são apontados como a segunda forma de conexão mais utilizadas: 45% dos jovens dizem usar os planos de acesso à internet de seus celulares mais de uma vez por dia. Quando se observa a frequência média de uso, ela é de 4,7 dias por semana (FUNDAÇÃO TELEFONICA, 2016).

O acesso às novas tecnologias digitais tem revolucionado os modos de vida e gerado hábitos que afetam os jovens e quase toda a população brasileira, bem como as relações intersubjetivas, as formas de sociedade, os modos de aprender e de construir seu ambiente cultural, adaptando inclusive as formas de lazer e diversão (HABOWSKI; CONTE;

¹⁴ Disponível em: <https://www.gov.br> Nota-se também outros indicadores como o PNAD Contínua TIC 2019, que identifica que a internet chega a 82,7% dos domicílios do país (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2021).

MILBRADT, 2021). Torna-se importante nesse processo um olhar atento às relações entre jovens e meios tecnológicos, uma vez que esses sujeitos são constituídos da produção social da cultura, do conhecimento e da informação (BOURDIEU, 2009). Os jovens têm sido dominados pelo ciberespaço e pela aldeia de manipulações ideológicas globais postas em ação pela indústria cultural, que surge como um braço estendido do próprio sistema capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A presença das tecnologias digitais é um dos componentes das transformações sociais das culturas juvenis, visionárias e revolucionárias de um tempo da velocidade, dos processos de globalização e da inovação tecnológica. A partir do momento em que uma sucessão de criações possibilitou a conexão digital entre os indivíduos nas redes de informações e comunicação, os costumes e as práticas sociais passaram por transformações (HABOWSKI; CONTE; MILBRADT, 2021). As expressões de uma sociedade em constante transformação, reconstrução de identidades, diferentes expressões de solidariedade, construção polissêmica, entrecruzamento de conversações, manifestam-se como metáfora de uma cultura jovem, marcada pelas múltiplas formas de fazer, ver, ser e comunicar, que tencionam novas formas de aprender e interrogar as tecnologias na sociedade do espetáculo enquanto uma espécie de lugar comum.

Podemos caracterizar como acontecimento virtual, os instrumentos massivos de mídia e especialmente os *PCs*, *Tablets*, *Celulares*, *E-books*, *Lousas Digitais* e a *TV*, aquilo que Lévy (1999) definiu como virtual, ou seja, aquilo que provocou em nossa sociedade a mesma mudança que a invenção da imprensa por Gutemberg provocou no final da Idade Média (HABOWSKI; CONTE, 2020). Nesse sentido, as novas formas de vida são a base cultural para a atualização tecnológica constante em uma cultura militante e democrática das juventudes, repercutindo na forma como são construídos o imaginário social, as identidades, as novas sensibilidades e sociabilidade e as utopias comunicativas (MARCUSE, 1997; HABERMAS, 2003; SPOSITO, 2009).

A digitalização tem afetado intensamente as humanidades culturais. A qualidade e a rapidez na transmissão de pacotes de dados dentro de um ambiente que permite a comunicação de forma anônima e a livre circulação de informações criaram um cenário propício para a criação e o compartilhamento de conteúdos - por qualquer pessoa e a qualquer tempo e lugar (SILVEIRA, 2009). As novas tecnologias têm influenciado as relações humanas de tal maneira que tais relações já não conseguem mais ser completamente entendidas fora do olhar das mídias, ou seja, do princípio da exibição do público e do privado. De acordo com o entendimento de Castells (1996, p. 5), “a tecnologia não é somente a ciência e as máquinas: é também tecnologia

social e organizativa”. Ou seja, a revolução tecnológica está diretamente relacionada com as habilidades de uma sociedade para difundir e trocar informações, relacionando-as com o resto do mundo.

A convergência tecnológica resulta de um fluxo de conteúdos que transita pelas múltiplas plataformas de mídias. “Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, culturais e sociais” (JENKINS, 2009, p. 29). Com esse conceito, o autor defende a convergência como um processo que transcende o tecnológico para outras dimensões políticas, educativas, culturais, éticas e estéticas dos mundos em relação dialética com as formas de vida. A convergência é entendida como uma transformação cultural, uma vez que incentiva os consumidores a buscar informações em diversos meios e criar novas interconexões. É por essa razão que, para o autor, a convergência não ocorre apenas dentro dos aparelhos, mas, principalmente dentro do cérebro de cada indivíduo e em suas relações sociais. Jenkins (2009, p. 30) acredita que “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos dos fluxos midiáticos [...] através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana”.

Para chegar a essas conclusões, o autor analisa o fluxo de conteúdos que permeiam múltiplos suportes midiáticos, considerando o comportamento migratório do público, que oscila entre diferentes canais de mídia em busca de novas experiências. Por essa razão, entende que a cultura da convergência se apoia em três grandes pilares: (1) a convergência tecnológica dos meios de comunicação, (2) a cultura participativa e (3) a inteligência coletiva (JENKINS, 2009). A convergência de mídias, a cultura participativa e a inteligência coletiva favorecem as práticas de criação, compartilhamento e recombinação de conteúdos dentro de ambiências digitais.

Tendo em vista a complexidade da temática aqui abordada, realizamos, inicialmente, uma busca bibliográfica em repositórios digitais a fim de obter atualizações sobre os estudos no campo das mídias, educação e juventudes. O levantamento de dados foi realizado nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e no *Google Acadêmico*, rastreando as produções sobre essa temática de 2015 até 2021.

Foram usadas as seguintes palavras-chave: “mídias” AND “educação”, “mídias” AND “juventudes”, “educação” AND “jovens” e, já que tivemos dificuldades em encontrar os termos correlatos juntamente na BDTD. Com as palavras mídia-educação e juventudes, sem aspas, identificamos três (3) trabalhos em períodos anteriores, a saber: 1) *Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global* – Tese de Doutorado em Educação defendida por Saraí Patrícia Schmidt, em 2006, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2) *As relações entre educação, comunicação e juventude rural a partir do*

dialogismo bakhtiniano e da lógica hipertextual - Dissertação de Mestrado em Educação defendida por Tatiana Castro Mota, em 2011, na Universidade de Brasília; 3) *O que os professores acham que aprendem com a televisão* defendida por Cíntia Nascimento de Oliveira Conceição, em 2010, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. Em relação às poucas pesquisas discentes nesse período, identificamos essa temática de suma relevância na atualidade, dada a incidência de novos dispositivos e tecnologias digitais no cotidiano dos jovens e em pesquisas oficiais no Brasil, anteriormente relatadas nas mídias.

Ao fazer as buscas no *Google Acadêmico*, rastreando as produções sobre essa temática de 2015 até 2021, com as palavras-chave: "mídias e juventudes", encontramos três (3) resultados: *Mídias e juventudes: representações da juventude negra em propagandas* (NGANGA, 2018); *Estado do Conhecimento Sobre Juventudes e Consumo* (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021); *Subjetividade do aluno negro e a representatividade midiática televisiva* (ARMANDILHA, 2021). Tais trabalhos encontrados irrompem novos olhares em relação à importância do tema na atualidade, para problematizar e contextualizar a pertinência dessa discussão, em termos de condicionalidades e reflexões das juventudes.

Em outra busca com as palavras-chave "mídias e jovens" no *Google Acadêmico* de 2015 até 2021, rastreamos cinco (5) textos: *Entre o Tempo Livre e a Educação: Considerações sobre Juventude, Mídias e Lazer* (CRUZ JUNIOR; BUNGENSTAB, 2018); *Mídia e Cotidiano: uma cartografia de pesquisas* (MORAIS et al., 2020); *Jovens estudantes de música na cibercultura musical: facebook e educação musical 2.0* (BECHARA, 2015); *Jovens das classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem* (LOPES, 2015); *(Re)pensando a economia criativa: desenvolvimentos empreendedoras no Brasil e em Portugal* (SOUZA, 2018).

Procuramos outros estudos aproximados e de forma aberta (sem aspas) por curiosidade, no sentido de incluir perspectivas sobre a temática para mostrar uma visão panorâmica dos títulos/assuntos das pesquisas recentes. Então, coletamos no *Google Acadêmico* sem aspas e com as palavras-chave: mídia, educação e juventudes e o universo de pesquisas ficou ampliado, com aproximadamente 15.600 resultados.

Por meio da coleta de dados e catalogação dos títulos encontramos também a pesquisa de Silva (2016, p. 8), defendendo que os estudantes podem “a partir da construção e desenvolvimento de jogos virtuais, dar novos significados ao processo de ensinar e aprender Matemática”. Somado a isso, Silva (2016, p. 8) acrescenta que “a evolução do processo de criação de jogos tornou nossos sujeitos conscientes dos processos técnicos de desenvolvimento e programação de um game e da ligação dos conceitos matemáticos necessários para a execução

deste trabalho”, ressignificando a experiência que esses sujeitos possuem com jogos digitais no processo de reconstrução do conhecimento.

Em sua tese, Silva (2016, p. 166) percebeu que “a relação dos jogos digitais com o mundo (em aspectos socioculturais) desses jovens é bem mais profunda” do que ele imaginava no início da pesquisa. A relação que os estudantes têm com os jogos digitais é fácil e íntima, desta forma, “falam com naturalidade que jogam em demasia e que, às vezes, chegam a se comprometer com os jogos deixando de fazer certas atividades” como alimentar-se, descansar ou participar de encontros concretos ou sociais (SILVA, 2016, p. 167).

O processo de significação e construção dos jogos, no sentido técnico, desde a “programação, editoração, animação, sonorização, design e outros” e seus sentidos matemáticos, determinados pela interatividade do grupo, geraram novas capacidades de cooperação e reconstrução daquilo que foi proposto (SILVA, 2016, p. 167). Nesse sentido, “a escola, como um todo, deve conceber a educação da juventude dentro do atual contexto sociocultural que vivemos, promover o ensino com base nos processos atuais de fazer e ser da juventude” (SILVA, 2016, p. 168). Oportunizando, ainda, “aos jovens autores, não só de seus conhecimentos, de produtos finais, participando de decisões e avaliando os resultados fazendo com que a Educação tenha melhorias significativas” (SILVA, 2016, p. 168).

É através da conversação que se inicia o ato de ensinar com atividades participativas de pesquisa e de elaboração pessoal e coletiva, onde somos envolvidos e motivados a reconhecer e reconstruir conhecimentos, para que a partir daí se possa fazer novas interpretações com o conhecimento social na construção da própria autonomia. Os processos educativos são dinâmicos, interdependentes e estão associados à capacidade de gerar novas leituras ou releituras com jovens para desenvolver articulações ao ato de aprender.

O que nos leva ao encontro da concepção de Habermas (2004, p. 240), que pode ser situada na linguagem do mundo digital, de uma epistemologia social, onde todos estamos inseridos, neste diálogo, a autoridade epistêmica passa “para a práxis de justificação de uma comunidade linguística, [...] onde todas as explicações partem do princípio de uma linguagem comum”. Dentro de um processo formativo e argumentativo, próprio da cultura digital, a autoridade do saber pedagógico está na relação de correspondência e cooperação em que todos podem acessar pela interpretação, crítica e possibilidade de reconhecimento num mundo compartilhado (HABOWSKI; CONTE, 2020).

Na teoria do agir comunicativo de Habermas (2003), o saber é o resultado da discussão social e não só de uma única forma cognitivo-instrumental para se atingir um consenso. Assim, surge a necessidade de pensar por meio de uma perspectiva alargada as tecnologias na educação

e não simplesmente adaptá-las ou assimilá-las de forma ingênua e operacional ao cotidiano escolar dos jovens estudantes (CONTE; HABOWSKI, 2020).

O contexto atual tem deixado em frequente evidência os protagonistas - jovens, juventudes, desta investigação. As mídias, as tecnologias digitais e os jovens tem sido alvos de muitos debates, notícias, preocupações e, sem dúvidas, tem chamado a atenção das famílias e dos ambientes escolares. As rotinas têm se alterado e os computadores, os *mobiles*, os aplicativos e a internet já fazem parte do cotidiano de milhões de jovens no Brasil.

A comunidade do Mundo Novo não é diferente, tendo uma intensa movimentação de grupos de jovens nas mais diversas redes sociais *online* e diversos aplicativos de interação interpessoal. Ao realizarmos um mapeamento de algumas pesquisas e programas de cunho estatístico produzidas no Brasil, encontramos discursos para a compreensão dos problemas contemporâneos das juventudes e suas interfaces tecnológicas em forma de políticas públicas pensadas para esse grupo.

Observamos e catalogamos alguns dados importantes da pesquisa *Juventude Conectada* (2014; 2016), idealizada pela Fundação Telefônica -Vivo e realizada em parceria com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). As informações coletadas pelo instrumento Juventude Conectada “entrevistou 1.440 jovens, realizou 6 grupos de discussão em profundidade, fez monitoramento de navegação de 10 jovens, além de entrevistas com 8 especialistas, captando reflexões e tendências” (IBOPE, 2014, p. 7).

No Brasil, o acesso à internet cresceu 143,8% entre a população com 10 anos ou mais de 2005 para 2011, enquanto o crescimento populacional foi de 9,7%, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/2011), divulgada no ano de 2013. O número que em 2005 era de 20,9%, passou para 34,7% em 2008, para 41,6% em 2009 e para 46,5% no ano de 2011. Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) mostram que esse número deve ser ainda maior nas próximas pesquisas divulgadas.

Se levarmos em conta os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgados em 2013, percebemos que 48,1% dos domicílios brasileiros tinham pelo menos um computador em sua estrutura. Porém, se analisarmos pelas faixas etárias mais jovens, especificamente no público de 15 a 29 anos, fica nítido que o acesso é relativamente alto, mesmo entre os mais novos, reforçando a teoria de que as juventudes atuais são mais tecnológicas e tem buscado diversas maneiras para conseguir o acesso a essa nova realidade, ampliando seus canais de comunicação. Além disso, pensando na questão geracional, podemos observar uma tendência de fixação das mídias conectadas como prioridade das juventudes atuais.

A popularização, expansão e busca pelo acesso à internet são nítidos. O levantamento do PNAD/2011 também aponta que quanto maior a escolaridade, mais elevada é a inclusão na rede digital. Frente a isso, nota-se que, em 2011, das pessoas que tinham 4 a 7 anos de estudo, apenas 33% acessavam a internet; dos que tinham de 8 a 10 anos de estudo, o número era de 51,2%, das pessoas de 11 a 14 anos de estudo, já temos expressivos 71,5%; e, por fim, para as pessoas que têm 15 anos ou mais de estudo (e que superam a barreira do Ensino Superior), esse número chega a expressivo 90,2% (IBGE, 2013).

Antes disso, podemos perceber o notável crescimento do uso entre os estudantes do Ensino Fundamental e Médio entre 2005 e 2011. Essa realidade mostra que vem aumentando o acesso e a popularização das tecnologias digitais entre as gerações mais novas, criando condições para que cada vez mais jovens façam parte das *juventudes conectadas* (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014; 2016). Os jovens que crescem familiarizados com essas tecnologias tendem a ter características de consumo de mídias profundamente ligadas ao mundo digital.

Cabe lembrar que para Jenkins (2009), as *habilidades comunicacionais da nova literacia midiática* não advém apenas do acesso às mídias digitais, mas permeiam os grupos sociais em que são relacionadas, articulando identidades e valores compartilhados, articulados às capacidades de: *Jogar* (experimentar o ambiente); *Desempenho* (adotar identidades alternativas, improvisar e descobrir); *Simulação* (interpretar e construir modelos dinâmicos de processos do mundo real); *Apropriação* (remixar significativamente o conteúdo da mídia); *Multitarefa* (digitalizar o ambiente e mudar o foco sobre o que é importante); *Cognição distribuída* (interagir significativamente com ferramentas que expandem as capacidades mentais); *Inteligência coletiva* (reunir conhecimento e comparar notas com outras pessoas com um objetivo comum); *Julgamento* (avaliar a confiabilidade e credibilidade de diferentes fontes de informação); *Navegação Transmídia* (acompanhar o fluxo de histórias e informações em várias modalidades); *Rede* (procurar, sintetizar e divulgar informações); *Negociação* (viajar por diversas comunidades, discernir e respeitar várias perspectivas e normas alternativas).

As tendências apontadas pela pesquisa Juventude Conectada (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014; 2016) mostram possíveis motivos para a ampliação do acesso à internet dentro das mais diversas classes sociais. Nos últimos anos ocorreu um barateamento dos custos de planos da internet (conexões 3G e 4G), principalmente, da internet fornecida em conjunto com pacotes de TV a cabo, que hoje é um dos fatores para que ocorra esse aumento do consumo, tanto em computadores tradicionais, quanto em *notebooks* ou dispositivos móveis (visto que muitas dessas operadoras fornecem *modem* com *wi-fi* no pacote contratado).

Em dados recentes, 32,8% afirmavam ter banda larga via TV a cabo; 23% acessava a internet via banda larga telefônica (DSL) e, em processo de expansão, 18,3% dizem ter *modem* de telefonia móvel. Com aproximadamente 10% cada, estão a banda larga via satélite e a banda larga via rádio e, de forma quase inexpressiva, apenas 1,5% afirma utilizar internet discada hoje (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2016).

Para os jovens internautas pesquisados, independentemente de gênero, idade, classe social, “a internet é acessada tanto pelos computadores de mesa (*desktops*), quanto pelos celulares” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014, p. 45). Os dados apresentados mostram que 73% desses jovens ouvidos acessam a internet majoritariamente de suas residências. Porém, mesmo dentro do ambiente de suas casas, a pesquisa mostra que eles preferem os celulares. Isto porque, “para esses jovens, o celular aparece como opção preferencial por permitir a conexão à internet a toda hora e em qualquer lugar” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014, p. 45). Ainda, “85% dos entrevistados usam o celular como principal dispositivo de acesso à internet. Esse índice representa um crescimento de 102% em relação à primeira edição do estudo, realizada em 2013” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2016, p. 21).

Se observarmos por camadas sociais, a “conexão à internet via celular é intensamente utilizada por jovens de todas as classes socioeconômicas: A (86%), frente aos das classes B (75%), C (69%) e D (54%)” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014, p. 43). Nota-se que as classes C e D tem mais dificuldade de acesso via celular, em determinadas ocasiões, devido à dificuldade de adquirir planos de internet móvel das operadoras de celular. Mesmo assim, quando perguntados qual é o *Equipamento de Acesso mais frequente à Internet*, novamente, essa tendência se fortalece e 42% do total aponta o celular como o principal meio de acesso. O computador (*desktop*) aparece com 33%, computadores portáteis (*notebook, netbook e laptop*) com 22% e, com apenas 3%, os *tablets*, na última posição (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014). Cabe destacar que “o celular é o equipamento de acesso à internet por excelência em todas as cinco regiões do País, sem exceções” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2016, p. 22).

Os dados coletados pela pesquisa Juventude Conectada, em uma análise detalhada das respostas obtidas, apresentam uma realidade curiosa. Em geral, os tipos de consumo e uso das mídias digitais são semelhantes nas mais diversas classes sociais, ou seja, as práticas preferidas e as mais fortes utilizações tendem a ser as mesmas. No entanto, o que muda nitidamente é a intensidade de uso. “De modo geral, quanto mais baixa a classificação socioeconômica, mais alto se revelou o índice de não participação no uso das ferramentas digitais. [Embora as práticas sejam parecidas quando são] executadas pelo jovem de mais baixo *status* social, as suas práticas

são sempre menos intensas do que as dos jovens de classes econômicas mais altas” (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014, p. 64). Em relação à forma de acesso,

Mesmo com a ascensão meteórica do celular, o acesso doméstico, realizado na residência do jovem, ainda é predominante: 49% dos jovens afirmam utilizar a rede *wi-fi* de suas casas mais de uma vez por dia. Quando se observa a frequência média de uso, ela é de 5,1 dias por semana. Isso se deve, em parte, às limitações dos pacotes de dados dos smartphones (3G/4G), que são apontados como a segunda forma de conexão mais utilizada: 45% dos jovens dizem usar os planos de acesso à internet de seus celulares mais de uma vez por dia. Quando se observa a frequência média de uso, ela é de 4,7 dias por semana. (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2016, p. 23).

Esse desenho panorâmico trouxe uma espécie de horizonte e de *anamnese* dos jovens do país, para responder à questão central da nossa pesquisa - “Qual a influência que as mídias exercem sobre os jovens da comunidade Mundo Novo?”. É importante frisar que buscamos construir um olhar sociocultural das linguagens dos jovens participantes, tentando entender suas características socioeconômicas, suas visões de mundo, sensibilidades e sociabilidades, enfim, as relações com os mais diversos tipos de mídias e seus comportamentos digitais. Contudo, buscamos discutir de que maneira os jovens da comunidade Mundo Novo têm interagido com esses contextos conectados e utilizado os mais diversos aparelhos e dispositivos tecnológicos. Além disso, tentamos mapear as relações entre esses jovens, observando algumas questões específicas desse público-alvo, em analogia com as gerações anteriores, para se incluírem democraticamente nessa nova lógica da interconexão digital.

2.3 Linguagem Oral e Escrita

O estudo sobre as diferentes possibilidades de uso da língua existe desde o início da formação cultural, no entanto, foi no século XIX que se inicia um estudo mais intimista e próspero da linguística. De acordo com Borges Neto (2004), anterior a esse século, a configuração da linguística estaria dividida entre as concepções nacional e filológicas, a primeira tinha como seus maiores representantes Platão e Aristóteles, desenvolvendo seus estudos para a relação entre som e sentido, ignorando qualquer tipo de variação linguística. Já a concepção filológica, representada principalmente pelos gramáticos alexandrinos, não ignorava a variação linguística, mas a apresentava como um desvio, demonstrando possivelmente, a primeira perspectiva normativa/prescritiva dos estudos da linguagem. Ainda, segundo Borges Neto (2004), é possivelmente essa perspectiva que dá origem aos estudos de correto e incorreto na gramática.

Na perspectiva de Travaglia (1998), podemos afirmar que a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de reproduzir a própria língua (a língua é vista como um código, um conjunto de signos, letras, sons, gestos que se combinam segundo regras), não apenas para se comunicar, mas para algo mais amplo, como a interação social, o estudo, entre outros aspectos. A linguagem, para Travaglia (1998), pode ser entendida como instrumento de comunicação, ou seja, como um meio objetivo para a comunicação e a compreensão das múltiplas linguagens. A linguagem é o alicerce da cultura humana, sendo o artefato fundamental de sua manifestação e desenvolvimento. A cultura, para Barthes (1998, p. 69), é tudo e é também linguagem, é um “espaço de dimensões múltiplas, é um tecido de citações saídas dos mil focos da cultura e o homem precisa dessa cultura. Ambas estão relacionadas a certas regras que vem de uma lógica milenar da narrativa”.

A oralidade é a forma de linguagem básica do sujeito sendo caracterizada em duas tipologias distintas oralidade primária e secundária. As sociedades da oralidade primária são também chamadas de culturas orais ágrafas, culturas sem escrita, culturas não-letradas, culturas oralistas, culturas verbo-motoras ou acústica e são, por excelência, o lugar dos narradores, dos mitos e das lendas (RAMAL, 2002). Por meio de signos comuns de voz que eram compreendidos pelos membros de um mesmo grupo, as pessoas se comunicavam e aprendiam (KENSKI, 2007). Para que tais conhecimentos não fossem perdidos, eram periodicamente retomados e repetidos em voz alta. Desta forma, não havia nenhum modo de armazenar as representações verbais para futura realização. “Assim, ritos e mitos são retidos quase intocados, pela roda das gerações” (LÉVY, 1993, p. 38).

Essa percepção é reforçada graças à compreensão do papel da linguagem nos processos de comunicação humana, onde se faz mais presente. A linguagem possibilita o diálogo com o outro e a compreensão mútua, sendo vista por Gadamer (2002, p. 243) como “a capacidade para o diálogo que é um atributo natural do homem. Aristóteles definiu o homem como o ser que possui linguagem, e a linguagem apenas se dá no diálogo”. Diz ainda que, mesmo que a linguagem venha a ser submetida a regras e procedimentos gramaticais, “sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuramento até às elevadas formas estilísticas da arte literária, tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os seus interlocutores” (GADAMER, 2002, p. 243).

O espaço do saber é habitado, animado também por intelectuais coletivos, imaginantes coletivos, em permanente reconfiguração dinâmica. A afirmação posiciona novamente o processo comunicativo em outra perspectiva, à medida que os intelectuais coletivos inventam

línguas mutantes, constroem universos virtuais, ciberespaços em que se buscam formas inéditas de ser, de agir e de estar em comunicação (LÉVY, 1994).

Ainda, refletindo sobre a linguagem, Lévy (1993) indica que se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos, mais violentos que os das plantas e animais é porque dispõe desse extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem. De acordo com Souza (2001, p. 10), também se usa tal pensamento para expressar que “somos conforme a linguagem que utilizamos para dizer uns aos outros quem somos”. Nesse caso, o processo social criou, ao longo da história recente, o que chamamos de mídias - os meios de comunicação social. O estar junto passou a ser necessariamente midiaticizado pelas técnicas de comunicação.

Apesar de apontamentos ligados a certa homogeneização dos significados, reforçada pelos pressupostos de contextualização dos sujeitos em realidades similares, cabe ressaltar que a narrativa carrega em seu bojo de intersubjetividade a possibilidade de diferentes interpretações, provenientes, por exemplo, de diferentes perfis atrelados a carga emocional do narrador quando de sua exposição oral. “A coerência das mensagens reside muito mais na unidade de sentimentos que existe entre as consciências que as partilham do que na lógica dos próprios acontecimentos” (RAMAL, 2002, p. 38).

Como exemplo dessa visualidade emocional presente nas narrativas, identificamos que “as sociedades orais são constituídas de gente diferenciada, não por suas habilitações especializadas ou sinais visíveis, mas por suas singulares misturas emocionais” (MCLUHAN, 1974, p. 69). A oralidade primária qualifica assim as culturas desprovidas do conhecimento de qualquer forma de escrita. Portanto, ainda hoje, a linguagem oral é a nossa principal forma de comunicação, rememoração de histórias de vida e é pelo aspecto afetivo que se fixam essas referências socioemocionais que vem alterando os modos como vivemos ao longo da história.

Já a linguagem escrita é aquela que compõe nosso pensamento no papel, na escrita digital, etc. A linguagem escrita que também é chamada de verbal, precisa atender às regras gramaticais, pois diferente da linguagem oral, que geralmente se aproxima mais de uma linguagem coloquial, a linguagem escrita é formal, principalmente em um ambiente acadêmico ou profissional. Contudo, não podemos confundir a linguagem oral com a linguagem escrita, pois a primeira é mais espontânea, e abrange diversos fatores linguísticos em sua totalidade, como por exemplo, as diferenças regionais, enquanto que a linguagem escrita é um sistema organizado, que segue uma regra, uma norma e precisa ser utilizada igualmente nas diferentes regiões do país.

A linguagem escrita é geralmente aprendida na escola, e diferente da linguagem oral, que aprendemos desde o *balbuciar* sons com toda sua simplicidade, são diferentes, apesar de terem como objetivo comum: a comunicação. É preciso usar mecanismo para garantir ao interlocutor a compreensão do que se lê ou se ouve. Essa conexão é conhecida como coesão, a qual permite uma ligação entre as partes de um texto, sejam elas palavras, frases ou parágrafos. A linguagem escrita possui características especiais, apresentadas por Marcuschi (2010, p. 22) como “um hibridismo mais acentuado” entre fala e escrita, pois a fala apresenta um caráter mais informal do que a linguagem utilizada em textos escritos, o que facilita a aproximação e a interação entre os participantes. Embora a linguagem escrita necessite de uma linguagem formal, até porque os estudantes precisam escrever seus trabalhos acadêmicos segundo o padrão regido pelas normas ortográficas em vigor.

É nas salas de aula e nos espaços participativos de professores e estudantes que se usa muito a fala, a conversação e o diálogo como recursos para interagir em forma de linguagens expressivas. E dessa forma, são produzidas narrativas orais visando a troca de experiências e dos saberes culturais transmitidos. acreditando-se assim, que a fixação mnemônica produza efetivamente aprendizado. A sociedade oral, em todos os tempos, aposta na memorização, na repetição e na continuidade de aprendizagens sociais, tendo em vista a leitura do mundo e da palavra, o ensinar a pensar e a contextualização para aprender (KENSKI, 2007).

A oralidade secundária, por definição, é a expressão da nossa sociedade nos dias atuais, pois se apresenta como a combinação dos elementos da oralidade primária acrescidos dos elementos que caracterizam as culturas que possuem e utilizam a linguagem escrita (KENSKI, 2007). Na opinião de Marcuschi (2005, p. 17), a linguagem oral não pode ser considerada superior a linguagem escrita da língua, pois há uma visão errônea com relação ao conceito de que a escrita é uma derivação da oralidade. No entanto, Marcuschi (2005), destacando que Heath (1983), apresentou em seus estudos sobre letramento a possibilidade de mesclar a linguagem oral e escrita em determinados contextos e atividades.

É pela linguagem, seja ela oral, escrita ou digital, que o professor cria estratégias que envolvem e motivam seus estudantes. Sendo assim, não basta que o professor domine a tecnologia digital para fomentar o processo de ensino e de aprendizagem. O professor também precisa, entre outros fatores, saber utilizar as diferentes linguagens para despertar a busca de conhecimentos e a curiosidade, principalmente a escrita, de modo a produzir sentidos e a propiciar o envolvimento do estudante. A linguagem escrita pode ser interativa e tornar-se uma linguagem digital, a partir da participação em plataformas, da conversa informal através de uma rede social.

Partindo desses pressupostos de que a oralidade e escrita apresentam características próprias, mas que em determinados momentos podem apresentar uma mistura, uma hibridização pela linguagem virtual apresenta-se como a representação dessa união, pois tem em sua estrutura características de ambas as modalidades da língua, com o objetivo de representar expressões que somente são possíveis em uma conversação oral.

2.4 Linguagem Virtual

A experiência da linguagem tecnológica que se instalou em todo mundo modificou a maneira de viver, ser e de agir do sujeito, principalmente no que diz respeito à área de comunicação, impulsionando transformações que passam pelo desenvolvimento de uma linguagem própria, chamada de linguagem virtual. Sobre essa nova maneira de se comunicar, Othero (2004, p. 23) destaca que:

Uma nova forma de escrita dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo é preciso escrever rapidamente.

Esse novo modelo de escrita tornou-se mais popular e usual com o surgimento das redes sociais, já que estas representam, hoje, o que há de mais atual em termos de comunicação no meio virtual através das plataformas de conversação e acompanhamento de informação. Com relação a essas plataformas, destacamos o que Freitas e Costa (2006, p. 46) argumentam:

Não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, ou seja, de uma conversação face a face, mas, como se sabe, de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um *software* específico. A dimensão temporal desse tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronidade em tempo real aproximando-se de uma conversa telefônica, porém devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens.

Sobre a linguagem virtual, percebe-se que esta não se trata apenas de uma utilização informal das palavras da língua oficial, ela possui uma variação linguística específica formada por estruturas já estabelecidas. Sendo assim, ganhou o seu próprio nome de *Internetês*, cuja formação apresenta o uso de gírias, abreviações e os chamados *emoticons* e símbolos (MARCUSCHI, 2010).

Segundo Pereira e Moura (2005), são utilizados pelos jovens internautas através de teclas de parênteses, dois pontos, ponto e vírgula, colchetes dentre outros, para formar expressões de

sentimento como alegria, tristeza, abraços, etc., a fim de representar as manifestações que somente são possíveis em uma conversação oral. Como defende Rojo (2012, p. 22), “não são as características dos *novos* textos multissemióticos, multimodais e hipermediáticos que colocam desafios aos leitores”, afinal de contas, os jovens se familiarizam com as tecnologias digitais no sentido de um encontro (re)criador com o outro virtual, incorporando hábitos, condições de trabalho e inspirando novas formas de vida e comunicação, em ambiências de sensibilidade emocional aliada a informações e diversão coletiva no mundo digital.

Paiva (2016) complementa que os horizontes das imagens são sempre mais fortes, e que é muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo *eu te amo*. Não enviamos mais cartas, mas *e-mails*, assim como não enviamos cartões de felicitações em datas festivas, mas usamos o *facebook* como canal comunicativo, o telefone foi substituído por conversas no *whatsapp*, *chats*, fóruns, etc. Somam-se a esse universo digital, outras ambiências digitais como *blogs*, *twitter*, *linkedin* e outros. Para Vilaça e Araújo (2016, p. 131), “é um processo gradual de migração de práticas sociais presenciais (off-line) para práticas virtuais (online)”.

Diante desse novo cenário de lidar com a comunicação, com os comportamentos e os novos relacionamentos interpessoais, quais experimentações surgem com a linguagem digital? Quais transformações a sociedade tem vivenciado desde o advento digital? Nesse contexto de análise, Vilaça e Araújo (2016, p. 128) apontam que “está cultura tem implicações claras nas formas de trabalho, no consumo, na formação profissional, nos meios de interação, na educação, sem apresentar uma lista numerosa”.

Frente a isso, pergunta-se, como fica a educação? Como desenvolver o ensino e a aprendizagem ativa, criativa, participativa e curiosa para a produção de conhecimentos a essas gerações conectivas e inspiradas pelas mídias? Em sala de aula professores se deparam com estudantes de posse de seus celulares, *tablets*, *notebooks*, sempre conectados, mas a educação midiática é uma abordagem que ainda não está presente no cotidiano formativo das escolas da Educação Infantil até o Ensino Superior para a formação da cultura participativa (consciência cultural, cidadania e possibilidade de expressão).

É fato que a linguagem digital vem transformando a comunicação em todos os setores, mas, analisando especificamente a educação, a área acadêmica, com normas e padrões a serem seguidos de forma rígida em diversos trabalhos, como por exemplo, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas e as regras ortográficas, como um professor poderia orientar uma geração de estudantes que estão 24 horas por dia conectados? O acesso fácil e rápido à informação e à comunicação instantânea, por conta dos símbolos e abreviações advindos da

linguagem digital, como incluir a impermanência como lastro de garantia de direitos e potencialização dos jovens por linguagens ativas, em busca de conhecimentos abertos, de construção de conhecimentos e não apenas de consumo, em territórios digitais cada vez mais informais que vivemos?

Os professores não têm como ignorar a era digital e as novas formas de vida e comunicação. As formas de aprendizado no tempo e espaço também estão em transformação, porém, a linguagem oral e a linguagem escrita formal não podem ser substituídas, pois não há como utilizar abreviações, *emoticons* e *emojis* em artigos, monografias, dissertações e teses, assim como também precisamos evitar o uso no meio corporativo, salvo algumas exceções.

Assim, tanto para o ensino nas escolas, quanto para o consumo digital consciente se está afirmando que “é necessário ter em mente que a mensagem que circula no meio digital precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma” (VILAÇA; ARAÚJO, 2016, p. 23). De forma semelhante, temos nas mídias tradicionais como o livro, o jornal, a televisão e o rádio uma característica diferenciada em relação aos meios digitais, em particular o computador interconectado.

O caráter monológico dos primeiros, cria e potencializa fluxos comunicacionais de sentido unilateral, ou seja, de autores para potenciais receptores. Substancialmente diferente na rede, a relação se estrutura na lógica de todos a todos, contrapondo a natural assimetria no posicionamento de emissores e receptores. Tais aspectos são reforçados com a análise da estrutura do meio que interessa à discussão aqui proposta em torno da internet. Segundo Castells (1999, p. 247), na internet há “uma ordem social organizada de modo a satisfazer uma das mais consideráveis demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento esclerosado dos meios de comunicações tradicionais”.

Reside nesse ponto de vista, a justa reflexão sobre as transformações introduzidas pelos meios eletrônicos. São percebidas crises em segmentos como a vida cotidiana, o mundo do trabalho, a educação, o jornalismo, que, muitas vezes, assiste inerte a inserção de novos meios (*blogs*, redes sociais etc.), sem conseguir dimensionar ou contextualizar os seus impactos em relação às mídias de massa, sob a perspectiva do consumo desenfreado. Se antes cada meio encontrava-se separado dos demais, não sendo possível a combinação de seus elementos, atualmente não existem restrições quanto à integração das diversas linguagens em um mesmo tecido social. Machado (2002) entende que a novidade introduzida pela informática está na possibilidade que ela abre de fundir num único meio e suporte todos os outros meios, e de invocar todos os sentidos humanos. De acordo com esse autor:

[...] textos escritos e oralizados, imagens fixa e em movimento, sons musicais ou ruídos, gestos, toques e toda sorte de respostas corporais se combinam para constituir uma modalidade discursiva única e holística. A informática nos impõe, portanto, o desafio de aprender a construir o pensamento e expressá-lo de forma social através de um conjunto integrado de meios, através de um discurso áudio-tátil-verbo-moto-visual, sem hierarquias e sem a hegemonia de um código sobre os demais. (MACHADO, 2002, p. 109).

Dentre as muitas transformações percebidas a partir da inserção de um novo suporte às práticas de produção de conhecimentos, uma destaca-se em relação à produção textual, explorando mais metáforas e unindo imagens a conceitos. O clássico modelo comunicacional baseado na lógica emissor-mensagem-receptor, por pressuposto fundamental de distinção dos polos, não permite que o receptor possa interferir na mensagem, propondo de forma criativa, novas formas de leitura que é uma memória sensorial. Nessa nova perspectiva comunicacional, insere-se a lógica da participação-intervenção como ponto fundamental, que aponta uma ruptura com o clássico modelo emissor-mensagem-receptor.

E isto ocorre por conta da linguagem virtual que é uma característica das novas gerações tecnológicas, não cabendo um julgamento a está prática, mas sim, um estudo sobre ela, a fim de que esta possibilidade de escrita, de pesquisa com as humanidades, com os comportamentos e de fluxo de ideias não restrinja ou limite o fenômeno da escrita ao meio virtual, não oferecendo perigo a escrita formal, mas novas potencialidades de inclusão, de dialogar com as diferenças, de criar intercâmbios e de compartilhar saberes culturais, principalmente entre os adolescentes e jovens, detentores do maior índice de utilização desse formato de escrita abreviada, simples e que foge às padronizações das normas cultas e regras gramaticais.

3 REVISÃO TEÓRICA: ANÁLISE DO DISCURSO E GÊNEROS DISCURSIVOS

3.1 Análise do Discurso: Resgate histórico

O suporte teórico que utilizamos para alcançar os nossos objetivos fundamentam-se nas teorias da Análise do Discurso (AD), tendo como foco da pesquisa os princípios da teoria bakhtiniana de linguagem e o conceito de sujeito de Pêcheux. Os estudos discursivos da linha francesa nos permitem compreender a linguagem como um processo de produção dos sentidos e significados, fazendo a mediação entre o homem e a sua realidade (natural e social). De acordo com Orlandi (2005, p. 53), “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdo. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz”.

A linguagem está permanentemente dirigida para as realidades concretas, sendo vista como uma prática de sentidos que vão tomando formas e contornos à medida em que vão se constituindo em frente de um determinado momento real. Diante disso, podemos dizer que a linguagem é um processo criador que organiza as experiências e práticas do cotidiano. Assim, é através da linguagem que o sujeito vai se constituindo e se formando e é por isso que precisamos falar também de discurso na AD. Para Orlandi (2005, p. 15),

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Portanto, é por meio do discurso que o sujeito se identifica, sendo possível sua transformação em relação ao ambiente em que vive. Por isso, perguntamos se pode o discurso midiático provocar nesses jovens do estudo em questão, mudanças em suas falas sob o discurso da igualdade propagado pela mídia (MARCUSE, 1973). O que podemos observar sobre o discurso apresentado pela televisão, principalmente no que diz respeito às propagandas, é uma possibilidade igualitária de se poder adquirir determinada informação a todos (BENJAMIN, 1987). Como exemplo disso, temos as propagandas de operadoras de celulares cujo *slogan* é *você sem fronteiras*. De forma semelhante à propaganda, a informação funciona como se a *reproduzibilidade e técnica* fizesse com que todos pudessem ter acesso aos planos oferecidos pela operadora e assim romperiam as fronteiras.

Considerando que a linguagem não existe sem o sujeito e que o mesmo é levado a repetir gestos de interpretação de objetos simbólicos na linguagem, podemos dizer que sujeitos e

sentidos vão se constituindo diante de um processo discursivo permanente. A noção de sujeito, para Pêcheux, é determinada pela posição, pelo lugar de onde ele fala: do interior de uma formação discursiva (FD), regulada por uma formação ideológica (FI) (MUSSALIN, 2001).

Na obra *A ideologia Alemã*, Marx e Engels (1998) afirma que as condições materiais determinam a consciência do sujeito. O método de produção capitalista se apropria de todas as esferas da subjetividade, transformando tudo em relações de consumo e colocando o trabalho como mediador das relações sociais. A partir dessa posição, o sujeito torna-se incapaz de realizar o processo de formação sozinho, pois o meio externo (social) assume a função de determinar o que deve ou não pensar, fazer e, principalmente, consumir.

As relações sociais que determinam inclusive a temática das juventudes e estão inseridas no processo de produção e consumo, de tal forma que, para fazer parte da sociedade, esse sujeito precisa se reconhecer como consumidor. Desta forma, para atualizar e manter vivas essas questões fica muito mais difícil pensar o processo de formação cultural no contexto de uma ideologia neoliberal, por exemplo, preocupada com a competitividade e o sujeito ser um realizador de si mesmo, porque centra-se num consumidor que não dorme para otimizar o próprio tempo de vida e trabalho¹⁵. Mas, como entender a questão digital em meio aos mecanismos de reprodução social, cultural e político, especialmente em metodologias ativas na educação, que induzem novas formas de sociabilidade por meio de um ensino programável?

Essas questões apresentam leituras de que o avanço da tecnologia possibilita a introjeção de uma ideologia dominante em todos os setores da vida humana, fazendo com que os espaços sejam dominados pelas leis do capital, pela reprodução de seu discurso administrado por todos na maneira de organizar a sociedade (a BNCC¹⁶ é um exemplo de como organizar um ensino comum a todos). Tais construções políticas de governar podem chegar ao ponto de induzir o apagamento da criticidade e das diferenças dos sujeitos sobre a própria realidade.

A sociedade industrial firma-se no embate pela sobrevivência como principal possibilidade de realização segura das necessidades vitais do ser humano, minando projetos outros que critiquem seu modelo sistêmico de funcionamento, porque “é capaz de *entregar as mercadorias* em escala cada vez maior”, sendo essas mercadorias necessárias (ou não) para a manutenção da existência (MARCUSE, 1973, p. 17).

¹⁵ A experiência frenética pelos meios remotos com avalanches de textos, *lives* e aulas acabam matando a experiência e o espírito do tempo, por automatismos psicológicos da ansiedade que causam *amnésia* ou uma memória de *alzheimer*.

¹⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Nesse contexto produzido nas representações da infância e da juventude, o livro *Teoria crítica da indústria cultural*, de Rodrigo Duarte (2003) determina os pressupostos par o surgimento da crítica à indústria cultural e aponta dois textos cruciais para o entendimento dessa questão, que são *A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica*¹⁷, de Walter Benjamin, e *sobre o caráter afirmativo da cultura* de Marcuse. De acordo com Duarte (2003, p. 20),

[...] as mais altas manifestações da cultura são entendidas, de um modo geral como parte do que ele chama de *cultura afirmativa*, i.e., as obras de artes mais sublimes servindo como sucedâneo para a principal falta de acesso das classes subalternas, a partir da ascensão da burguesia, à igualdade por ela prometida quando era ainda uma classe revolucionária.

Concordamos com as palavras de Duarte (2003) de que “a principal contribuição do texto de Marcuse é a descoberta precoce que o constructo estético, nesses três séculos de domínio burguês, tem se destacado como elemento ideológico para a manutenção do *status quo*” (DUARTE, 2003, p. 21). Podemos dizer com Marcuse (1997, p. 100) que “a cultura deve assumir a preocupação com a exigência de felicidade dos indivíduos”. Mas os antagonismos sociais que a fundamentam admitem essa exigência na cultura somente enquanto interiorizada e racionalizada. Numa sociedade que se reproduz por meio da concorrência econômica, a simples exigência de uma existência feliz do todo já representa uma rebelião competitividade. Ou seja, remeter os homens à fruição da felicidade terrena significa certamente não os remeter ao trabalho na produção, ao lucro, à autoridade daquelas forças econômicas que preservam a vida desse todo. É o que diz Marcuse (1973, p. 24),

O aparato impõe suas exigências econômicas e políticas para a defesa e a expansão ao tempo de trabalho e ao tempo livre, à cultura material e intelectual. Em virtude do modo pelo qual organizou sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende-se a tornar-se totalitária. Pois *totalitária* não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos.

Na organização desse aparato, o papel da indústria cultural é o de dar conta desse *tempo livre*, transformar o espaço livre do sujeito em um espaço que não fuja às ideologias regentes da sociedade. As imagens difundidas devem estar em consonância com o avanço da produção de mercadorias, instigando constantemente o desejo de consumir cada vez mais mercadorias

¹⁷ O que nos interessa no artigo de Walter Benjamin, *A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica*, já mencionada, é a afirmação da *estetização da vida política*, que transforma o potencial crítico da obra de arte em instrumento de manipulação social de massas – principalmente em relação ao surgimento do Cinema, através dos avanços tecnológicos da reprodução em massa da imagem.

impostas como necessárias para suprir inclusive os seus transtornos de ansiedade. Assim, o caráter irracional torna-se racional por “sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar resíduos em necessidade e a destruição em construção” (MARCUSE, 1973, p. 29).

O fato de o sujeito não consumir, de se recusar a entrar na esfera de consumo exagerado, o deixa à margem da sociedade e de um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias manipuladoras de opinião pública. Ser racional é consumir e identificar-se necessariamente com o que lhe é imposto para o consumo, pois, “as criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha” (MARCUSE, 1973, p. 29).

Mas, qual é esse destino da sociedade ao qual estão inclusos a institucionalização da liberdade e dos direitos do indivíduo? A premissa artística (da construção de narrativas com imagens) e formativa enquadra-se nesta institucionalização? Estas e outras indagações surgem numa primeira leitura da obra marcuseana, portanto, cabe-nos delinear a lógica de funcionamento dessa sociedade antes de continuar nos pormenores destas institucionalizações. A sociedade industrial pode ser tida como fruto do processo de racionalização iluminista, ou seja, a partir da dissolução do mito e da superação do homem em relação à natureza, o entendimento, que venceu a superstição mitológica, assume o papel principal de busca por conhecimento do ser humano.

Nesse sentido, o progresso está intrinsecamente relacionado a um processo de elevação da técnica, da experiência tecnocientífica e da racionalização objetiva, de modo que a sociedade industrial se paute no progresso instrumental onde tudo é passível de quantificação, inclusive os comportamentos humanos. Assim, este modelo que utiliza a razão como um instrumento para o progresso material é imposto em todas as esferas da atividade social, de maneira que “quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecida as vivências de que ele é capaz”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

Duarte (2003, p. 50) destaca, ainda, acerca do capítulo sobre a indústria cultural (*Indústria cultural – o esclarecimento como mistificação das massas*), que Adorno e Horkheimer já atentam para o fato de que “não se trata de uma cultura feita pela massa para o seu consumo, mas de um ramo de atividades econômicas, industrialmente organizado nos padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo [...]”. A indústria cultural vai de encontro à capacidade do sujeito de ajuizar e construir uma

subjetividade que seja plenamente sua, no sentido de pensar e aprender como expressar-se fora dela.

É nesse ponto que Adorno e Horkheimer realizam um paralelo com o esquematismo kantiano. Duarte (2003, p. 54) diz que é a partir dessa “relação de objetos que Adorno e Horkheimer se apropriam do conceito de esquematismo, no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada para proporcionar rentabilidade ao capital investido, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos seguindo padrões que originalmente lhe eram internos”. É válido ressaltar que na obra *A Ideologia da Sociedade Industrial*, Marcuse abandonou o otimismo da obra anterior, *Eros e Civilização*, em relação ao papel libertador da arte, para posicionar-se, posteriormente, em uma posição conformista, a saber: que “o otimismo desaparece e a ênfase recai na função conformista, cooptadora, levada a cabo, pela chamada por Adorno, Indústria cultural”. (KANGUSSU, 2010, p. 206-207).

Para além desse horizonte de investigação, uma outra intersecção de leitura que trazemos para a temática é sobre a análise do discurso, que surgiu no cenário da intelectualidade da França, no final da década de 1960 a 1970, como reação a duas fortes tendências no campo da linguagem, a saber: o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional. Nesse entremeio situa-se o estruturalismo linguístico que vem servir como norte e inspiração. Suas origens históricas advêm do encerramento do Colóquio de Lexicologia de Saint Cloud, discursado por Jean Dubois, em 1968, juntamente com a publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, em 1969, por Michel Pêcheux (1995).

Esses teóricos foram bastante influenciados na época pelas ideias do marxismo e comungam das convicções sobre a linha de classes, a história e o movimento social (MUSSALIN, 2001). Dessa forma, centrou-se, inicialmente, no estudo do discurso político, tendo como princípio que a *arma científica da linguística* oferecia “meios novos para abordar a política” (MALDIDIER, 1994, p. 18). Sob a perspectiva de Mussalin (2001, p. 102), “o projeto da AD se inscreve em um objeto político e a linguística oferece meios para abordar a política”.

Do ponto de vista epistemológico, a AD é um método orientador que abrange várias e distintas concepções e não simplesmente uma técnica ou uma ferramenta. No entanto, a análise do discurso, de natureza interdisciplinar que abrangia tanto a Linguística quanto a Psicanálise e a teoria marxista, atraía cada vez mais estudiosos para o seu escopo teórico, metodológico e epistemológico, pois se constituiu uma importante vertente para o conhecimento da sociedade e dos sujeitos.

Dentro desses princípios, é que se considerou como um campo de conhecimento centrado na opacidade da língua, do sujeito e da história, voltando-se para a teoria e métodos práticos e próprios, uma vez que a análise dos fenômenos linguísticos, nessa época, não ultrapassava os limites da frase, rejeitando assim, a ideia do discurso como objeto da Ciência Linguística (ORLANDI, 2002). Se, por um lado, na visão estruturalista, pensava-se que existia uma autonomia em relação à linguagem e, por consequência, o seu objeto de estudo, a língua, *não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo*. Por outro lado, Michel Pêcheux (1995) faz um questionamento crítico com relação a linguagem, visto que,

Pêcheux inscreve os processos de significação, considerando não apenas o sujeito ou os sentidos como individuais, mas como históricos e ideológicos. Uma vez que as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações. (MUSSALIN, 2001, p. 105-106).

De acordo com os pressupostos teórico da AD, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Assim sendo, o sujeito é diretamente afetado pelo inconsciente e levado por sua ideologia. Esse indivíduo que fala de um determinado local ou região é afetado por diferentes relações de poder. Para Pêcheux (1995), o sujeito é constituído no discurso como se fosse uma *máquina discursiva* sempre determinada por uma relação com a história e com as condições de produção do discurso.

A cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto na cadeia (o significante, no qual ele se), e que esse mecanismo de identificação diferencial não é outro senão o *efeito sociedade*, cujas dissimetrias encontram aqui sua casa. (PÊCHEUX, 1995, p. 75).

O processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção que podem ser verbais e não verbais, no entanto, pede-se que essa materialidade desse discurso produza sentido para sua interpretação. Segundo Michel Pêcheux (2002), há uma relação entre discurso – língua – sujeitos – história ou discurso – língua – ideologia, em que o discurso é estudado não apenas enquanto forma linguística, mas também como forma material da ideologia e em seu contato com o histórico, pois é aí que a materialidade específica do discurso se constitui.

Para Pêcheux (1993), a língua é uma forma de materialidade da fala, incluindo os planos materiais e simbólicos. O discurso produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sócio-histórico do sujeito. Considera-se, como exemplo, o discurso de um gestor, que parte de um compromisso com a direção da organização, costuma assumir a ideologia professada por

essa mesma organização. Na perspectiva de Pêcheux (1995, p. 63 -68), o discurso é “sempre pronunciado a partir de condições de produções dadas”, de forma que se considere que o mesmo expressa o interesse do grupo. Isso implica dizer que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, sendo necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1993, p. 73).

Contudo, todo o discurso vem carregado de expressões ideológicas, pois o sujeito não é um *indivíduo autônomo* que fala por si só, mas um sujeito que vive em um grupo ou pertence a um coletivo. Essa relação de pertença entre o coletivo e a ideologia que esta professa é “condição necessária para que o indivíduo se torne sujeito de seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha ilusão de autonomia” (PÊCHEUX, 1993, p. 73).

Para Pêcheux e Fuchs (1995), o sujeito é a fonte absoluta do significado, do sentido, não é a origem, pois ele se constitui pelas falas de outros sujeitos, sendo produzidas nas representações desde a infância. Em outras palavras, o sujeito é resultante da interação de várias vozes, da relação com as dimensões biológicas e socioideológicas, portanto, tem um caráter heterogêneo. Dessa forma, contrapõem-se a uma filosofia idealista da linguagem que concebe o sujeito como fonte e origem de tudo o que diz, como algo já existente.

A concepção de um sujeito marcado pela ideia do centro, da unidade da fonte ou origem do sentido constitui uma ilusão necessária, na formação do sujeito, de acordo com Pêcheux (1997), a fim de que o sujeito continue produzindo discursos. O sujeito como centro e origem do sentido passa a ser questionado, já que ele situa o seu discurso em relação ao discurso do outro. Para a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido em um determinado lugar e tempo social, em relação aos discursos do outro, inserindo-se numa representação socialmente situada.

3.2 Gêneros Discursivos

Na década de 1970, foram publicadas duas obras de Bakhtin e Voloshinov, datadas de 1920: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*; *Problemas da poética de Dostoiévski*. Essas publicações tornaram-se o marco decisivo para a expansão do conjunto de obras do *Circuito de*

*Bakhtin*¹⁸ na França, na qual proporcionavam discussões nas áreas da Literatura, da Poética, da Estética e da Linguística.

A teoria da linguagem de Bakhtin (2000), em sua estrutura dialógica, proporciona a apreensão de um processo de compreensão de um referencial heurístico e hermenêutico, enquanto procedimentos pelos quais o sujeito, através de processos, regras ou métodos, descobre o sentido das palavras, o que vem a ser de grande valia para a compreensão da estratégia de análise do discurso.

A partir de 1980, depois da primeira tradução do francês para o português, da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, esta passou a ser alvo de frequente procura de linguistas brasileiros, que se dedicaram à pesquisa do legado bakhtiniano. Nesse sentido, Brait (2006) afirma que embora Bakhtin e seu Círculo não tivessem concluído formalmente uma análise/teoria sobre o discurso, ainda assim, seria possível sustentar e dizer que já havia acontecido o surgimento dessa análise/teoria, a partir do conjunto de obras de Bakhtin e seu Círculo.

Partindo do princípio que a Análise Dialógica do Discurso privilegia os princípios teóricos de língua, sujeito e história, seria possível aproximar seus objetivos com os estabelecidos pela Análise do Discurso Francesa¹⁹. Contudo, as várias linhas da análise do discurso²⁰ não devem ser confundidas, sendo importante que se estabeleçam suas diferenças, na busca das heranças e filiações de Pêcheux, Bakhtin e Foucault.

Mais do que nunca é necessário resgatar as fundações teóricas dos projetos desses diferentes autores, as exigências teóricas de seus textos fundadores para, a partir desse movimento, problematizar a própria noção de *herança*, isto é, lançar aos analistas de discurso o desafio de nos perguntarmos: *como esses autores foram e estão sendo lidos, interpretados e postos na prática de trabalhos atuais no Brasil?* (GREGOLIN, 2008, p. 34).

Segundo Bakhtin (1996), a utilização da língua está relacionada a todas as esferas da atividade humana, nessa perspectiva nos deparamos, também, com as muitas formas dessa utilização. Para Bakhtin (1996), ainda que o enunciado seja visto isoladamente, ou seja, de

¹⁸ O Círculo de Bakhtin é a expressão utilizada para designar o grupo de intelectuais russos de diversas formações (da literatura, do jornalismo, da música, etc.), que se reuniu entre 1919 e 1929, nas cidades de Nevel, Vibesksk e São Petersburgo (rebatizada de Leningrado), para debater questões filosóficas, entre elas, a linguagem (FARACO; JAEGER, 2010).

¹⁹ Nessa pesquisa designa-se de Análise do Discurso Francesa aquela de linha pêcheuxtiana.

²⁰ Há outras linhas de Análise do Discurso que não serão trabalhadas nessa pesquisa: a Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Fairclough, a Análise Cognitiva do Discurso, de Teun Van Dijk, a vertente atual da Análise do Discurso Francesa, desenvolvida por Maingueneau e Charaudeau e Análise do discurso da linha foucaultiana, etc.

maneira individual, em cada esfera de utilização da língua são elaborados tipos relativamente estáveis de enunciados, ao que denomina Gênero do discurso.

Na concepção dialógica da linguagem de Bakhtin (1996), a compreensão exige um interlocutor em *negociação de significados* entre a palavra do sujeito que fala, que transmite a palavra e o sujeito que ouve, que recepciona esta palavra ou, dizendo de outra forma, entre o discurso pronunciado e o discurso a ser compreendido. A concepção dialógica do processo de compreensão deve ser levada em conta sempre que se analisa o conteúdo do discurso. Como manifesta Bakhtin em suas preocupações,

Qualquer enunciação, ainda que na forma imobilizada da escrita, é construída como uma resposta a enunciações anteriores, ao tempo em que também antecipa reações ativas da compreensão, estando em contato direto com enunciados alheios. Desta maneira, qualquer enunciação supõe alguma forma de contato entre duas ou mais vozes e, portanto, tem como partes essenciais a dialogia e a polifonia. (SEPULVEDA; EL-HANI, 2006, p. 38).

Quando Bakhtin (1996, p. 8) menciona o “Ser expressivo e falante”, ou quando ele menciona o “Ser que se revela por si mesmo”, sua postura entra em contraposição com as ideias do ser deles, que o homem passou a conhecer pelos nomes que lhes atribuiu em concordância com a tarefa que lhe foi dada por Deus. Mas a linguagem como conhecimento foi precisamente a manifestação do abismo, tendo em vista que a função comunicativa da linguagem se revelou como uma *função burguesa* (BENJAMIN, 2011). Conforme Bakhtin (2000, p. 373), a natureza observa as ações humanas como “a testemunha e o juiz”. Isso porque quando lemos ou ouvimos uma narrativa criamos e imaginamos representações e inventamos coisas novas.

Enquanto isso, Benjamin (1986) fala sobre uma *pura língua utópica*, para a qual a *falsa consciência* é impossível. A discussão sobre a perda da expressividade linguística, herança de Rousseau, é retomada por Walter Benjamin no texto *A doutrina das semelhanças*. Para ele, o que deve ser investigado contraria a ideia do gradativo desaparecimento da expressividade como correspondência mimética da linguagem frente à sua estruturação como convenção social. Nessa linha de pensamento, o que deveria ser explicado é como as antigas formas expressivas da linguagem se transformaram para sobreviver em meio às camadas mais atuais da própria linguagem.

À primeira vista, tal direção estaria na crescente fragilidade desse dom [da apreensão mimética]. Pois o universo do homem moderno parece conter aquelas correspondências mágicas em muito menor quantidade que o dos povos antigos ou primitivos. A questão é se se trata de uma extinção da faculdade mimética ou de sua transformação. (BENJAMIN, 1985, p. 109).

Segundo a filosofia benjaminiana, não se pode imaginar uma contraposição entre a função expressiva e outra comunicativa da linguagem. Se existe uma ênfase, no discurso de Benjamin, pela parte expressiva, é para discordar da tendência unilateral do formalismo que estava em voga pela sociologia da linguagem de sua época (CASTRIOTA, 2001). A mimese da linguagem só pode ser entendida a partir do momento em que se compreende que não houve desacordo ou interrupção das correspondências expressivas entre o homem e a natureza, e sim uma mudança em suas formas de contato.

Nesse sentido, a transformação do fundamento mimético e do poderio analógico da linguagem primitiva para o seu desdobramento na linguagem atual é afirmado por Benjamin (1985, p. 111), por meio do conceito de semelhança extrassensível, ou seja, o fator que “estabelece a ligação não somente entre o falado e o intencionado, mas também entre o escrito e o intencionado e entre o falado e o escrito”. Diante desse entendimento, a linguagem escrita, juntamente com a oralidade, enuncia o pensador, registra as imagens inconscientes do intencionado pelos seus autores como se fosse um arquivo dinâmico de semelhanças geradas pelo valor expressivo de sua capacidade mimética. É nesse contexto que Walter Benjamin (1985) destaca o desenvolvimento da linguagem como a condição de maior escala de aplicabilidade da *faculdade mimética* (percepção recriadora, cópia recriada).

Contudo, existem outros temas que convidam a colocar ambos os pensadores em planos paralelos ou semelhantes. Dessa forma, o *marxismo gótico*²¹, ainda que observado de uma distância crítica, não é mais uma fonte de “iluminação profana” do pensamento (LÖWY, 2002, p. 46), e nos lembra o *realismo gótico* que Bakhtin descreve em seu *Rabelais*, num registro estático e inspirado que pressupõe não meramente um estilo, mas uma concepção *cósmica* do corpo coletivo.

Uma das descobertas mais importantes de Bakhtin foi o desenvolvimento do sentido no *grande tempo*. Isso significa que cada geração de leitores flui de sua própria compreensão de textos bem conhecidos (não necessariamente literários). É bem sabido que à medida que uma geração de pesquisadores sucede outra, a leitura de Bakhtin tem se modificado em concordância com as mudanças das condições de recepção de suas obras. Simultaneamente, novos sentidos começam a emergir relacionados também com a difusão das ideias dele no espaço.

²¹ Löwy (2002, p. 49) descreve o *marxismo gótico* para não perdermos de vista o fato de que o marxismo de Benjamin é também caracterizado por seu pessimismo ativo e produtivo, “organizado, prático, inteiramente voltado para o objetivo de impedir, por todos os meios possíveis, o advento do pior”. Löwy atribui isso à qualidade profética de Benjamin em ser contrário à fé irresponsável e ingênua no esquema linear e otimista do progresso professado pelos partidos da burguesia e da social-democracia.

Dessa forma, por um longo período o estudo de Bakhtin vem firmando raízes na América Latina. O mesmo pode ser dito de Walter Benjamin, a quem colocamos em diálogo com Bakhtin, convertendo essa operação num tipo de leitura num tempo-espço: ambos se tornaram parte do repositório intelectual universal, no qual a América Latina reivindica em novas perspectivas, mas distanciados dos próprios contextos culturais e políticos de pensamento. Essa situação se adapta organicamente à teoria bakhtiniana do dialogismo:

O texto só tem vida contactando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de *oposição* [...]. Por trás desse contato está o contato de indivíduos e não entre coisas (no limite). (BAKHTIN, 2000, p. 401).

Certamente devemos também encarar o problema do estatuto da verdade, da justificação de nossas interpretações. No entanto, não podemos perder de vista que mesmo um erro ou uma leitura imprecisa gera, numa situação particular, um deslocamento de sentido e até um novo sentido, como pode ser visto nos numerosos construtos *bakhtinianos* nas diferentes línguas.

Na perspectiva de Bakhtin (1996), a heterogeneidade dos gêneros do discurso é tão diversa quanto a atividade humana, sendo que cada esfera dessa atividade comporta repertórios de gêneros do discurso que vão se ampliando, se misturando e se diferenciando, à medida que essa esfera se complexifica. A heterogeneidade dos gêneros do discurso é da ordem da oralidade e da escrita.

Os gêneros do discurso se dividem em primário (simples) e o secundário (complexo), assim sendo, o gênero primário é constituído nas circunstâncias do cotidiano da vida, nas comunicações verbais - se dão a nível da oralidade, enquanto que o secundário está mais no campo da escrita e dos textos, tais como no romance, no teatro, no discurso jornalístico, no discurso científico, no discurso ideológico, ou seja, nas circunstâncias mais evoluídas (BAKHTIN, 1996).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização do estudo

Este capítulo tem por finalidade explicar os procedimentos e os instrumentos de análise e coleta de dados, com base nos construtos teóricos da mídia-educação, Análise do Discurso e da linguagem. Conforme mencionamos anteriormente, esta pesquisa tem características de um estudo de caso. Portanto, para Stake (1998, p. 96), “é uma abordagem de pesquisa que investiga uma situação específica em um contexto específico”.

Para a elaboração desta pesquisa, contamos com a colaboração de dezesseis (16) jovens participantes da comunidade Mundo Novo, sendo oito (8) do sexo masculino e oito (8) do sexo feminino, dos quais observamos e acompanhamos as falas, discursos, comportamentos e interações dentro da comunidade e nas áreas comuns do bairro, quer seja na quadra de esportes, nas igrejas e nos grêmios recreativos.

As fases da pesquisa foram desenvolvidas através de reuniões, algumas vezes de forma fechada, nas salas de aulas da Escola Estadual Júlio César de Moraes Passos, situada na comunidade Mundo Novo, e em outras vezes, essas reuniões aconteciam de forma aberta no campo de futebol ou na área recreativa da igreja dessa comunidade. Como estávamos vivenciando um clima de pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e para que esses encontros acontecessem, os convites para que esses jovens comparecessem nos encontros eram repassados através da comunicação entre eles mesmos ou via internet.

Os critérios de escolha para a seleção desses jovens foram: idade – tinham que ter entre 18 a 25 anos de idade, dado a nossa preocupação de estarem na faixa jovem de idade. Alguns desses estudantes, doze deles, estavam cursando o Ensino Fundamental e os outros quatro, estavam cursando o Ensino Médio. Outro critério foi a condição de morarem na comunidade do Mundo Novo e terem disponibilidade para participar da pesquisa (assinar o termo de consentimento livre e esclarecido) e compartilhar suas falas, a partir das experiências com o uso das mídias digitais.

Outro critério, não menos importante para a escolha desses sujeitos, deu-se pelo fato desses jovens também estudarem ou já terem estudado na mesma escola onde ministrávamos aulas, tendo assim um melhor acesso aos sujeitos, onde seriam colhidos relatos dos encontros, a fim de planejarmos todas as fases da pesquisa. Conforme combinação prévia às entrevistas, foram utilizados códigos para fazer referência aos estudantes no trabalho, evitando assim a identificação dos participantes. Nesse sentido, a partir de uma revisão de literatura e dos aportes

teórico-metodológicos que sustentam a nossa pesquisa, buscamos novas referências e inspirações para os nossos questionamentos.

Vale ressaltar que esta pesquisa coincidiu com o início da pandemia mundial (Covid-19)²² e do coronavírus no Brasil. O surto iniciou no Brasil em fevereiro de 2020 e tivemos que nos adaptar aos Decretos, Protocolos e Restrições Governamentais que começavam a expedir boletins toda semana. Então vimos todo o nosso planejamento, já feito anteriormente, ruir, cair por terra. Tivemos que replanejar todo o nosso calendário e agenda.

Os encontros que até ali eram feitos no anfiteatro da igreja local, passaram a ser feitos pela internet, foi quando vimos o quanto as plataformas digitais e os dispositivos móveis nos são úteis. Em março de 2020, o surto do Covid-19, tomou conta da cidade de Manaus, vivemos um verdadeiro caos na saúde pública e privada, inclusive perdemos dois jovens participantes desse projeto para o Covid-19. Começamos com 20 jovens, 2 vieram a óbito e 2 desistiram por razões óbvias, como perdas de parentes mais próximos e outros motivos econômicos (falta de acesso à internet) e socioemocionais.

Sendo assim, foi dentro desse panorama fatídico que pensamos muitas vezes em desistir, pois não estávamos conseguindo avançar no trabalho de investigação e na escrita acadêmica, mas com muita perseverança e apoio dos amigos, professores e colegas de profissão é que conseguimos dar continuidade à pesquisa.

Em 2020, foi possível recolher alguns dados sobre a influência das mídias a partir das falas desses jovens, somado ao uso de um Diário de Investigação da Pesquisa (DIP), para apoiar nas anotações de campo que será utilizado como um instrumento de apoio no momento das observações, anotações e registros dos detalhes e das peculiaridades que acontecerem no decorrer dessas observações; percepções pessoais implicadas nos discursos desses jovens, assim como sugestões, opiniões e outros tipos de registros. A partir das interlocuções e intervenções diferenciadas e do DIP, no momento da análise, traçamos alguns levantamentos respeitando o distanciamento social e sensibilizando para as novas relações da pesquisa.

A metodologia empregada para a obtenção dos dados foi definida após a realização de uma pesquisa bibliográfica básica à qual oportunizou compreender as diferentes possibilidades para catalogação e análise de informações e definir a melhor abordagem da pesquisa em questão. A partir das informações bibliográficas e das análises de necessidades levantadas, em um primeiro momento, optamos pela aplicação de um questionário semiestruturado como

²² Covid-19 começou em fevereiro de 2019 e é uma doença viral que se manifesta em nós, seres humanos, após a infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2. O Brasil identificou a primeira contaminação pelo novo coronavírus no final de fevereiro de 2020.

forma de coletar as informações consideradas fundamentais e necessárias para obtenção de resultados concernentes à pesquisa. De acordo com Gil (1999), um questionário pode ser definido como uma técnica de investigação composta por um número considerável de questões, as quais são apresentadas por escrito às pessoas e tem por objetivo (re)conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, comportamentos, expectativas, situações vivenciadas, dentre outros. O questionário foi composto por 18 perguntas sendo 9 fechadas, divididas entre alternativas binárias e escalonadas, e outras perguntas mistas, com opção de resposta fechada e aberta.

Para a aplicação do questionário foram utilizados cerca de 40 minutos e o local onde foi aplicado o questionário foi um espaço aberto e ventilado na igreja para que os jovens pudessem responder com tranquilidade e segurança. Dentro deste período ocorreu a apresentação da proposta da pesquisa, a orientação para a participação livre e esclarecida com a assinatura do termo de consentimento (Apêndice A), além de informações quanto ao preenchimento correto das perguntas e a realização do questionário pelos jovens.

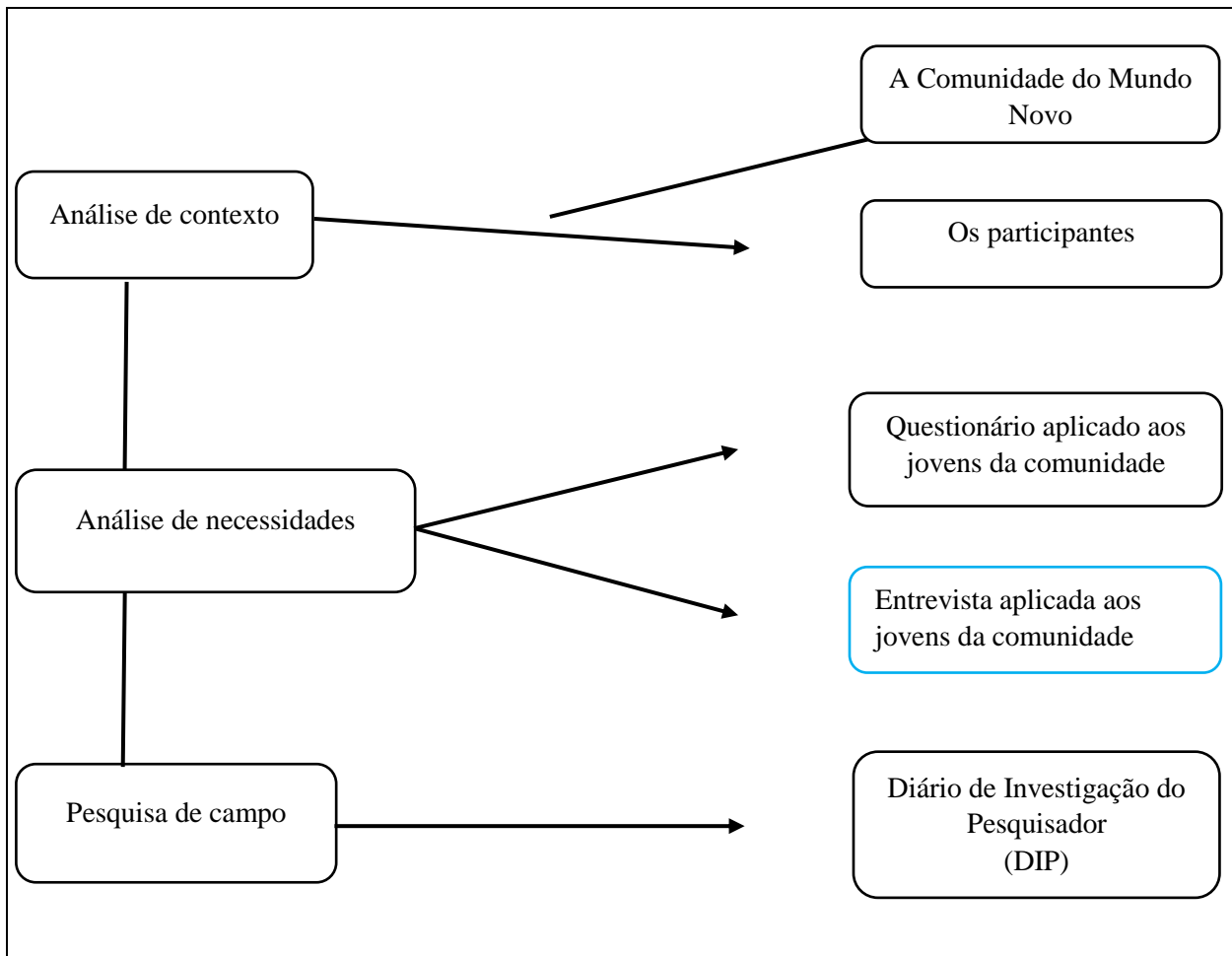
As perguntas apresentaram temas relacionados ao acesso à internet, tempo, frequência e preferência na utilização de redes sociais, utilização da linguagem virtual dentro e fora do ambiente digital, auxílio de corretores ortográficos, diferenciação entre linguagem virtual e formal e dificuldade na utilização da escrita formal. Os temas transformados em perguntas no questionário semiestruturado foram levantados a partir de todo percurso realizado ao longo do processo de escolha do tema da pesquisa, na tentativa de elaborar perguntas coerentes e objetivas, levando em conta a intenção inicial da pesquisa de verificar a influência da linguagem virtual na linguagem oral dos jovens. Os resultados catalogados a partir do questionário foram transformados em tabelas e gráficos para a melhor representação das informações encontradas, sendo analisados no capítulo seguinte referente à Argumentação e Discussão dos dados.

No segundo momento, fase qualitativa, foram feitas as entrevistas (Apêndice D) com os sujeitos da pesquisa, tendo em vista o surgimento de novos dados que necessitara ser analisados no discurso dos adolescentes, para que eles pudessem ser ouvidos e conseguissem expressar seus sentimentos em relação as perguntas que fossem feitas a eles com respeito das mídias e sua influência em suas falas, discurso ou comportamento.

O viés metodológico da pesquisa será justificado também na análise da mídia e educação, na linguagem escrita, oral e virtual e no discurso vigente, apoiando-se também em bases legais e nos construtos do Estatuto da Juventude (EJ) e o Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA), onde encontramos o respaldo necessário à proteção das pessoas, amparo e garantias para esses jovens, nesse caso, na comunidade Mundo Novo. Para a execução deste

trabalho, primeiro foi realizado uma análise do contexto, com os levantamentos pertinentes da comunidade Mundo Novo, depois disso, selecionamos os participantes e, por último, analisamos esses dados coletados, a partir das respostas do questionário aplicado a esses jovens. No quadro abaixo apresentamos as categorias de análise: Análise do contexto; Análise de necessidades; Pesquisa de campo.

Figura 2 - Fases de Análise



Fonte: Elaboração própria (2020).

4.2 Análise do contexto

Para a execução desta pesquisa, primeiro fizemos uma análise do contexto, onde serão levantados os dados pertinentes à comunidade, à população e aos sujeitos que foram selecionados para fazer parte do estudo de caso. Todas as informações, aqui levantadas foram imprescindíveis para a elaboração da pesquisa. Dessa forma, além de balizarem o trabalho, o pesquisador teria a oportunidade de se familiarizar com os membros da comunidade dentro de

uma interação mediada entre o pesquisador e a situação de contexto vivida por esses jovens. Esta pesquisa foi realizada na comunidade Mundo Novo, onde foram selecionados 16 jovens para que a partir daí pudéssemos ter um ponto de partida para a execução do trabalho. Esses jovens têm entre 18 a 25 anos e aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Nessa etapa da pesquisa, acompanhou-nos com frequência o DIP, onde pudemos registrar todos os dados concernentes ao contexto da comunidade Mundo Novo, lugar onde fizemos essa pesquisa.

4.3 Análise de Necessidades

A análise de necessidade é o primeiro passo a ser seguido para o desenho de um projeto. Para tanto, fizemos um levantamento de necessidades junto aos integrantes da comunidade do Mundo Novo para detectar seus anseios, expectativas, crenças e problemas sentidos por eles neste local. Nesse sentido, aplicamos um (1) questionário com perguntas abertas e fechadas com o objetivo de coletarmos impressões desse público, pois, de acordo com Nunan (1992), nas questões fechadas de um questionário, o pesquisador delimita ou determina as respostas por intermédio das opções do respondente, ou seja, as perguntas fechadas são mais fáceis de serem analisadas.

Nas questões abertas, o respondente pode decidir o que quer responder, sendo que essas respostas fornecem ao pesquisador, respostas mais úteis e mais precisas e refletem com maior propriedade aquilo que o participante, na verdade, quer informar. As respostas dadas a esses questionários semiestruturados é que nos permitirão preparar o *corpus* da pesquisa, selecionando assim, toda a estrutura e o material necessário que precisamos para avançar na pesquisa.

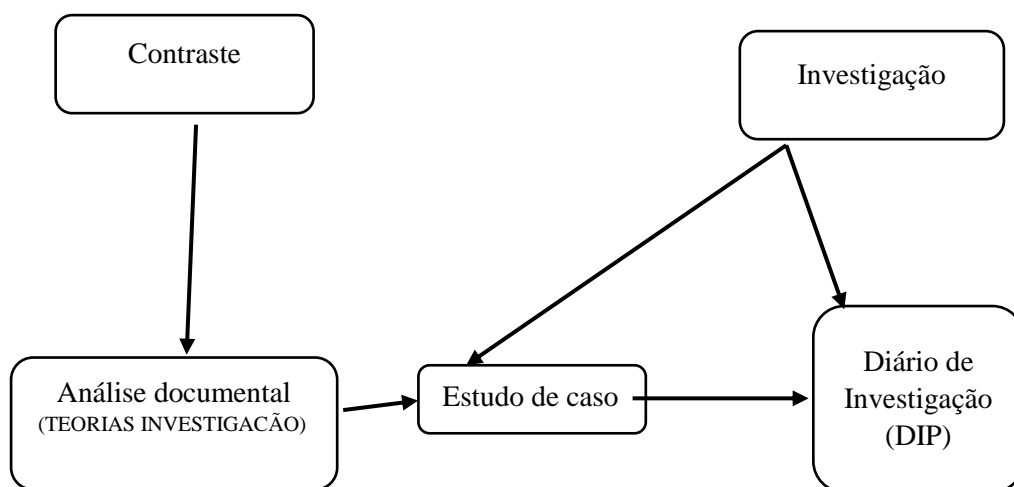
Já, a análise de necessidades vividas nas dinâmicas presenciadas e partilhadas por seus participantes no contexto comunitário tem fundamental importância nesta pesquisa. Podemos dizer que a análise das necessidades funciona como uma espécie de termômetro para os desenhos e delineamentos conduzidos nos parâmetros da pesquisa. Hutchinson e Waters (1987, p. 59) apontam que “se deve utilizar vários instrumentos para se obter informações sobre as análises de necessidades”. Como por exemplo: questionários semiestruturados; entrevistas; observações; coleta de dados. Segundo Hutchinson e Waters (1987, p. 59), devido à complexidade de necessidades, “é aconselhável que seja usado mais de um dos métodos acima citados”.

Esses autores afirmam que a análise das necessidades envolve mais do que a simples identificação das características linguísticas e a análise de necessidades visto que não é um

processo definitivo, mas um contínuo de mudanças, cujas necessidades devem ser continuamente reavaliadas. Numa análise de necessidades é importante considerar a motivação do jovem dentro do processo no qual ele está inserido, seus anseios e desejos devem ser levados em conta. O pesquisador precisa estar atento a todos esses aspectos e considerá-los na hora da escolha do material a ser utilizado na metodologia. Para Hutchinson e Waters (1987, p. 59), “a análise de necessidade é um processo que envolve a análise das necessidades da situação-alvo e a análise de necessidades da aprendizagem”. A primeira refere-se à língua, ou seja, o que as pessoas fazem com a língua na situação-alvo, e a segunda, como as pessoas aprendem a fazer o que fazem com a língua. As respostas a essas perguntas nos deram um norte, para desenharmos a pesquisa em andamento.

O objetivo dessa pesquisa é identificar a influência que as mídias exercem na linguagem dos jovens da comunidade Mundo Novo. Para tanto, com o levantamento de necessidades nessa comunidade foi possível verificar até que ponto a mídia influencia e altera a linguagem dos jovens dessa comunidade, por meio da conciliação dos aportes teóricos entre mídia e educação, os pressupostos da linguagem oral, linguagem virtual e da análise do discurso, permeando pelo Estatuto da Infância e Juventude (ECA) e o Estatuto da Juventude. Em função desses objetivos, a presente pesquisa reflete uma imagem compreensiva e representativa da situação sociocultural investigada, seguindo a moldura de um estudo de caso, que, segundo Stake (1998, p. 96), “é uma abordagem de pesquisa que investiga uma situação específica em um contexto específico”.

Figura 3 - Fases de Contraste, Investigação e Estudo de Caso



Fonte: Elaboração própria, 2020.

4.4 Diário de Investigação do Pesquisador – DIP

Ressaltamos aqui que durante esse estudo de caso, procuramos nos familiarizar e interagir com os atores envolvidos, de modo científico e educativo, pois trabalhando com seres humanos, com seus anseios, desejos, personalidades e diversidades surgem dúvidas, reconhecimentos, perguntas e interpretações que vão sendo discutidas e respaldadas pelos sujeitos. Morin (2004) diz que o vocabulário e a linguagem usada durante a pesquisa podem se tornar mais claras e compreensivas durante a pesquisa ao trabalharmos de forma sistemática e reescrevendo as pontuações que forem ditas no DIP, no sentido de que esses apontamentos nos ajudem com a apropriação da linguagem e dos gêneros a serem explicitados na pesquisa. É quando se produz uma escrita diária e constante, dentro de um contexto de pesquisa de campo com o objetivo da construção do conhecimento científico, nesse caso, nos referimos ao diário de campo ou diário de investigação, cujo objetivo é de produzir registros e anotações pelo pesquisador, de uma investigação que esteja em curso, apontando dados de campo que foram colhidos e que são suscetíveis de serem interpretados.

Intencionamos apontar esse conjunto de técnicas que nos auxiliou e foi um instrumento utilizado como o diário de campo que “é uma prática antiga uma forma de coleta de dados, que se utiliza para agrupar, no cotidiano, registros e reflexões sobre experiências (vivas), as ideias que ocorrem (concebidas), os encontros e as observações (percebidas)” (ECKERT; ROCHA, 2005, p. 37). A construção de uma perspectiva com base no diário de investigação, nas descrições densas ou nos relatos de pesquisas, ler e escrever do pesquisador “traduzem a preocupação do antropólogo com a fixação através da escrita, da temporalidade do acontecimento por ele vivido com seus nativos” (ECKERT; ROCHA, 2005, p. 38).

É a partir dessas considerações no DIP como suporte de condução à pesquisa de campo através das observações, apreciações qualitativas que identificamos as nossas análises, hipóteses e objetivos propostos. O DIP, nesse caso, tem o objetivo de registrar por nós, todos os acontecimentos observados em campo no cotidiano das pessoas que estão inseridas no contexto. O seu uso é considerado por nós como uma bússola nos mostrando o caminho e os novos rumos da pesquisa. Nesse sentido, o DIP é uma ferramenta de apoio ao pesquisador e permite sistematizar as experiências para posteriormente analisarmos os resultados.

Começamos as observações com o nosso Diário de campo em mãos, a partir do momento que decidimos realizar essa pesquisa, pois o nosso objetivo era observar e registrar tudo o que ocorria dentro do contexto da pesquisa. O Diário de Investigação do Pesquisador é um objeto valiosíssimo nas mãos do investigador, pois nele consta todos os dados e informações

pertinentes a uma pesquisa. Com a ajuda do DIP nos foi possível registrar inúmeras situações do cotidiano das pessoas que viviam na comunidade do Mundo Novo, bem como histórias da vida cotidiana dos participantes daquela comunidade.

Portanto, o nosso trabalho de pesquisa foi feito de forma continuada e se estendeu durante o período de março a dezembro de 2020, tendo como objetivo as observações pertinentes naquele contexto, apontadas e registradas no DIP, completadas por questionários e entrevistas aplicadas aos participantes dessa pesquisa. Assim sendo, o Diário de investigação do pesquisador facilita uma mirada reflexiva, pois todos os apontamentos feitos durante o percurso da pesquisa serão feitos dentro de um cronograma, onde o espaço e o tempo serão previamente determinados.

Contudo, como o objetivo da nossa pesquisa foi desenhado a partir de uma análise de necessidades para posteriormente selecionarmos os sujeitos que iriam participar desse estudo de caso, o DIP foi um instrumento fundamental para o nosso estudo, que nos deu um norte e condições para seguirmos a nossa pesquisa, pois todos os acontecimentos e detalhes diários que ocorreram no campo foram registrados de forma minuciosa neste instrumento de estudo.

4.5 O Estudo de caso

Para desenvolver essa pesquisa optamos pelo estudo de caso, na qual objetivamos obter informações sobre o perfil socioeconômico e cultural dos participantes e também para identificar através de uma análise de necessidades a influência que a mídia exerce na linguagem e altera o discurso dos jovens da comunidade do Mundo Novo. Além disso, buscamos identificar de que forma esses jovens reproduzem os apelos midiáticos através de suas práticas cotidianas. Yin (2005, p. 32) define o estudo de caso como “uma investigação empírica que leva em consideração principalmente o contexto da vida real em que o fato ocorre, não tendo claramente o limite entre o contexto e o acontecimento”. Acrescente, ainda, que esse tipo de pesquisa “enfoca um fenômeno contemporâneo em contexto real, no qual o pesquisador e pesquisados interagem de modo cooperativo e participativo para a resolução de um problema”, ampliando assim o conhecimento sobre os fatos observados (YIN, 2005, p. 25).

De acordo com Yin (2005, p. 25), o estudo de caso é “estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes” apresenta como diferencial a capacidade de lidar com uma ampla variedade de documentos, artefatos, entrevistas e observações. Para Yin (2005, p. 33), “o estudo de caso

como estratégia de pesquisa, compreende tudo – sobre a lógica de planejamento, das técnicas de coletas de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos”.

Para Johnson (1992, p. 76), o propósito do estudo de caso é “descrever o caso em seu contexto”. O pesquisador estuda o caso e o contexto em que o caso ocorreu para encontrar respostas para as perguntas de sua pesquisa. Na visão de Johnson (1992, p. 75), um estudo de caso “é definido em termos de unidades de análise, isto é, o estudo de um caso, com foco em uma única entidade, geralmente acontece em ambiente natural”. Essa unidade de análise pode ser um professor, uma sala de aula, uma escola, uma instituição ou uma comunidade, cujo propósito é descrever o caso em seu contexto. O pesquisador estuda o caso e os seus aspectos em seu ambiente contextual.

Segundo Stake (1998, p. 85), o estudo de caso “é utilizado quando se deseja compreender o objetivo estudado por ele mesmo em seu próprio contexto”. Para esse autor, consiste na investigação de um fenômeno na sua totalidade e em um sistema delimitado no tempo e espaço. O estudo de caso “tem um comportamento padrão, é consistente e tem uma sequência” (STAKE, 1998, p. 86). Para esse autor, uma vez que as perguntas têm diferentes propósitos, podem ser identificadas em três tipos de estudo de caso: intrínseco, instrumental e coletivo, a saber: 1) estudo de caso intrínseco: o estudo é conduzido porque o pesquisador quer entender os aspectos intrínseco de um caso particular; 2) estudo de caso instrumental: um caso específico é estudado para promover reflexões a respeito do refinanciamento de uma teoria.

Em um estudo de caso instrumental, o contexto é verificado de forma minuciosa e suas atividades são examinadas com profundidade; 3) estudo de caso coletivo: um caso, onde o pesquisador estende seus interesses de pesquisas a diversos casos instrumentais para compreender melhor o caso, desta forma, o pesquisador obtém conhecimentos necessários para o refinanciamento de uma teoria. Diante das características apontadas por Stake (1998), consideramos esse estudo de natureza intrínseca, uma vez que foi motivado pelo próprio interesse em conhecer aspectos particulares da organização desse trabalho.

A complementaridade da análise discursiva nesse trabalho é compreendida como um processo organizado de intercompreensão em que novos entendimentos emergem, tendo como norte a seguinte sequência recursiva: (1) a construção do estudo, dos textos do *corpus* para a análise; (2) o estabelecimento de relações entre os elementos recortados e conversados com os sujeitos, pela categorização; (3) verificar o fenômeno experienciado pelos jovens, fazendo uma triangulação com o estudo em questão em que a nova compreensão é comunicada e validada. A proposta é de analisar os discursos vigentes associados aos conteúdos da fala traduzidos em conversas pelos jovens participantes. A técnica de pesquisa utilizada consiste na aplicação do

questionário com os jovens da comunidade Mundo Novo, bem como a transcrição e análise desses dados, buscando entender o discurso desses sujeitos, seus estilos de vida e a influência que os meios midiáticos exercem sobre a construção desses mesmos discursos.

Para a compreensão das análises, organizamos, conforme os atalhos e relações do todo para o detalhe, em uma perspectiva compreensiva, um *corpus* discursivo que apoie as circunstâncias dialógicas de sua produção. Tais relações compartilhadas na relação dinâmica do estudo, apresentam-se no esboço de um roteiro para o questionário semiestruturado (Apêndice B), cujos tópicos deverão orientar a formulação das perguntas para os sujeitos participantes do estudo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Análise dos dados

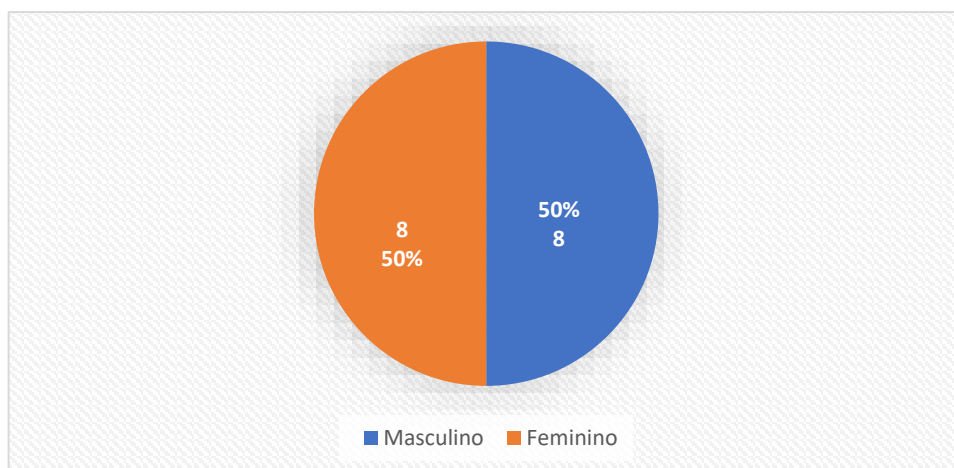
Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário já mencionado na pesquisa. Será demonstrado através de gráficos, analisados individualmente, algumas argumentações e debates realizados em cada uma das amostras até chegar as respostas dos questionamentos levantados no referido trabalho. Nesse item serão apresentados dados coletados no questionário feito em campo. Nessa categoria, busca-se compreender o contato e a convivência dos jovens com as mídias digitais.

Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória com característica de um estudo de caso, utilizando um questionário, com perguntas que permitem identificar os contatos e relacionamentos desses jovens com as mídias digitais. Algumas das perguntas tratavam do principal meio de acesso, do local onde costumavam acessar a internet, dos tipos de *sites* que esses jovens mais se interessavam. Por fim, chegamos aos desdobramentos finais dos dados e as argumentações depreendidas em acordos para o futuro do uso adequado da internet.

5.2 Consciência do uso adequado da internet

A pesquisa realizada na comunidade Mundo Novo foi aplicada em dezesseis (16) jovens, sendo oito (8) jovens do sexo feminino e oito (8) do sexo masculino, conforme mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Quantidade de jovens participantes

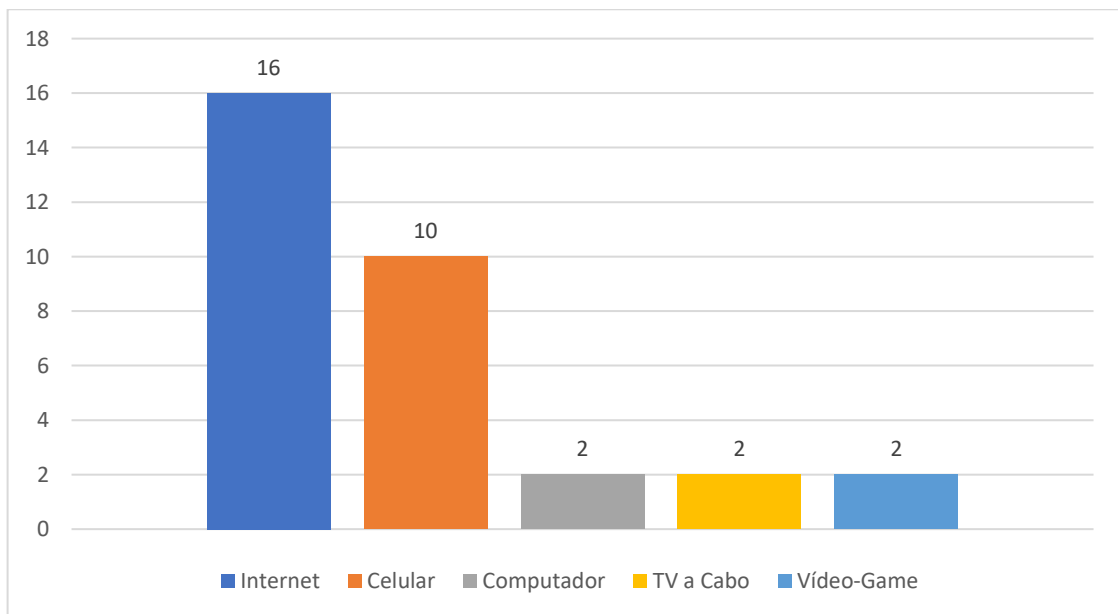


Fonte: Elaboração própria (2021).

Em seguida, o gráfico 2 demonstra quais as mídias disponíveis para uso desses jovens no seu dia a dia. Nessa etapa da investigação, em relação ao uso da internet, tratamos de compreender como ocorre o processo de reconhecimento e conscientização da cultura digital, por parte dos jovens envolvidos nesse estudo. Tudo devidamente pontuado pelo DIP. Desta forma, foi necessário suscitar dados referentes às mídias digitais que esses jovens têm contato. Pudemos verificar que todos têm rádio e TV em casa. Apenas três jovens possuem um aparelho de TV, enquanto nove possuem dois ou mais aparelho de TV em casa. Deprendemos ainda do questionário que: Dois (2) possuem computador. Dez (10) possuem celular. Todos têm internet. Dois (2) têm TV a cabo e dois (2) têm videogame.

O questionário veio a confirmar alguns dados que comprovam o contato diário desses jovens com as mídias digitais, não estando tão distante da realidade socioeconômica desses jovens, assim como da realidade escolar como reforçam as estatísticas do último *Censo da Educação Básica* (BRASIL, 2022).

Gráfico 2 - Mídias disponíveis



Fonte: Elaboração própria (2021).

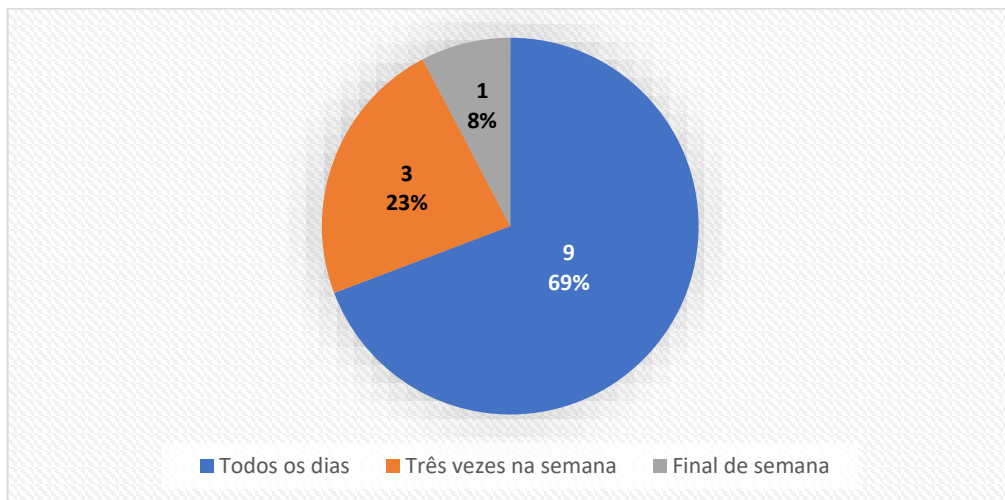
Em outra parte do questionário, procuramos caracterizar o acesso diante da internet para detectar quantos jovens conviviam ativamente na rede. De acordo com o gráfico 3, constatamos que dos dezesseis (16) jovens, nove (9) acessavam todos os dias a internet; três (3) em torno de 3 vezes por semana; e um (1) apenas nos fins de semana.

Os jovens identificam-se com o vídeo, a televisão, o videogame e o computador. Os meios eletrônicos respondem a sensibilidade dos jovens, pois são dinâmicos, rápidos, tocam

primeiro o sentimento, a afetividade, depois a razão. Os meios atraem pela mistura de linguagens: integram a linguagem visual, a falada, a do movimento, a musical, a escrita (legendas), de forma agradável, bonita, rápida e sintética (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

Para Santana (2006), atualmente, as relações dos adolescentes são estabelecidas e reafirmadas no ciberespaço, onde eles utilizam redes sociais, chats, etc. Ao perceber-se a proliferação das TIC e as implicações desta na cultura humana, compreender-se-á que a identidade da adolescência contemporânea está sendo tecida pelo fenômeno da cultura digital.

Gráfico 3 - Acesso à internet



Fonte: Elaboração própria (2021).

Esses dados confirmam uma das colocações pontuadas nessa pesquisa, a de que a revolução tecnológica ganhou grande espaço no cotidiano das pessoas, tornando-se parte de suas formas de vida e experiências de comunicação interpessoal. O gráfico 4 vem mostrar o questionamento acerca do que esses jovens mais gostam de acessar na internet. Quando perguntados sobre o que eles mais gostavam na internet, seis (6) responderam que gostavam do *Facebook*. Já quatro (4) gostavam mais dos jogos, dois (2) gostavam de acessar o *Youtube* para visualizar vídeos interessantes, enquanto três (3) jovens utilizavam a internet com maior frequência para pesquisar, somente um (1) participante gostava de acessar *blogs*. Tudo indica que a realidade que se apresenta agora está mediatizada pelas tecnologias digitais, em todos os seus segmentos da cultura participativa e digital que os ambientes *online* têm promovido (RAMAL, 2002; JENKINS, 2009; BELLONI, 2012).

De acordo com o que foi apresentado pelas pesquisas estatísticas do último *Censo da Educação Básica* (BRASIL, 2022), aproxima-se da realidade pesquisada O acesso à internet

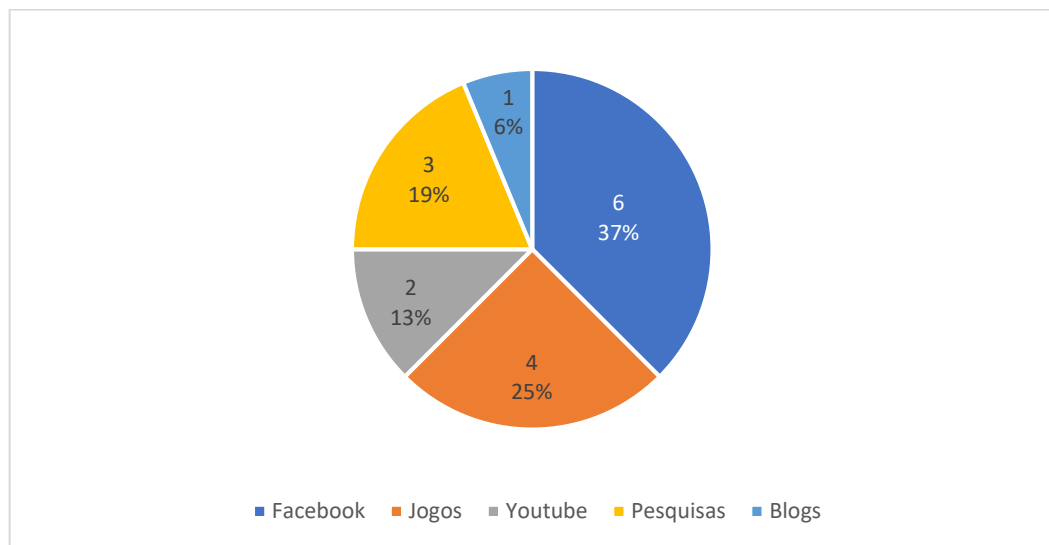
não é mais somente das elites, ela está presente no cotidiano das pessoas, dos cidadãos e da maioria das pessoas. Serres aponta que

[...] até hoje, as sociedades ocidentais sofreram duas revoluções: a da transição do oral para o escrito, e, em seguida, do escrito para o impresso. Como as anteriores, a terceira, igualmente crucial, é acompanhada por mudanças políticas, sociais e cognitivas. Tempos de crise. Começa uma nova era que assistirá à vitória da multidão anônima sobre as elites (SERRES, 2013).

Nesse sentido, Serres (2013) já previa mudanças quando fala da “vitória da multidão anônima sobre as elites. Contudo, a realidade brasileira de algumas escolas públicas já está mudando.

Podemos perceber nos dados coletados acima e através das nossas anotações no DIP, o acesso e a inserção dos jovens pesquisados nas mídias digitais. Em relação ao acesso desses jovens à internet, isso é incontestável, devido à propagação de aparelhos móveis que estão mais acessíveis e ainda o acesso gratuito à rede em diversos lugares públicos.

Gráfico 4 - O que mais gostam na internet



Fonte: Elaboração própria (2021).

Ainda sobre esta questão e de acordo com o gráfico 4, os jovens deixaram exposto em suas respostas que as redes digitais são exploradas, de forma geral, para a diversão, assim como já demonstraram os estudos de Belloni (2012), conforme as conferências recentes ministradas pela pesquisadora²³.

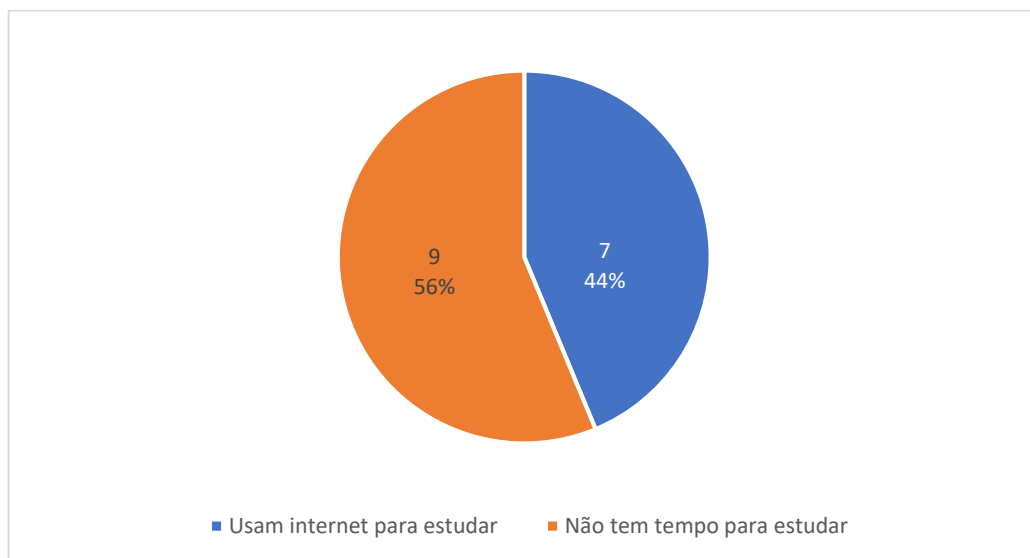
²³ A professora Maria Luiza Belloni defende uma cultura audiovisual, no Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (SIED: EnPED 2016), realizado nos dias 26 e 27

Em suas teorias, Jenkins (2009) acredita que “cada um de nós constrói sua própria mitologia pessoal, a partir de um mosaico de informações extraído dos fluxos midiáticos”. Ou seja, o autor analisa o fluxo de conteúdos que permeiam entre os suportes midiáticos considerando os movimentos migratórios desse público que transitam entre os diversos canais de mídis em busca de novas experiências.

De acordo com o levantamento de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações – BDTD e no *Google Acadêmico*, rastreando-se as produções sobre “mídias e educação” durante o período de 2015 a 2021 foram identificados alguns trabalhos com as palavras mídia-educação, juventudes, e comunicação a partir do dialogismo bakhtiniano e da lógica hipertextual.

Ao analisar o gráfico 5, pudemos observar que dos dezesseis (16) participantes envolvidos nesta pesquisa, somente sete (7) jovens usavam a internet para estudar, os outros nove (9) disseram não terem mais tempo para estudar. Este fato acontece por causa de muitos desses jovens interromperem de forma precoce os estudos, para trabalhar e ajudarem no sustento de suas casas. Muitos deles só possuem o Ensino Fundamental, pois o que pudemos observar na comunidade Mundo Novo é a carência alimentar dessas famílias (FREIRE, 1999; SPOSITO, 2009).

Gráfico 5 - Uso da internet para estudar



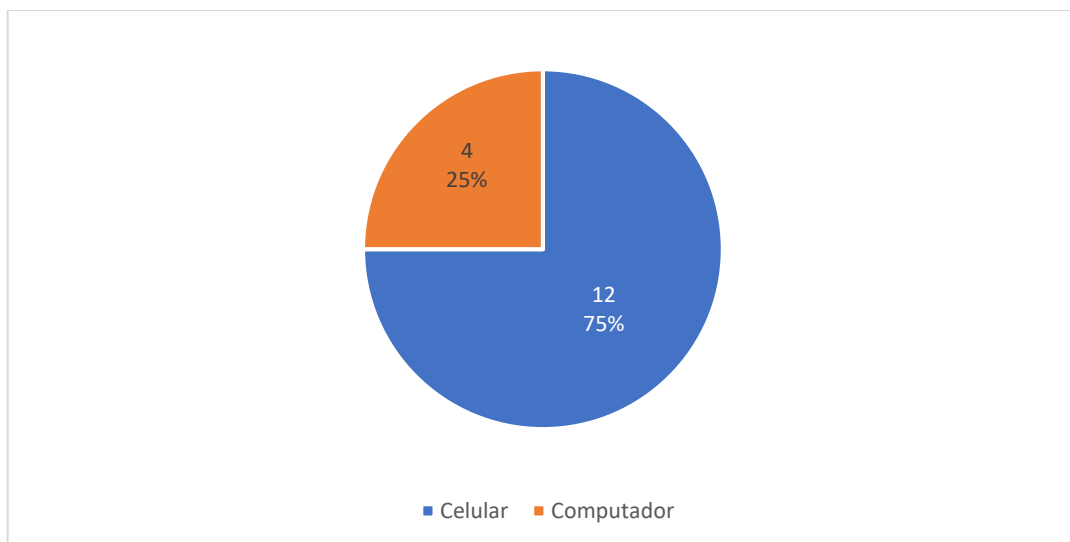
Fonte: Elaboração própria (2021).

de setembro de 2016, na Universidade Federal de São Carlos. Mesa-redonda: Mídias, Cultura digital e Educação: pela criatividade e inovação pedagógica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h_k_Hv4HxLk. E em outras falas sobre o mundo digital, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RD-dBRwxvSU> Acesso em: 20 mar. 2022.

Cabe ressaltar o desejo desses jovens de voltar a estudar, mas eles acham pouco provável essa hipótese, pois reclamam que trabalham muito e ganham pouco, reconhecem a condição de ser mão de obra barata, e dizem que é melhor pouco do que nada. Em conversas informais, eles alegam que ao menos ganham comida e o vale transporte. Com relação aos aparelhos utilizados para o acesso à internet, os dados desvelados pelo gráfico 6 apontam que a maioria dos jovens, doze (12) deles, utilizam o celular como meio de acesso à cultura digital, quatro (4) jovens disseram usar o computador interconectado com mais frequência, nenhum participante relatou usar *tablet*, o que justifica a carência econômica e a injustiça social de como vivem os jovens pobres do Brasil. Todos declararam ter acesso à internet.

Quando fizemos o levantamento da análise de necessidades desses jovens percebemos a carência, sobretudo de estudos e de conhecimento de mundo, por parte dos participantes dessa pesquisa. De acordo com Nunan (1992), “a análise de necessidades é o primeiro passo para o desenho de um projeto”, ou seja, a análise de necessidades funciona como uma espécie de termômetro para os desenhos e delineamentos conduzindo os parâmetros da pesquisa. A partir dessa análise foi que pudemos levantar e detectar, através do DIP, os anseios, expectativas, crenças e problemas vividos nas dinâmicas presenciais vividas e compartilhadas por esses participantes.

Gráfico 6 - Aparelhos utilizados para acessar a internet



Fonte: Elaboração própria (2021).

Esses resultados evidenciam o que foi pontuado sobre a revolução tecnológica ao longo do trabalho, que exige de todos uma rapidez e imediatismo nas suas relações comunicacionais,

refletindo, inclusive, na escolha do aparelho utilizado por seus usuários para este fim, sendo o celular um instrumento portátil, disponível a todo momento.

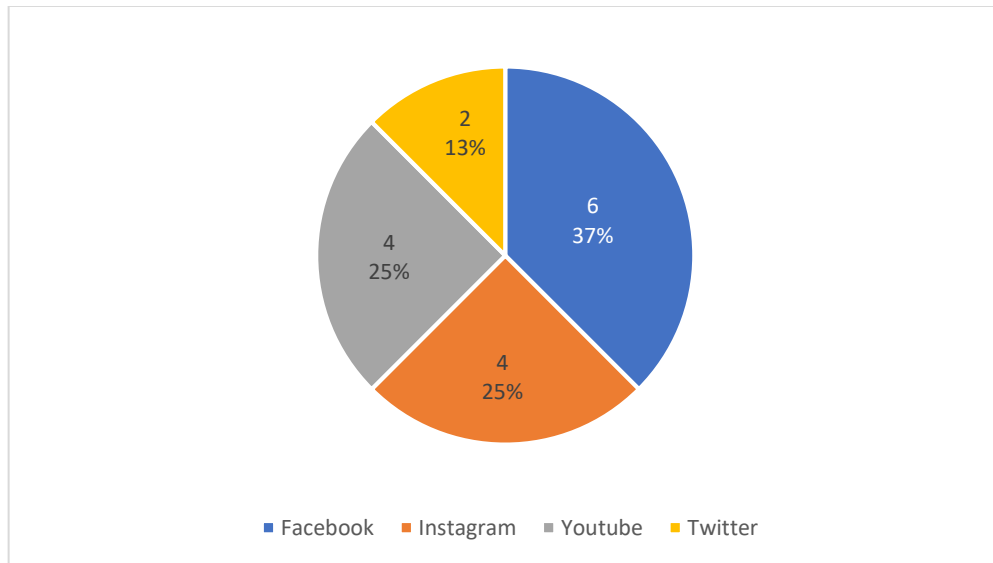
Durante a pesquisa empírica, pudemos observar que todos os jovens pesquisados possuíam Celulares e somente alguns tinham computadores o que nos remete ao que apontou, Serres (2012) o acesso à internet não é mais um privilégio das elites, ela está presente no dia-a-dia das pessoas. Essa era uma das maiores preocupações de Belloni (2012) que afirmava que os adolescentes mais desfavorecidos não tinham acesso e não sabiam utilizar de maneira vantajosa “os instrumentos extraordinários da comunicação”. Hoje essa realidade mudou, os jovens pesquisados, estão efetivamente envolvidos nas mídias digitais, quando compartilham com seus amigos suas experiências.

Belloni (2012) defende que as novas tecnologias de informação e comunicação (referindo-se à internet) não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais (TV) em qualquer situação de aprendizagem. Contudo, é preciso, segundo a autora, não se esquecer que, embora essas mídias não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo desses jovens, “[...] sendo esta a razão da necessidade de sua integração à educação” “[BELLONI, 2012, p. 25).

Quando perguntados se possuíam perfis em redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *Twitter*, o que nos revela o Gráfico 7 é que dentre os dezesseis (16) jovens entrevistados na pesquisa, seis (6) tinham perfis no *Facebook*, quatro (4) no *Instagram*, quatro (4) no *Youtube* e dois (2) no *Twitter*.

Esta etapa da pesquisa apresentamos dados que se referem aos perfis que esses jovens participantes tinham nas redes sociais. e a consciência quanto ao compartilhamento de assuntos e conteúdo que eles tinham nesses perfis, onde buscou-se compreender a relação que esses jovens tinham com as mídias digitais. Assim sendo, tanto para o ensino nas escolas quanto para o consumo digital consciente procede afirmar que “é necessário ter em mente que a mensagem que circula no meio digital precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma” (VILAÇA; ARAÚJO, 2016).

Gráfico 7 - Perfis em redes sociais



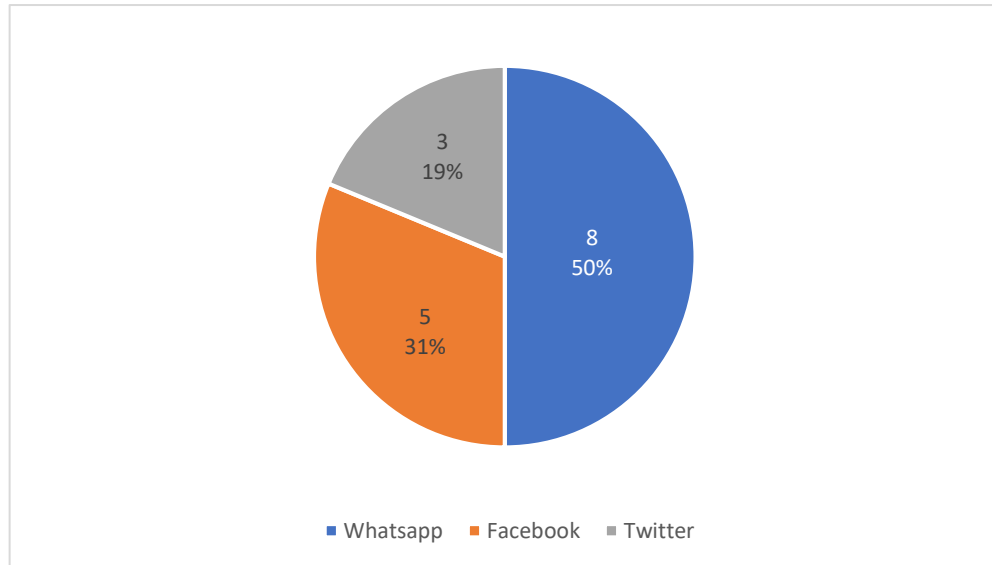
Fonte: Elaboração própria (2021).

O gráfico 8 apresenta os resultados obtidos acerca das redes sociais mais utilizadas pelos jovens. É importante destacar que foram levadas em consideração apenas as três redes sociais mais populares no serviço de postagem instantânea e postagem de textos. Os resultados evidenciam que dos dezesseis (16) jovens respondentes, a maioria deles, oito (8) participantes utilizam com maior frequência o aplicativo *whatsApp*, cinco (5) jovens fazem um uso maior da rede social *facebook* e três (3) jovens acessam com maior assiduidade o *twitter*, todos os jovens possuem acesso à internet. Vale ressaltar, aqui, que a maioria dos jovens pesquisados utilizam com maior frequência o *whatsApp* quanto as suas preferências em redes sociais.

Há diversas pesquisas no Brasil que investigam as mídias digitais e seus diálogos com a educação. Destacamos a pesquisa de Ribeiro (2014, p. 7), onde considerou que as articulações da convivência cotidiana de jovens com as mídias digitais. O estudo permitiu que esse autor observasse que os jovens passam horas mergulhados em ambientes digitais (em uma atmosfera inundada por áudios, vídeos, músicas, filmes, jogos na internet, etc.). “A cultura da atualidade está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de inter-relação” entre sujeitos, informações e imagens na cultura digital, mas que seduzem mais pelo poder das interfaces do que como fontes de aprendizagem para avançar na formação humana (COSTA, 2003, p. 13). De acordo com Santaella (2009), vale a pena lembrar que “a tecnologia é um ingrediente da cultura contemporânea sem o qual ciência, arte, trabalho, educação, enfim, toda a interação social tornar-se-ia impensável”.

Transformados os dados em percentuais, eles se apresentam da seguinte maneira.

Gráfico 8 - Redes sociais mais utilizadas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Vale aqui ressaltar que se comparado esses dados à pesquisa apresentada anteriormente, observamos que elencamos em primeiro lugar a utilização do *facebook* e em segundo lugar o *whatsApp*. Neste caso, percebemos que os jovens entrevistados apresentam uma inversão na utilização dessas duas redes sociais, no entanto, ambas as pesquisas mantem as duas redes sociais nos primeiros lugares da preferência desses jovens.

No gráfico 9, apresentamos as informações obtidas quanto à frequência de acesso por semana na internet pelos jovens participantes. De acordo com os dados expostos, dez (10) jovens, a grande maioria deles, utiliza a internet todos os dias, apenas seis (6) estudantes acessam a internet na frequência de duas a três vezes por semana. Nenhum dos respondentes afirmou utilizá-las entre três a cinco vezes por semana ou uma vez por semana. Todos os jovens utilizam a internet.

A popularização, expansão e busca pelo acesso à internet são incontestáveis. De acordo com o levantamento do PNAD/2011 também aponta que quanto maior a escolaridade, mais elevada é a inclusão na rede digital. Desta forma, nota-se que, em 2011, das pessoas que tinham 4 a 7 anos de estudo, apenas 33% acessavam a internet; dos que tinham de 8 a 10 anos de estudo, o número era de 51,2%, das pessoas de 11 a 14 anos de estudo, já temos expressivos 71,5%; e, por fim, para as pessoas que têm 15 anos ou mais de estudo (e que superam a barreira do Ensino Superior), esse número chega a expressivo 90,2% (IBGE, 2013). Esses dados vêm corroborar com os dados da nossa pesquisa.

Gráfico 9 - Acesso à internet por semana

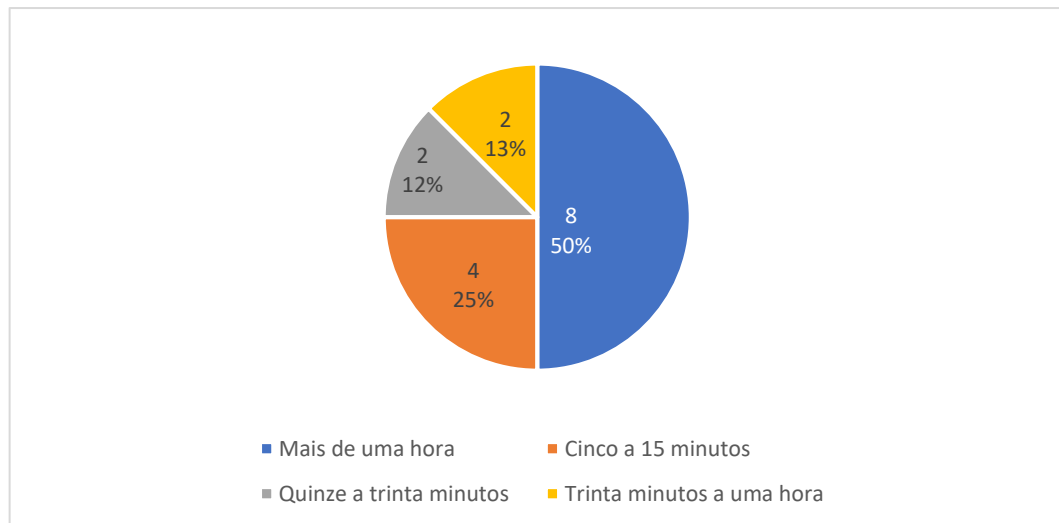


Fonte: Elaboração própria (2021).

Esses dados reforçam a afirmação de que a internet se vinculou ao cotidiano dos sujeitos e indica, também, que os jovens são grandes frequentadores desses espaços. O gráfico 10 apresenta o percentual de tempo de utilização nas redes sociais. Para esta questão, os jovens responderam assim: A grande maioria dos jovens oito (8) deles, afirmaram que ao acessar as redes sociais geralmente permanecem por mais de uma hora conectados; quatro (4) jovens afirmaram passar entre cinco e quinze minutos conectados; dois (2) jovens disseram se manter de quinze a trinta minutos *online*, enquanto outros dois (2) as utilizam por um tempo de trinta minutos a uma hora. Todos disseram que exploram e navegam pelas redes sociais.

De acordo com Moran (2007) os jovens passam horas mergulhados dentro desse ambiente áudio-vídeo-sensorial do videoclipe, mesmo quando tem que dedicar-se à outras atividades como estudar e ler. Vale ressaltar que o acesso no Brasil às novas tecnologias por classes desfavorecidas tem aumentado, pois, atualmente, as empresas de telefonia facilitam o pagamento tanto de aparelhos móveis de última geração, quanto o acesso à internet, sem levar em consideração o acesso às redes *wi-fi* que estão em diversos lugares públicos. No entanto, é preciso lembrar que ainda existe uma parcela da população que vive na miséria, ou que simplesmente em regiões afastadas sem acesso a redes de celulares ou mesmo Internet.

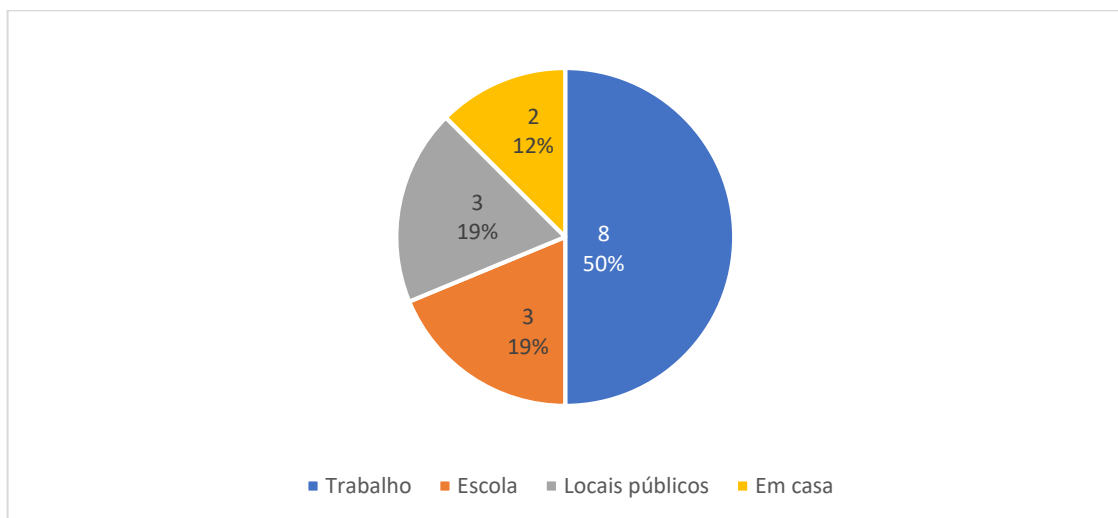
Gráfico 10 - Tempo de acesso às redes sociais



Fonte: Elaboração própria (2021).

O gráfico 11 segue demonstrando estatisticamente quais os lugares de acesso desses jovens. Dentre os dezesseis (16) participantes, oito (8) jovens disseram que acessavam com frequência no trabalho, três (3) disseram que acessavam na escola, três (3) acessavam de lugares públicos, enquanto dois (2) narraram que acessavam de suas casas. Serres (2013, p. 20) afirma que “[...] parece que eles já nascem sabendo a mexer sozinhos em várias telas ao mesmo tempo”. Ou seja, não importa o lugar aonde esses jovens acessam a comodidade e a condição que o lugar lhes dá, o que está em questão é a facilidade com que eles acessam e a forma de como eles se familiarizam e relacionam com essas mídias.

Gráfico 11 - Lugares de mais acesso à internet

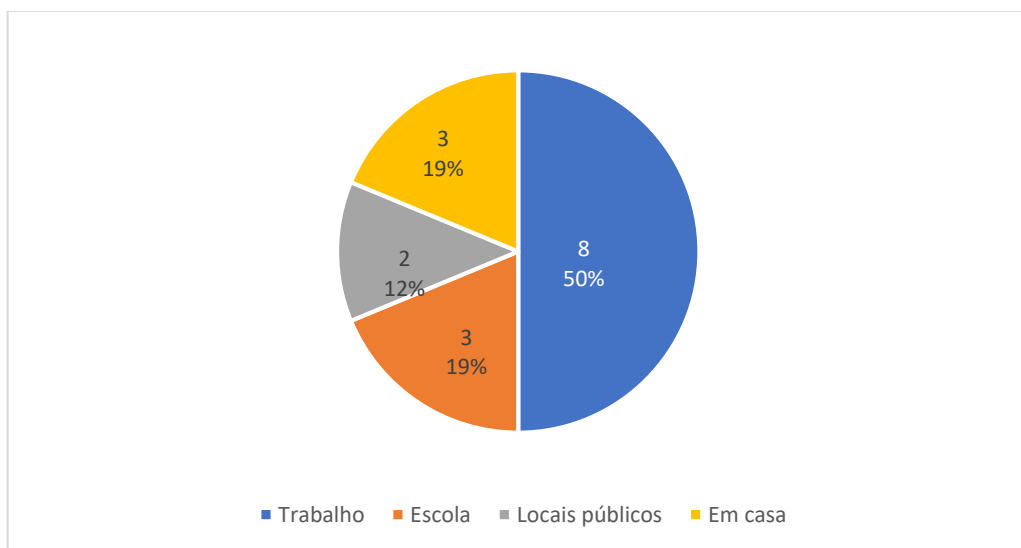


Fonte: Elaboração própria (2021).

Os dados obtidos e evidenciados no gráfico 11 se somam ao gráfico 12, demonstrando estatisticamente, os lugares de maior acesso à internet por parte desses jovens. Dos dezesseis (16) participantes dessa pesquisa, oito (8) disseram que acessavam com maior frequência no trabalho, três (3) afirmaram acessar de suas casas, três (3) acessavam da escola, enquanto que dois (2) relataram acessar de lugares públicos.

Os jovens em sua maioria, são destemidos, ou seja, não tem medo do novo, dos desafios e isso fica nítido nos lugares preferenciais que eles procuram para fazerem seus acessos à internet. Contudo, o que foi revelado por esses jovens e que nós pontuamos em nosso DIP, é que eles se sentem inseguros, despreparados e desprotegidos para buscar ajuda quando necessitam de algo relacionado ao que muitas vezes vivenciam na internet. Disseram também que em casa não tem ajuda dos pais, na mídia tendem a não serem ouvidos e na escola contam com professores despreparados.

Gráfico 12 - Local de maior acesso à internet



Fonte: Elaboração própria (2021).

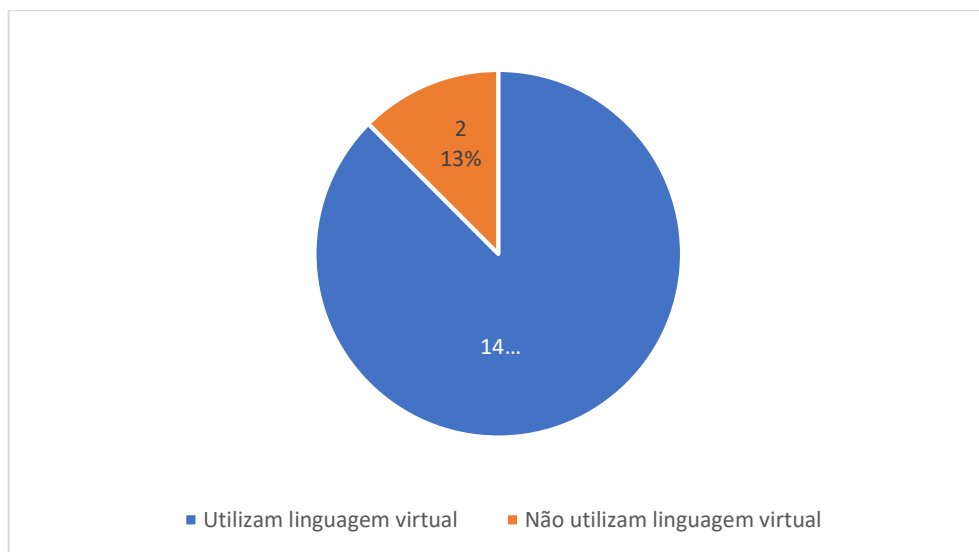
Quanto à utilização da linguagem virtual nas redes sociais, os dados mostram que quatorze (14) jovens utilizam esta linguagem e dois (2) não fazem uso dela. Todos declararam utilizar as redes sociais. Aqui cabe lembrar Moran (2007), que fala dos meios eletrônicos que exprimem a linguagem desses jovens e também o conteúdo desejado, que repercute no seu íntimo, nas questões de equilíbrio emocional e em muitos elementos imaginativos.

Desde o texto *Entretenimento como linguagem e materialidades dos meios nas relações de jovens e tecnologias contemporâneas*, observamos que quase sempre as narrativas trabalham

de modo a promover uma espécie de *envolvimento emocional* como linguagem entre as juventudes, trazendo experiências de afetação, prazer lúdico, estranhamento e desafiando os próprios sentidos dos jovens (PEREIRA; POLIVANOV, 2012). Diante do panorama considerado até aqui, podemos dizer que as interfaces midiáticas contemporâneas carregam afinidades com as expressões simples, intuitivas e multissensoriais, assim como fazem com que a experiência cultural esteja cada vez mais complexa em suas linguagens midiáticas (PEREIRA; POLIVANOV, 2012).

A teoria das mediações traz um novo olhar na comunicação, que introduz uma ruptura e passa a ser entendida não mais a partir dos meios, mas das medidas sociais, culturais, políticas quando as pessoas dão novo sentido aos produtos midiáticos, entendendo que “a comunicação é questão de sujeitos, de atores e não só de aparatos e de estruturas; a comunicação é questão de cultura, culturas e não só de ideologias; a comunicação é questão de produção e não só reprodução” (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 150).

Gráfico 13 - Utilização da linguagem virtual nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria (2021).

Os resultados aqui ilustrados podem ser evidenciados pelo gráfico 13, que apresenta uma porcentagem de 87% desses jovens, a grande maioria deles, utilizando a linguagem virtual e 13% disseram que não utilizam a linguagem virtual nas redes sociais. Os dados expostos projetam que a utilização da linguagem virtual é um fato real e presente na vida dos jovens. Voltamos agora para a utilização da linguagem virtual fora do ambiente virtual. O panorama que se apresenta no gráfico 14 é o seguinte: dez (10) jovens disseram que não fazem uso dessa

linguagem fora da internet e seis (6) estudantes admitiram utilizar esse formato de escrita fora do ambiente virtual.

De acordo com Orlandi (2005, p. 53) “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito se diz”. Portanto é por meio do discurso que o sujeito se identifica, sendo possível sua transformação em relação ao ambiente em que vive (MARCUSE, 1973). Segundo Bakhtin (1996), a utilização da língua está relacionada a todas as esferas das atividades humana. Para Bakhtin (1996) ainda que o enunciado seja visto isoladamente, em cada esfera de utilização da língua são elaborados tipos relativamente estáveis de enunciados.

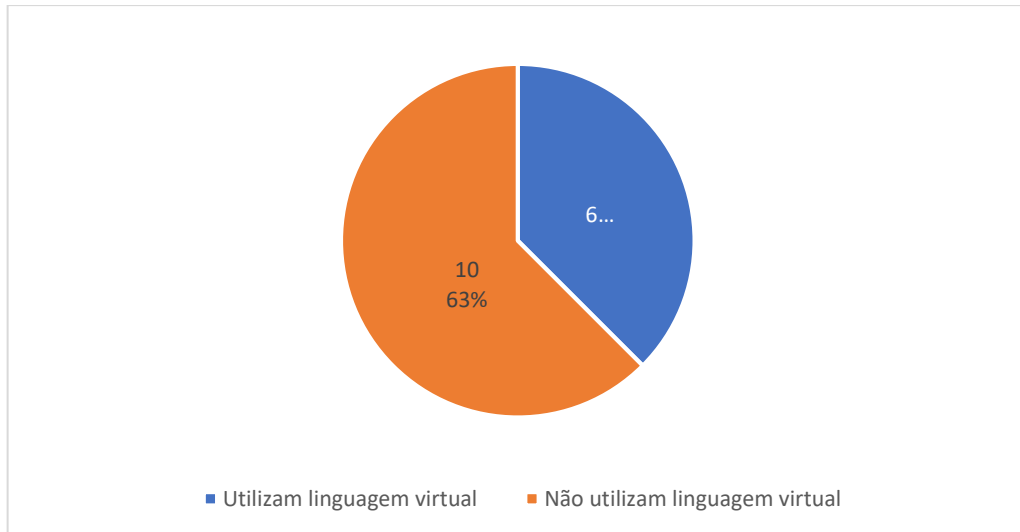
O novo modelo de linguagem tecnológica que se instalou em todo mundo modificou sobremaneira a forma de viver, ser e de agir do sujeito, principalmente no que diz respeito à área de comunicação, impulsionando transformações que passam pelo desenvolvimento de uma linguagem própria, chamada de linguagem virtual. Sobre essa nova maneira de se comunicar, Othero (2004, p. 23) destaca que:

Uma nova forma de escrita dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet. Como a conversa é em tempo real e pode se dar com mais de um usuário ao mesmo tempo é preciso escrever rapidamente.

Portanto, tanto para o ensino nas escolas, quanto para o consumo digital consciente se está afirmando que “é necessário ter em mente que a mensagem que circula no meio digital precisa ser adequada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma” (ARAÚJO; VILAÇA, 2016, p. 23).

Dentre as muitas transformações percebidas a partir da inserção de um novo suporte às práticas de produção de conhecimentos, uma destaca-se em relação à produção textual, explorando mais metáforas e unindo imagens a conceitos. E isto ocorre por conta da linguagem virtual que é uma característica das novas gerações tecnológicas.

Gráfico 14 - Utilização da linguagem virtual fora do ambiente virtual

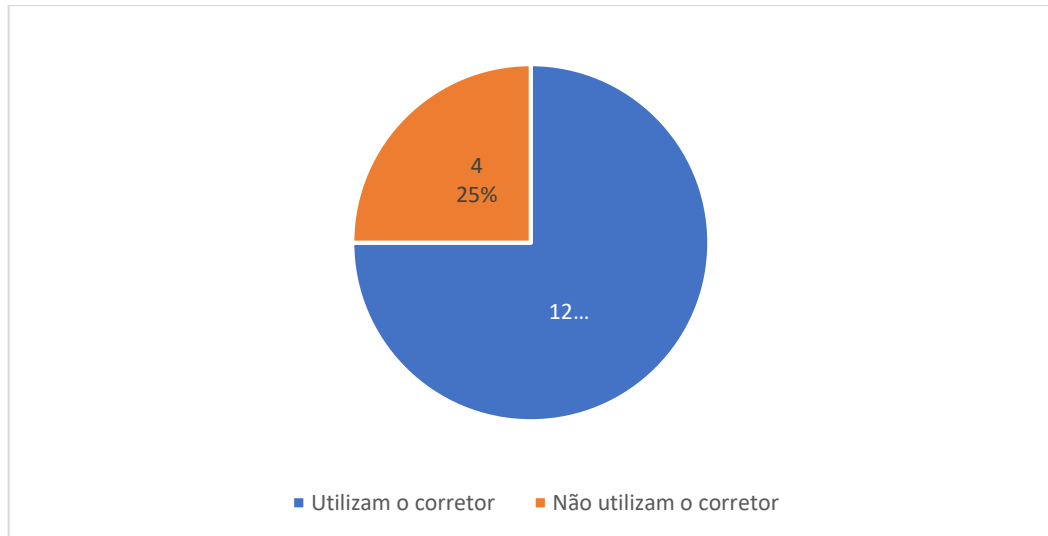


Fonte: Elaboração própria (2021).

O gráfico 14 também complementa esses dados, afirmando que do total de participantes, 63% não utilizam a linguagem virtual em atividades fora do ambiente virtual e 37% a utilizam. Os apontamentos acima apresentam uma das respostas para um questionamento desta pesquisa, da preocupação do pesquisador quanto à utilização inadequada da linguagem virtual pelos respondentes, os quais poderiam estar transferindo-a para fora do ambiente virtual, o que pôde ser constatado que não, pelo menos entre a maioria dos jovens deste caso que utilizam as redes sociais.

Os dados informados e coletados no gráfico 15 chegam às seguintes decorrências quanto à utilização de corretor ortográfico pelos jovens envolvidos na pesquisa: Dos dezesseis (16) estudantes, doze (12) utilizam o auxílio do corretor nas conversações e postagens em mídias sociais e quatro (4) participantes não utilizam esse recurso/corretor. Sobre essa nova maneira de se comunicar. De acordo com Othero (2004, p. 23), uma nova forma de escrita dos tempos digitais foi criada com frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível, afinal, é preciso ser rápido na internet. Esse novo modelo de escrita tornou-se mais popular e usual com o surgimento das redes sociais, já que estas representam, hoje, o que há de mais atual em termos de comunicação no meio virtual através das plataformas de conversação e acompanhamento de informação. Devido a essa economia linguística, essa pressa em escrever em menor tempo possível é que os jovens se apropriam, também, do corretor ortográfico, pois, desta forma eles não perdem tanto tempo.

Gráfico 15 - Utilização do corretor ortográfico

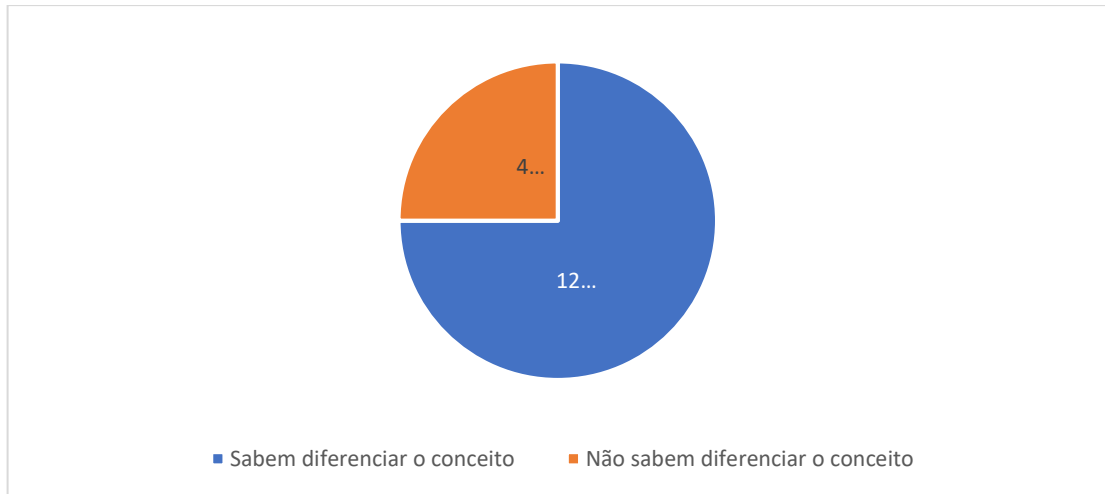


Fonte: Elaboração própria (2021).

Conforme depreendemos no gráfico 16, doze (12) participantes da pesquisa disseram saber diferenciar o conceito de linguagem virtual de linguagem formal, apenas quatro (4) jovens afirmaram não saber a diferença entre ambas. Em termos estatísticos, esses dados são apresentados no gráfico 16 com uma constatação de 75%, ou seja, a grande maioria dos jovens utilizam desse recurso corretivo do texto e apenas 25% não são adeptos do corretor. A utilização deste recurso representa exatamente o que já foi anteriormente sugerido, o fato de que a configuração do mundo atual requer ações rápidas em uma conversação virtual, tendo no corretor ortográfico justamente um facilitador no momento de digitar. No entanto, este processo de escrita quase mecânica pode comprometer a capacidade do usuário de escrever corretamente por conta própria.

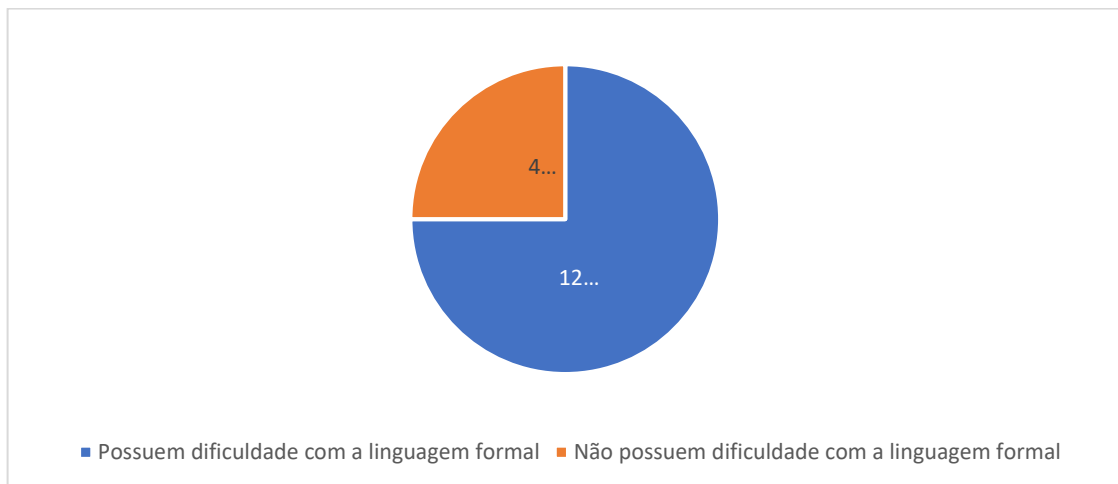
Os estudos sobre as diferentes possibilidades do uso da língua remontam desde o início da formação cultural, mas foi somente no século XIX que se iniciou um estudo mais aprofundado sobre esse tema. Travaglia (1998) afirma que a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de reproduzir sua própria língua, no ponto de vista como um código, um conjunto de signos, letras, sons, gestos que se combinam segundo regras, não apenas para se obter uma comunicação, mais ampla, como a interação social, o estudo entre outros aspectos. Apesar dos participantes da pesquisa terem dito, em sua maioria, que sabiam fazer a diferença entre a linguagem virtual e a linguagem formal, essas afirmações revelam que esses jovens sabem ao menos na teoria, a diferenciação entre esses dois formatos de escritas.

Gráfico 16 - Diferenciação entre escrita virtual e escrita formal



Fonte: Elaboração própria (2021).

Gráfico 17 - Dificuldades para utilizar a linguagem formal



Fonte: Elaboração própria (2021).

Ainda sobre essa questão, a mesma oportunizou aos jovens que revelassem as dificuldades para a inclusão da linguagem formal. Contudo, entre os doze (12) jovens que disseram ter dificuldades na utilização da linguagem formal, apenas dois (2) expuseram quais eram essas dificuldades, o restante não soube especificá-las. As dificuldades citadas pelos jovens tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita foram: a) Dificuldade na utilização de pontuação; pontos, vírgulas e acentuação gráfica; b) Dificuldade em escrever as palavras com a grafia correta; c) Dificuldade em falar de forma correta: palavras com dígrafos ou acentuadas; d) Pronunciar certas palavras.

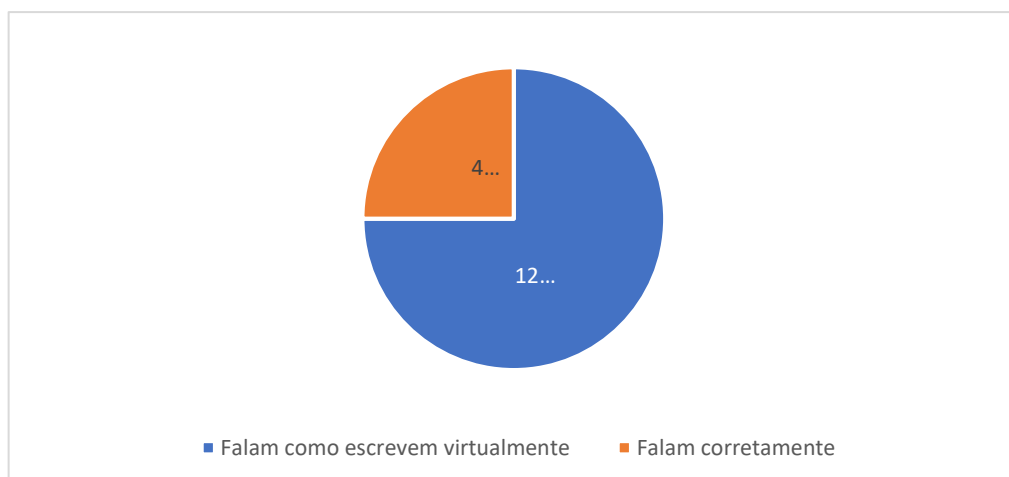
Esse alto número de jovens que revelaram possuir dificuldades quanto ao uso da linguagem formal corrobora com uma das hipóteses sugeridas, de que pode haver uma

desconstrução da linguagem formal. Essa constatação sugere ainda a necessidade de dar uma atenção especial para esses jovens, pois estes mostram-se como parte importante nesse processo de falta de conhecimento da língua portuguesa. O gráfico 18 vem mostrar os índices em percentuais dessa constatação. Dos dezesseis (16) jovens respondentes, doze (12) disseram que falavam como escreviam nas plataformas virtuais e, somente quatro (4) jovens mencionaram que quando falavam, ou seja, em seus discursos orais, falavam corretamente, sem cometer erros e que sempre tentavam praticar a linguagem formal.

A linguagem formal ou escrita é aquela que compõe nosso pensamento no papel, na escrita digital, etc. A linguagem escrita que também é chamada de verbal, precisa atender às regras gramaticais, pois diferente da linguagem oral, que geralmente se aproxima mais de uma linguagem coloquial, a linguagem escrita é formal, principalmente em um ambiente acadêmico ou profissional. Contudo, não podemos confundir a linguagem oral com a linguagem escrita, pois a primeira é mais espontânea, e abrange diversos fatores linguísticos em sua totalidade, como por exemplo, as diferenças regionais, enquanto que a linguagem escrita é um sistema organizado, que segue uma regra, uma norma e precisa ser utilizada igualmente nas diferentes regiões do país.

A linguagem escrita é geralmente aprendida na escola, e diferente da linguagem oral, que aprendemos desde o *balbuciar* sons com toda sua simplicidade, são diferentes, apesar de terem como objetivo comum: a comunicação. É preciso usar mecanismo para garantir ao interlocutor a compreensão do que se lê ou se ouve. Embora a linguagem escrita necessite de uma linguagem formal, até porque os estudantes precisam escrever seus trabalhos acadêmicos segundo o padrão regido pelas normas ortográficas em vigor.

Gráfico 18 - Influência da mídia sobre a linguagem oral



Fonte: Elaboração própria (2021).

Ainda sobre esta questão, o gráfico 18 corrobora com a resposta dada por esses jovens na pergunta anterior e exposta no gráfico 15. Os resultados revelam uma das questões fundantes para a pesquisa, a saber, que os jovens têm dificuldades de falar corretamente a linguagem oral. A grande maioria admitiu ter realmente dificuldades no ato de falar e em seus discursos diários. Com relação a estas dificuldades, de expressar-se corretamente sentida por esses jovens, quanto ao uso da linguagem formal, elas perpassam por vários fatores, inclusive elementos citados pelos jovens, tais como: multiletramentos, estudos tardios, falta de acompanhamento, dentre outros.

No Brasil, existem várias pesquisas sobre as mídias digitais em articulações e diálogos com a educação, no que se refere à mídia-educação. Vale destacar, aqui a pesquisa de Ribeiro (2014, p. 7), que considerou em sua pesquisa as articulações da convivência cotidiana de adolescentes com as mídias digitais, propondo estudos em torno de jogos, celulares, internet e concluiu sustentando as seguintes categorias:

a) Adolescentes e a convivência com as mídias digitais; b) O processo de educação para convivência com as mídias digitais percebidos pelos adolescentes. O estudo permitiu observar que os alunos estão inseridos em um contexto de educação paralelo à escola, sem orientações, em que eles vivem uma autodidaxia que os deixa vulneráveis a todo tipo de intenções na internet.

Os dados da pesquisa de indicam também que os adolescentes passam horas mergulhados em ambiências digitais, sem orientações de tempo para ampliar outras atividades, suportes de estudos e leituras (RIBEIRO, 2014). “A cultura da atualidade está proporcionalmente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de inter-relação” entre sujeitos, informações e imagens na cultura digital, mas que seduzem mais pelo poder das interfaces do que como fontes de aprendizagem para avançar na formação humana (COSTA, 2003, p. 13). O autor considera que vivemos cada vez mais em bolhas digitais. Por conta disso podemos observar que os jovens estão cada vez mais se distanciando da linguagem formal e sofrendo a influência das mídias digitais em sua linguagem oral e escrita.

É fato que a linguagem digital vem transformando a comunicação em todos os setores, mas, analisando especificamente a educação, a área acadêmica, com normas e padrões a serem seguidos de forma rígida em diversos trabalhos, como por exemplo, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas e as regras ortográficas, como um professor poderia orientar uma geração de estudantes que estão 24 horas por dia conectados? O acesso fácil e rápido à informação e à comunicação instantânea, por conta dos símbolos e abreviações advindos da linguagem digital, como incluir a impermanência como lastro de garantia de direitos e

potencialização dos jovens por linguagens ativas, em busca de conhecimentos abertos, de construção de conhecimentos e não apenas de consumo, em territórios digitais cada vez mais informais que vivemos?

Os professores não têm como ignorar a era digital e as novas formas de vida e comunicação. As formas de aprendizado no tempo e espaço também estão em transformação, porém, a linguagem oral e a linguagem escrita formal não podem ser substituídas, pois não há como utilizar abreviações, *emoticons* e *emojis* em artigos, monografias, dissertações e teses, assim como também precisamos evitar o uso no meio corporativo, salvo algumas exceções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os caminhos percorridos e desdobramentos desta pesquisa, tornou-se possível concluir alguns pontos, conjecturar os questionamentos iniciais e reavaliar outros aspectos que surgiram nas interfaces da investigação, inclusive, explorando mais alguns ensaios textuais para ler o mundo e pensar no sentido do enriquecimento e compreensões dos conceitos aqui apresentados. Durante a contextualização das vertentes teóricas e as conexões com os jovens, ficou claro, por exemplo, que a internet se encontra fortemente ligada ao cotidiano deles e que a utilização da linguagem virtual dentro das mídias sociais acontece de fato entre a maioria dos jovens que participaram desta pesquisa, o que veio como resposta à pergunta norteadora: Até que ponto as mídias digitais influenciam e alteram a linguagem e o discurso dos jovens da comunidade Mundo Novo?

As aproximações de Santaella (2013, p. 46) também nos animam a pensar as formas de comunicação diferentes e os novos espaços de comunicação experimentados pelos jovens em ambiências digitais, sempre abertas para novas aprendizagens sociais, pois, “a velocidade tomou conta do mundo e se há uma área da ação humana que não se permite que fiquemos à janela vendo a banda passar, essa área é a da educação”. Essa pesquisa, também se propôs identificar a influência que as mídias exercem na linguagem dos jovens dessa comunidade e desenrolamos disso que a cultura digital mudou a natureza da nossa vida narrativa. A partir das respostas advindas dos jovens e após as análises, evidenciamos que as mídias exercem um papel influenciador negativo sobre a linguagem desses sujeitos, pois a maioria deles declararam em suas respostas que falavam e escreviam do mesmo jeito que escreviam virtualmente, ou seja, as mídias sociais e a internet encurtaram fronteiras, expandiram a globalização e alteraram seus comportamentos.

É possível conversar com pessoas do outro lado do mundo, mas como efeito negativo desse advento virtual, os relacionamentos se distanciaram como depreendemos das narrativas. Além disso, por estar constantemente conectado, é muito difícil saber o momento de ficar *offline* e se dedicar aos encontros com aqueles que se encontram próximos fisicamente ou ao nosso lado (porém, distanciados pelas experimentações do mundo digital). A ideia dessa pesquisa não tem nenhuma pretensão de esgotar o assunto, mas sugerir que haja uma discussão coletiva e crítica sobre o tema proposto, a fim de incentivar a busca por alternativas de orientação, tornando mais conhecidas as formas de utilização e as possibilidades que o mundo digital oferece aos jovens e adolescentes.

Percebemos que existe entre os jovens um desejo latente de adquirirem produtos como objetos de consumo no mercado digital, tais como: celulares, *smartphone*, dentre outros, como forma de serem aceitos pelos grupos de jovens na comunidade Mundo Novo e também terem representatividade entre estes grupos. Ser popular em seu grupo ou na comunidade é um ponto importante para esses jovens, visto que lhes dá um status de valorização na tribo ou entre os membros do grupo (LÉVY, 1994). Para esses jovens é importante, sim, mostrar-se diante do grupo, divulgar o que tem de mais moderno dentro desse universo digital.

Um outro questionamento da pesquisa remete a compreender a percepção desses jovens quanto ao apelo dado pelos mesmos em relação aos saberes e linguagens circulantes. Toda a pesquisa girou em torno das formas de linguagem (oral, escrita, virtual) em suas interfaces com a educação, tomando *todo o discurso* dos jovens (cotidiano, retórico, escolar) em sua *orientação dialógica*, que se associa e dá vida ao já emitido, já conhecido desde a opinião comum (BAKHTIN, 2000).

Com efeito, a cultura digital é multifacetada e seus discursos subjacentes são contraditórios e envolvem mudanças na compreensão e nos comportamentos das juventudes. O desafio está em propiciar novos sentidos aos usos sociais dos meios e dispositivos audiovisuais, superando as práticas instrumentais e introduzindo as dimensões políticas, éticas e expressivas presentes na complexidade sociocultural dos processos de intercomunicação (MARTÍN-BARBERO, 1995). Apesar de alguns participantes afirmarem saberem distinguir uma linguagem da outra, e não fazerem o uso da linguagem virtual fora da internet, o grande uso de corretor ortográfico, a frequência semanal, o tempo de conexão e a incapacidade em contextualizar quanto ao uso da escrita formal, sugerem uma reflexão sobre práticas e interações dos jovens nesses novos cenários digitais. Tudo isso pode desestimular a capacidade participativa, criativa e crítica dos estudantes se inseridos de maneira alienada e passiva, uma vez que os usuários, no caso desta pesquisa, os jovens, encontram no ambiente virtual os instrumentos culturais prontos para o consumo.

As implicações do digital atravessam as contradições discursivas próprias do ato de comunicar, compreender e explorar as conexões para desenvolver as aprendizagens sociais, unindo povos e diferentes gerações, através do diálogo conectivista, como forma de se comunicar com o outro, que modela e forma a própria linguagem (BAKHTIN, 2000). Nestes novos cenários de diálogo digital, a linguagem oral por ter uma conotação mais informal e por ser mais espontânea acaba por, em sua emissão, aproximar-se do receptor.

A linguagem oral é acessível a todos, pois não exige escolarização, com isso, pode ser mais simplória com um vocabulário modesto e reduzido. Entretanto, pode oferecer ganhos em

sua compreensão, pois há a utilização de gestos, expressões faciais e posturais em rede que pode envolver as suas potencialidades. A linguagem escrita demanda mais tempo, preparo e formalidade por parte do emissor para atualizar o conhecimento. Ela necessariamente depende da interpretação do receptor e, desta forma, pode causar equívocos no entendimento e análise do que se está tentando fazer compreender na mensagem transmitida. Esse tipo de linguagem tem como ponto forte o planejamento na hora de colocar os pensamentos e ideias no papel, podendo-se revisar o conteúdo e corrigir possíveis falhas, inúmeras vezes com múltiplas ferramentas.

Com o progresso da linguagem digital na configuração de interações face a face, através da conectividade, surge os processos da linguagem virtualizada e o acesso a todo e qualquer tipo de interações em tempo real. A agilidade é uma forte característica dessa linguagem e, assim, surgem as abreviações, *emoticons* e utilização de imagens e símbolos, fazendo com que o recado enviado seja recebido instantaneamente, mas nem sempre é compreendido e, muitas vezes, podemos expressar melhor uma determinada situação. Entretanto, no mundo acadêmico e profissional, a linguagem digital deve ser usada com cautela, pois pode causar dubiedade de entendimento, tensões dialógicas (pluralidade de vozes que acompanham e questionam os sentidos do discurso) e incompreensões.

Esses fatos deixam claro a necessidade de se dar uma atenção especial aos processos de aprendizagem dessas duas modalidades de escrita, explicando ao jovem que o uso da linguagem virtual não é limitado, mas complementar da comunicação humana. A escrita formal precisa ser respeitada e valorizada, estimulando sempre o que de fato deve ser a relação entre a perspectiva dialógica da aprendizagem das tecnologias digitais em competências sociais e as novas literacias digitais.

No mundo acadêmico, cabe ao professor incluir em suas práticas o desafio de educar nesse novo universo em que as linguagens oral e escrita se unem às linguagens digitais, ao invés de somente proibir sua utilização. Apesar das diferenças apresentadas em cada uma das linguagens aqui citadas, não podemos afirmar que uma é mais importante que a outra. Todas têm seu grau de importância e em muitas ocasiões, uma depende da outra para se concretizar alguma tarefa (articulada com novos modos de aprender) ou comunicação. É preciso lembrar que a língua é viva e dinâmica e que *o ser que poder ser compreendido é linguagem* (GADAMER, 2002). Por essa razão, a linguagem estará sempre em desenvolvimento, cabendo ao emissor saber adequá-la para que o receptor entenda a mensagem, seja ela oral, escrita ou digital.

O grande desafio da linguagem nos dias atuais é o compromisso com a língua - essência da comunicação humana, tendo na leitura da palavra e do mundo um olhar constante ao uso correto das linguagens pungentes nos diálogos cotidianos, para o exercício diário da escrita e do uso da ética e da cidadania nos meios digitais, através de uma linguagem coerente e sustentada no reconhecimento, tolerância e respeito do outro. Recordando Belloni (2012), as novas tecnologias digitais representam, evidentemente novos desafios para a mídia-educação que deve aprender a lidar com: a) uma cultura midiática jovem, muito mais interativa e participativa; b) fronteiras menos precisas entre uma elite produtora de mensagens e a massa de consumidores típica das mídias de massa; c) novos modos de perceber o mundo e o aprender; d) novas formas de fazer política e significativas possibilidades democráticas.

Os temas que interessam aos jovens são vários e mudam frequentemente. A cada semana surge um novo *post* (assunto) pelo qual o jovem se interessa e, muitas vezes, esse encantamento não dura mais que uma semana. São poucos os conteúdos e temas de interesse que permanecem. Ao longo dos tempos os desafios foram constantes em relação às tecnologias que são extensões das potencialidades humanas, especialmente na vida dos jovens. Os pais reconhecem que estão mais ausentes e mais distantes da educação de seus filhos por conta das práticas e trabalhos digitais (PINHEIRO, 2008). Talvez, resultado da vida moderna que rouba e substitui o tempo dialógico que deveria ser dedicado aos filhos.

Para suprir essa ausência dos pais, os filhos estão substituindo as horas de lazer com seus pais, por horas diante da tela de um computador, celular, *tablet* e outros, um amigo inseparável que eles não conseguem desligar. A conversa *olho no olho* tão necessária, não existe mais no convívio familiar, segundo Pinheiro (2008), e parece que a influência das mídias digitais na linguagem dos jovens afasta ainda mais as possibilidades de pontes dialógicas intergeracionais. Por tudo isso, destacamos em especial os riscos e potencialidades da pulverização e dos desdobramentos dos discursos e das práticas de transformação social, centrando o lugar das narrativas do sujeito e das mediações dialógicas, para valorizar a cultura em seu processo de produção de comunicação e experiências, não apenas de circulação de informações e de opressões da reprodutibilidade técnica. O desafio da ciência hoje é estar nos lugares onde a vida é resistência à uniformização e contradição, “nas intersecções, nos lugares em que os sujeitos podem falar e atuar, transformar-se e ser transformados” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 208).

O que a internet disponibiliza muitas vezes requer auxílio no sentido de que sejam encontradas pistas para avaliar a posição ideológica por trás das mensagens veiculadas, ou seja, as formas de usar a linguagem nas propagandas, assim como estereótipos que se tornam

familiares e popularmente aceitos. Há que se considerar, também, os benefícios trazidos pela internet, principalmente em épocas de pandemia do novo coronavírus (Covid-19), pois para que essa pesquisa fosse realizada, muitas vezes, tivemos que tomar em mãos esses artefatos culturais para chamar os participantes e implementar o estudo por meio das reuniões.

Outra das muitas contribuições da internet e das mídias sociais, de uma maneira geral, foi a promoção de cursos e propostas, de alguns desses jovens participantes da pesquisa através do estudo *online*. Não podemos deixar de citar os tantos jovens alfabetizados nesse período de ensino remoto, de forma complementar e não simplesmente em caráter precário ou substitutivo. O compromisso da mídia-educação inclui as dimensões da produção, da linguagem, da representação e da audiência, tanto na criação como na crítica da sociedade (BELLONI, 2012). “Ainda que nem todos os jovens se desenvolvam como cidadãos ativos, quando todas as escolas puderem propiciar meios mínimos para que possam optar por isso, poderemos, enfim, avançar em termos de uma democracia mais igualitária” (BERNARDI, 2021, p. 260).

A ideia desta dissertação não tem pretensão nenhuma de esgotar os estudos sobre este assunto nem afirmar ou impor uma mudança, mas sugerir que haja uma discussão coletiva e crítica que incentive a busca por alternativas de orientar e tornar conhecida a maneira mais adequada de utilização das possibilidades que o mundo digital oferece. Despertar o pensar pelos estudantes e questionar o que nos vem pelas mídias audiovisuais é o primeiro passo para o desenvolvimento de pedagogias críticas, criadoras e sintonizadas com a vida social dos jovens e isso supõe refletir inclusive a escola e seu compromisso educacional, político, histórico e social atenta a determinadas situações vividas nessa cultura digital da convergência. O desafio que fica em aberto e não tem prazo para terminar é até que ponto os jovens estão sendo formados e orientados para avaliar criticamente os dispositivos de linguagem (especialmente audiovisuais da desinformação), que inculcam ideologias, certos valores estereotipados e visões de mundo apontados como reprodutoras desses valores híbridos transmitidos, mesmo com a adição da internet como novo agente socializador de diversos materiais e técnicas (BERNARDI, 2021).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua TIC 2019**: Internet chega a 82,7% dos domicílios do país. Editoria: Estatística Sociais, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 30 set. 2021.

ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Sociedade Conectada: tecnologia, cidadania e infoinclusão. *In*: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de (org.). **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016. p. 17-40.

ARMANDILHA, Wellington Fernando da Conceição. **Subjetividade do aluno negro e a representatividade midiática televisiva**. 2021. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Hucitec, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BECHARA, Silvia Regina de Camera Corrêa. **Jovens estudantes de música na cibercultura musical: facebook e educação musical 2.0**. 2015. 160 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Documento de cultura, documento de barbárie**. São Paulo: São Paulo: Cultrix, Edusp, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. *In*: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). Organização e apresentação de Jeanne-Marie Gagnebin. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, p. 49-73, 2011.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **Educação Crítica Midiática: Formação para Cidadania de Jovens no Contexto de Pós-Verdade e Fake News.** 2021. 320f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?format=pdf&lang=pt>

BOL. Notícias. **Entenda como o Marco Civil da Internet pode afetar a sua vida.** São Paulo, 23 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2014/04/23/entenda-como-o-marco-civil-da-internet-pode-afetar-a-sua-vida.htm>. Acesso em: 15 mai. 2021.

BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística.** São Paulo: Parábola, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bahktin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil de 1988.** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: **Diário Oficial da União**, 1990. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/direito-da-crianca-e-do-adolescente>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso em: 30 ago. 2021.

BRASIL. Lei n. 12.965/2014, de 23 de abril de 2014. Marco Civil na Internet. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-12965-23-abril-2014-778630-norma-pl.html>. Acesso em: 6 ago. 2021.

BRASIL. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015.** Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Ministério das Comunicações, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisasquantitativas-equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm2015.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. **Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE).** Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Brasília, DF: MEC, 2016. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologiaeducacionalproinfo/proinfo-programa-banda-larga-nas-escolas-pble>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Secretaria de Comunicação da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Brasília: IBOPE, 2016. Disponível em: <https://www.abap.com.br/wp-content/uploads/2021/06/pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2021: notas estatísticas.** Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

CABALLO, Vicente E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais.** São Paulo: Santos, 2003.

CARVALHO, Raul; IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** São Paulo, Cortez, 1985.

CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e Identidades: Uma Teoria Crítica da Sociedade Informacional. *In:* CASTELLS, Manuel (org.). **Novas perspectivas críticas em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Analogia e semelhança: a mimeses do outro. *In:* DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Org.). **Mimeses e expressão.** Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 389-401.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros.** 2. ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.

CONCEIÇÃO, Cíntia Nascimento de Oliveira. **O que os professores acham que aprendem com a televisão.** 2010. 161 F. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22111> Acesso em: 10 set. 2021.

CONTE, Elaine. A pedagogia performativa na cultura digital. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/30350>. Acesso em: 10 set. 2021.

COSTA, Rogério da. **A Cultura Digital.** 2. ed. São Paulo, SP: Publifolha, 2003.

CRUZ JUNIOR, Gilson; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Entre o Tempo Livre e a Educação: Considerações sobre Juventude, Mídias e Lazer. **LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, v. 21, n. 4, p. 502–528, 2018.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

- DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2005.
- FARACO, C. B.; JAEGER, M. A. A ética na intervenção psicossocial. In: SARRIERA J. C.; SAFORCADA, E. T. (Orgs.). **Introdução à Psicologia Comunitária**. Bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulinas, 2010, p. 2015-227.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Juventude Conectada**. 1. ed. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. Disponível em: https://fundacaotelefonicaativo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventude_conectada-online.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Juventude Conectada 2**. 1. ed. São Paulo: Fundação Telefônica, 2016. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/Juventude-Conectada-2016.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRIGOLIN, Maria do Rosário. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Juventudes, Tecnologias e Educação: contextos emergentes. **Roteiro**, v. 45, p. 1-17, 2020. <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/21363/14396>. Acesso em: 1 set. 2021.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; MILBRADT, Carla. As juventudes e as tecnologias: horizontes educacionais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 440–466, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12718>. Acesso em: 1 set. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007.

HEATH, S. B. The functions and uses of literacy. *In*: CASTEL, S. de; A; EGAN, K. (ed.). **Literacy, Society, and Schooling**; A reader USA: Cambridge University Press, p. 15-26. 1983.

HUTCHINSON, Tom; WATERS, Alan. **English for Specific Purpose**: a learning-centered approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Brasileiro 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 set. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD 2011. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011**. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>. Acesso: 5 set. 2021.

IBOPE. **IBOPE Media e CONECTA apresentam perfil do jovem brasileiro no youPix Festival**. 2014. Disponível em: <https://mundodapesquisa.net/pesquisa-ibopecnecta-sobre-o-jovem-e-a-internet/> Acesso em: 5 set. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, D. M. Case-study approaches. *In*: JAEGER, R. M. (ed.). **Approches to Research in Second Language learning**. New York/London: Longman. p. 75-103. 1992.

KANGUSSU, Imaculada. Marcuse Vida e Arte. *In*: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Os Filósofos e a Arte**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1994.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Kalliane Silva. **Jovens das classes populares e experiências do uso da internet como recurso de estudo e aprendizagem**. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin e o surrealismo: história de um encantamento revolucionário. *In: LÖWY, Michael. **A estrela da manhã**: surrealismo e marxismo.* Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. p. 37-54.

MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros do nosso tempo? *In: PERLUZZO, Cicília M. K. (org). **A mídia impressa**: o livro e as novas tecnologias.* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2002.

MALDIDIER, Denise Elementos para uma história da Análise do Discurso no Brasil e na França. *In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Gestos de Leitura**: da história do discurso.* Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido.* 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 13-69, 2010.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial. O Homem Unidimensional.** Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade.** Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Pre-textos.** Calli: Centro Editorial Univ. del Valle, 1995.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santo; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas jovens: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARX, Karl; ANGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1974.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. Trad. Anísio Teixeira e Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

MONITOR MERCANTIL. **Brasil é o terceiro país que mais usa redes sociais no mundo.** Brasileiro fica 3h42m por dia conectado em algum aplicativo; Sudeste é a região que mais utiliza. 2021. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- MORAIS, Larissa *et al.* (orgs.). **Mídia e Cotidiano: uma cartografia de pesquisas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.
- MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. Desafios na Comunicação Pessoal. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropologia renovada**. Tradução Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MOTA, Tatiana Catro. **As relações entre educação, comunicação e juventude rural a partir do dialogismo bakhtiniano e da lógica hipertextual**. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22111> Acesso em: 10 set. 2021.
- MUSSALIM, Fernanda. ANÁLISE DO DISCURSO. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- NASCIMENTO, Erica Pereira dos Santos; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Trajetórias juvenis e ativismo político: projetos de, com e para a vida. **Revista Cocar**, v. 15, n. 33, p. 1-15, 2021. DOI: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4541>
- NGANGA, João Gabriel do Nascimento. Mídias e juventudes: representações da juventude negra em propagandas. **Tempos Históricos**, v. 22, p. 478-507, 2018.
- NUNAN, D. Case study. *In*: **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- OLIVEIRA, Leonardo Brião de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Estado do Conhecimento Sobre Juventudes e Consumo. **Revista FSA**, v. 18, n. 3, p. 279-298, mar. 2021.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Linguagem e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni P. M. Bakhtin em M. Pêcheux: no risco do conteudismo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística de nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo: Othero, 2004.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-399, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647400>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PAIVA, Thais. Nunca me sonharam. **Centro de Referência em Educação Integral**. 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/nunca-me-sonharam-mostra-realidades-jovens-ensino-medio-brasil/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução da obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas Ed. Unicamp. 1993.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. Mises au Point e Perspectives à Propos de Analyse Automatique du Discours. **Languages**, Paris, Larousse, n. 37. 1995.

PÊCHEUX, Michel. Sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Obsevações para uma teoria geral das ideologias. Trad. Brasileira de Carolina M. R. Zuccolillo. Eni P. Orlandi e José H. Nunes. **RUA**, Campinas, p. 63-89, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

PEREIRA, Ana Paula M. S; MOURA, Mirtes Zoé da Silva. **A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, Anderson Siqueira; DUTRA-THOMÉ, Luciana; KOLLER, Silvia Helena. Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. **Psico**, v. 47, n. 4, p. 268-278, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23398>. Acesso em: 05 set. 2021.

PEREIRA, Silvana Ferreira. **Educação Profissional de Jovens Adultos e a Apropriação das Tecnologias em Escolas Técnicas**. 2018. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade La Salle, Canoas, 2018.

PEREIRA, Vinicius; POLIVANOV, Beatriz. Entretenimento como linguagem e materialidades dos meios nas relações de jovens e tecnologias contemporâneas. **Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, p. 78-96, 2012.

PINHEIRO, Patricia Peck. **Direito Digit@l no dia a dia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REDE ABERIE. **Pesquisa Advice e BonusQuest aponta: 42% admitem já terem compartilhado notícia falsa nas redes sociais**. 02 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/pesquisa-advice-e-bonusquest-aponta-42-admitem-ja-terem-compartilhado-noticia-falsa-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 30 set. 2021.

RIBEIRO, Mírian Regina Pereira. **Mídia & Educação: Análise da percepção de um grupo de estudantes acerca de ações educativas voltadas à convivência com as mídias digitais**. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2014.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (orgs.). **Estéticas Tecnológicas: Novos Modos de Sentir**. São Paulo: Editora PUCSP, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. A Semiose da Arte das Mídias, Ciência e Tecnologia. *In*: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. Flusser ressignificado pela cultura digital. *In*: HANKE, M.; RICARTE, É. (orgs.). **Do conceito à imagem: a cultura da mídia pós-Villém Flusser**. Natal, RN: EDUFRN, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussão na educação. *In*: PRIMO, Alex (org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, p. 33-47, 2013.

SANTOS M. **A Natureza do Espaço**, São Paulo, HUCITEC, 1996.

SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 33-48, 2010. <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/193>. Acesso em: 10 set. 2021.

SCHMIDT, Saraí Patrícia. **Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global**. 2006. 167f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Acesso em: 10 set. 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8598>. Acesso em: 10 set. 2021.

SEPULVEDA, Claudia; EL-HANI, Charbel Niño. Apropriação do Discurso Científico por Alunos Protestantes de Biologia: uma análise à luz da teoria da linguagem de Bakhtin. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 29-51, 2006. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/501/301>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Jean Carlo da. **Produção de jogos digitais por jovens: uma possibilidade de interação com a Matemática**. 2016. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Cibercultura, commons e feudalismo informacional. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, dez. 2009.

SOUZA, Israel Alves Jorge de. **(Re)pensando a economia criativa: desenvolvimentos empreendedoras no Brasil e em Portugal**. Brasília: Sebrae, 2018.

SOUZA, Mauro Wilton. **Novas linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOARES, Sergio. A Mídia e suas Perspectivas no Contexto da Propaganda e da Comunicação. **E-com**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 1-18, nov. 2008.

STAKE, Robert E. Case study methods in educational research: seeking Sweet water. *In*: JAEGER, R. M. (ed.). **Complementary methods for research in education**. Washington DC: American Educational research Association, 1998. p. 85-94.

STAKE, R. E. Case studies. *In*: DENZIN, N. K.; LINCON, Y.S. (eds). **Strategies of quality inquiry**. USA: Stage Publications, 1998. p. 86-109.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o Ensino de gramática no 1o e 2o graus**. São Paulo: Cortez, 1998.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DE SOFTWARE, 10, 2011, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de (org.). **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: A exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

WILSON, Carolyn *et al.* **Alfabetização midiática e informacional: currículo para a formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Este documento está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

A pesquisa é de cunho acadêmico e faz parte de um projeto de dissertação de Mestrado que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade La Salle, Canoas, RS, intitulada A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA LINGUAGEM DOS JOVENS: IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS e desenvolvida por Thiago Maciel Morais. Tem como tema discutir até que ponto as mídias influenciam e alteram a linguagem dos jovens da comunidade Mundo Novo. Fui informado(a) que a pesquisa é orientada pela professora Dra. Elaine Conte a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, por meio do e-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br ou posso entrar em contato diretamente com o pesquisador Thiago Maciel Morais, por telefone: 55 92 9213-3807 ou pelo e-mail: thiagomaresia28@hotmail.com

Ratifico, ainda, que aceitei participar por minha própria vontade ou disposição de ânimo, sem receber qualquer incentivo financeiro, compensação ou ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar para a valorização da cultura dos jovens da comunidade Mundo Novo e para a melhoria das pesquisas nesse campo. Fui comunicado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, é encaminhar novas investigações contextualizadas às práticas entre Mídia e Educação. Também, fui esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas será de cunho estritamente confidencial, preservando, assim, cada participante da pesquisa.

Ciente de que a minha participação se fará algumas vezes de forma presencial e, outras vezes, através da Plataforma (*google meet*). O acesso e a análise dos dados coletados ficarão sob a responsabilidade do pesquisador Thiago Maciel Morais e da sua orientadora Profa. Dra. Elaine Conte. Por fim, fui informado(a) que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo de sofrer qualquer sanção ou constrangimento. A pesquisa tem em vista a preservação do bem-estar de todos(as) para a sua viabilidade e qualificação do processo investigativo.

Nome do Pesquisador: Thiago Maciel Morais

Assinatura do Pesquisador: _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, CPF _____ abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura do participante: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE B – Questionário da Pesquisa

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Presença dos meios digitais no cotidiano dos jovens

DADOS GERAIS:

Sexo: Masc.() Fem.()

Idade: _____

Você mora com: Seus pais() Tios() Avós() Outros()

Quantas pessoas moram na sua casa? _____

Preencha a tabela de acordo com o que você tem em casa:

Meios	0	1	2	3	4 ou +
Rádio / Som					
Televisão					
Computador					
Celular					
Internet					
TV a Cabo					
Vídeo Game					

Relação com as mídias digitais:

Qual aparelho você utiliza com maior frequência para acessar a internet?

Computador () Celular () Tablet () Outros () Não utilizo internet ()

Do que você mais gosta na internet? Marcar quantos quiser

Facebook () Jogos () Pesquisar () Youtube () Blogs () Outros ()

Você usa a internet para estudar?

Sim () Não ()

Qual rede social você utiliza com maior frequência?

Facebook () Whatsapp () Twitter () Snapchat () Outros ()

Não utilizo redes sociais ()

Você possui perfil em Redes Sociais como Facebook, Twiter, Instagran, Youtube?

Sim () Em quais _____ Não ()

Quantos dias na semana você acessa a internet?

1 x por semana () 2 x por semana () 3 x por semana () todos os dias ()

Só fins de semana ()

Quando você está usando a internet, quanto tempo você costuma ficar conectado a ela?

Cerca de cinco minutos () De cinco a quinze minutos ()

De quinze a trinta minutos () De trinta a uma hora () Mais de uma hora ()

Onde você mais acessa a internet?

No trabalho () Na escola () Em casa () Em locais públicos que tenha internet

Você costuma utilizar a linguagem virtual (Palavras abreviadas, gírias, figuras de *emoticons* para se comunicar ou postar mensagens nas redes sociais?

Sim () Não () Não utilizo redes sociais

Você costuma utilizar a linguagem virtual (abreviações e/ou gírias) para escrever textos na escola ou fora da internet?

Sim () Não () Não utilizo redes sociais

Você costuma recorrer ao uso do corretor ortográfico durante conversações ou postagens nas redes sociais?

Sim () Não () Não utilizo as redes sociais

Você sabe diferenciar a escrita virtual da linguagem formal?

Sim () Não ()

Você sente alguma dificuldade no momento de compor textos ou se manifestar oralmente em público com a linguagem formal?

Sim () Não ()

Acredita que a mídia influencia você na sua linguagem oral?

Sim () Não ()

Você costuma utilizar a linguagem virtual (palavras abreviadas, gírias, *emoticons*) para se comunicar ou postar mensagens nas redes sociais?

Sim () Não () Não utilizo redes sociais

Você costuma utilizar a linguagem virtual (abreviações e/ou gírias) para escrever textos na escola ou fora da internet?

Sim () Não () Não utilizo redes sociais

Acredita que a mídia influencia você na sua linguagem oral e/ou escrita?

Sim () Não ()

Você sabe diferenciar a escrita virtual da linguagem formal?

Sim () Não ()

**APÊNDICE C – Roteiro de Perguntas Feitas com os Jovens da
Comunidade Mundo Novo**

ROTEIRO DE PERGUNTAS FEITAS COM OS JOVENS DA
COMUNIDADE MUNDO NOVO

1. O que você considera ser um uso adequado da Internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
2. Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, na comunidade ou em casa com relação à convivência com a Internet? Que material foi fornecido? (palestra, vídeo, bate-papo com alguém).
3. Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falavam sobre os cuidados necessários para esse uso?
4. Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis, sobre o uso seguro da Internet?
5. Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em *sites, blogs, facebook*, compartilhando sua opinião com seus amigos sobre o uso da internet?
6. Você já ouviu falar sobre direitos autorais ou direito de imagens? Fale sobre isso?
7. Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão?
Explique?
8. Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário?
De que forma?

APÊNDICE B – Transcrição das Entrevistas

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição da Entrevista com o Participante A – 18 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Assim, para fazer meus trabalhos da escola e pesquisar sobre outros assuntos... Como na minha casa não tem livros, então eu uso a internet para pesquisar.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Na verdade, não. Às vezes o Pastor da minha igreja fala sobre o assunto em suas pregações, mas é muito superficial.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi muitas reportagens sobre isso... na TV, no rádio e nas mídias sociais, sobre os riscos que podem causar.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, com quem eu converso na minha casa sobre qualquer assunto em relação à internet com o meu irmão mais velho. Nós trocamos ideias. Meus pais não usam a internet.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Sim. Eu lembro de já ter feito alguns trabalhos em grupo, na escola, que nós tivemos que acessar em <i>blogs</i> para opinar, interagir e compartilhar com outros.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. Só não sei explicar direito como é que funciona... Tipo assim, é quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence e sai dizendo por aí que é seu. É mais ou menos isso. Isso acontece muito com letras de músicas, artigos de revistas e da internet. Entendeu?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Com certeza. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Principalmente quando eu escrevo. Eu utilizo muitas abreviações e outros recursos que facilitam a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante B – 18 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Adequado?... para fazer meus trabalhos escolares ler meus <i>e-mails</i> . Eu comecei a usar a internet quando eu tinha meus 11 ou 12 anos. Aprendi a usar e acessar a internet sozinho.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Sim. Eu acho que foi na escola. Eu devia estar na 7ª ou 8ª série do Ensino Fundamental.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?

Sim. Eu já vi muitas reportagens sobre isso na TV. Sobre não passar dados pessoais e não falar com pessoas estranhas.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Como meus pais, não.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Que eu lembre, não. Não costumo comentar nada em a blogs, sites ou no facebook. Raramente eu falo com os meus amigos sobre isso.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já. É compartilhar alguma imagem sem a autorização do dono da imagem
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Sempre que eu converso com as pessoas, eu sempre me apoio nas palavras que eu aprendo na internet.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Eu não sei explicar direito, mas quando eu escrevo sempre uso abreviações, <i>emojis</i> e outros recursos que me ajudem na escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante C – 19 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Então, para me divertir, acessar as redes sociais, passatempo e também pesquisar outros assuntos...Cedo eu comecei a usar a internet eu ficava jogando joguinhos, assistia meus desenhos favoritos. Fui aprendendo sozinho.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. Eu nunca recebi orientação nenhuma de ninguém. Nem nunca recebi nenhum tipo de material tipo folder explicativo. Nada.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi vários programas na TV, no rádio e nas mídias sociais. Ela tem seu lado bom e seu lado ruim é só saber utilizar corretamente.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Sim. Na minha casa eu converso sempre com os meus pais sobre qualquer assunto em relação a internet. Nós trocamos ideias.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Sim. Eu fiz um trabalho sobre esses assuntos quando eu estava no 1º ano do ensino Médio.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim. Eu já ouvi falar em direitos autorais com respeito a música e filmes. Um exemplo disso são as piratarias feitas quando se baixa músicas ou filmes, tipo isso. E direito de imagem é quando se usa a foto de uma pessoa numa montagem ou para algum trabalho. Tem que ter autorização do dono.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Na minha opinião influencia e muito. É uma tendência quase que automática nós nos adaptarmos aos modismos do momento. E a internet nos influencia fortemente a seguir, falar ou acompanhar suas tendências.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?

Às vezes. Eu tomo bastante cuidado a esse respeito, principalmente quando eu escrevo. Eu procuro evitar abreviações, mas sempre caio em tentação de usa-las.

Transcrição da Entrevista com o Participante D – 19 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Então, para conhecer melhor, né! Assim, para quando os professores pedirem algum trabalho pra gente fazer. Inadequado seria igual aquelas pessoas que só pegam pra jogo ou futilidades como fofocas.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
As vezes na Pastoral da minha igreja fala sobre o assunto, mas é de forma muito superficial.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi muitas reportagens e orientações sobre isso... na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, quando eu ainda era criança meus pais me aconselhavam a não conversar com quem eu não conhecia. Eles pediam pra eu ter cuidado com as coisas que eu via na internet. A partir daí, as coisas que eu vejo no Face, se eu não conheço eu não aceito.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim, da música. Só não sei explicar. O que eu sei é que não se pode tomar pra si uma coisa que não lhe pertence e sai dizendo por aí que é seu. É por aí. Eu sei também que isso acontece muito principalmente com letras de músicas.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Com certeza. Por eu achar legal e diferente. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Muitas vezes eu quero escrever do mesmo jeito que eu escrevo na internet. É mais prático e eu erro menos.

Transcrição da Entrevista com o Participante E – 20 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Para pesquisar fazer meus trabalhos da escola e pesquisar sobre outros assuntos. Para mim, inadequado seria acessar a internet pra ver coisas que não me interessam ou que não me acrescentam nada.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?

Sim. Eu já vi algumas reportagens e documentários sobre isso, não lembro e qual mídia, pois já faz algum tempo.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Não. Não conversamos sobre esse assunto.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim. Já ouvi falar sobre os dois. Só não sei explicar direito como é. Tem muita gente que se apropria de fotos da internet, sem autorização.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Muitas vezes eu falo igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho legal.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Muitas vezes eu escrevo igual como eu escrevo na internet. Pois, além de ser mais prático, facilita a minha vida.

Transcrição da Entrevista com o Participante F – 20 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Bom, para fazer meus estudos da escola e pesquisar sobre outros assuntos etc. Inadequado por ter muitas páginas para se acessar, como por exemplo páginas pornográficas.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Na verdade, não. Somente uma vez na nossa escola é que passaram um questionário sobre esse assunto. Foi passado esse questionário somente para os alunos da 7ª D.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi muitas reportagens, mas nada específico sobre o assunto.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Não. Geralmente lá em casa o acesso a internet é livre. A gente acessa o que quiser.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim. De forma superficial. Tipo assim, eu não posso pegar uma coisa que alguém postou na internet e postar como se fosse minha, né!
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Às vezes falando igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito e diferente.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Isso acontece frequentemente quando eu escrevo. Eu costumo utilizar abreviações e outros recursos que facilitem a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante G – 21 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?

Assim, para estudar e fazer meus trabalhos e pesquisar outros assuntos. Inadequado porque tem muitas páginas que podem ser acessadas por qualquer pessoa. Tipo assim, páginas pornográficas, por exemplo
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Não, não lembro. Só ouvi algumas pessoas falarem por aí, de forma superficial e esporádica.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Sim. Converso sempre com os meus pais sobre esse assunto. Eles falam pra mim não me expor. Não postar fotos no Face e pra não adicionar estranhos. Eu tenho um relacionamento aberto com os meus pais.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Sim. Eu lembro que já fiz alguns trabalhos em grupo, principalmente na escola, onde nós tivemos que acessar em <i>blogs</i> para opinar, interagir e compartilhar com outros.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Direito autoral eu não sei explicar. Direito de imagem é que tiram uma foto de outra pessoa e fica passando pros outros. É isso, né?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Por mais que eu tente falar correto e sem vícios de linguagem, mas muitas das vezes eu me pego falando quase igual como eu escrevo na internet.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Sempre que eu escrevo eu utilizo abreviações e outros recursos que facilite a minha escrita. É como se eu sempre estivesse com pressa.

Transcrição da Entrevista com o Participante H – 21 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Assim, para pesquisar informações, conversar com outras pessoas. Eu comecei a me interessar pela internet desde muito cedo, quando eu tinha meus 12 anos, aprendi a mexer sozinho, fui autodidata. Seria errado usar a internet para prejudicar alguém.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. O que eu sei sobre esse assunto eu ouvi em sala de aula através de alguns professores que comentaram de forma superficial.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu fiz um curso de manutenção. Esse curso tinha alguns módulos que e um deles falava sobre esse assunto. Eu também assisti alguns programas na TV e no rádio que falava sobre esse assunto
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Nem tanto. Meus pais me aconselham a ter cuidado com quem converso e o que converso. E eles me aconselho a não falar com estranhos.

Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites, blogs, facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não. Em Blogs já, mas não compartilhei com ninguém.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. Eu sei porque aconteceu comigo. Eu postei uma coisa e não coloquei o site, nem o nome e nem o endereço do dono. Daí eu fui clicada e tive que tirar senão eu poderia responder a um processo. Eu fiz uma coisa errada.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Às vezes eu falo igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito e legal!
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Quando eu escrevo principalmente. Eu uso muitas abreviações e outros recursos que eu possa facilitar a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante I – 22 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Pra fazer meus trabalhos da escola, conversar e pesquisar sobre outros assuntos. Bom, eu tenho ouvido falar sobre esse assunto de internet, nas rodas de conversas aqui pela comunidade, entre amigos e lá em casa.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. As vezes o Padre aqui da nossa Paróquia fala sobre o assunto em suas pregações, mas é muito superficial.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi muitas reportagens e informações sobre esse assunto na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, sobre esse assunto, eu sempre converso com o eu pai na minha casa, principalmente quando eu tenho dúvida sobre algum assunto. Eu e o meu pai sempre trocamos ideias.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites, blogs, facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Sim. Eu lembro de já ter feito alguns trabalhos desse tipo, na escola, onde nós tivemos que acessar em blogs para opinar e interagir respondendo a questionamentos.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim. Só não sei explicar direito como é que é. Eu já ouvi falar de direitos autorais sobre a música e artigos da internet. É quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence e sai dizendo por aí que é seu.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Eu fico tentando me corrigir toda vez que eu falo, pois essa é a forma que eu encontrei de me auto corrigir.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Igual como quando eu escrevo. Eu sempre reviso o que eu escrevo, pois eu sempre deixo escapar uma abreviação ou outro recurso que economize a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante J – 22 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Então. Para estudar, fazer meus trabalhos da escola e pesquisar sobre outros assuntos. Desde muito cedo eu tive contato com a internet, pois o meu pai e meus irmãos usam bastante a internet.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Sim. Principalmente na minha casa pelos meus pais e irmãos mais velhos.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já assisti muitas reportagens e documentários sobre isso na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Sim. Lá em casa meus pais e meus irmãos se preocupam quanto a qualquer assunto que eu tenha que pesquisar na internet.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Sim. Eu lembro de já ter feito um curso na igreja da nossa comunidade, onde nós tivemos que acessar em blogs para opinar, interagir e compartilhar com outros integrantes do curso.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim. Só não sei explicar direito como é que funciona. Tipo assim, se tu for usar alguma coisa da internet tipo artigo, música ou qualquer coisa que não é tua, é só dizer de quem é. Entendeu?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim, com certeza. Muitas vezes eu me falo igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu sei que é errado, mas eu acho bonito é legal.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Sempre que eu escrevo eu costumo utilizar abreviações e outros recursos que eu possa facilitar a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante K – 23 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Para estudar, fazer meus trabalhos da escola e conversar com os meus amigos. Na minha casa não tem livros, então eu uso a internet para pesquisar.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Na verdade, que eu lembre não. Quando a gente se reúne lá no campo de futebol, a gente troca figurinhas sobre alguns assuntos interessantes que alguns dos meninos viram na internet. E é só.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi bastante reportagens e documentário sobre isso na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Na verdade, com quem eu converso ou troco algumas ideias na minha casa sobre qualquer assunto em relação a internet são com o meu irmão mais velho. Meus pais não usam a internet.

Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites, blogs, facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não que eu lembre.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. Só não sei explicar direito. Tipo assim, é quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence e sai dizendo por aí que é seu. É mais ou menos isso.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Eu fico o tempo todo tentando corrigindo o que eu escrevo, pra não deixar passar nenhuma abreviação. Essa é uma orientação dada pela nossa Profa de Português lá da escola.

Transcrição da Entrevista com o Participante L – 23 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Assim, para fazer meus trabalhos lá da escola, conversar com os meus amigos e pesquisar sobre qualquer outro assunto. Então eu sempre gostei de usar a internet para pesquisar, pois lá em casa não temos livros pra suprir as necessidades de pesquisa.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. As vezes e de forma muito superficial alguém da nossa igreja fala sobre esse assunto, mas nada que venha a ser uma palestra ou coisa parecida.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já assisti sobre isso na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Não. Como não temos internet em casa, não tenho com quem conversar sobre o assunto.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites, blogs, facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. É mais ou menos assim. Quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence e sai dizendo por aí que é seu.
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Eu acho que sim. Muitas vezes eu falo, os meus amigos me corrigem, pois daí eu acho que eu estou falando igual como eu vejo nas mídias sociais.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Eu acho que eu escrevo muito errado. Eu utilizo muitas abreviações e outros recursos que possa facilitar a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante M – 24 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?

Assim, para fazer meus trabalhos da escola, pesquisar sobre outros assuntos e também prostrar com os meus amigos. Sempre que n'ós estamos em rodas de amigos lá pelo campinho ou na igreja nós conversamos sobre esse assunto.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. As informações que eu recebo vem sempre através dos meninos aqui da comunidade, mesmo.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi muitas reportagens sobre esse assunto na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, lá em casa nós não conversamos sobre esse assunto, até porque nós não temos internet. Como eu já disse, eu converso sobre a internet com os meus amigos da comunidade.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não na escola, mas aqui na igreja da comunidade. Eu lembro de já ter feito alguns trabalhos em grupo, na nossa Pastoral, onde nós tivemos que acessar a blogs para pesquisar, interagir e compartilhar com outros amigos do curso.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Sim, meio que por cima, né! Só não sei explicar direito com as minhas palavras. Mas é assim. Eu não posso pegar uma coisa que você postou e postar como se fosse sua. Entendeu?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito e legal.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Principalmente quando eu escrevo. Eu utilizo muitas abreviações e outros recursos que eu possa facilitar a minha escrita.

Transcrição da Entrevista com o Participante N – 24 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Bom, para pesquisar sobre muitos assuntos. Desde muito nova eu já acessava a internet. Meu pai sempre estava ali por perto para me ajudar.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Sim. Na minha escola, principalmente. Lá na minha escola, no início do ano tinha a semana das Palestras. Eram palestras sobre bullying, pedofilia e outros assuntos.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi e ouvi muitas reportagens sobre esse assunto na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Sim. Meu pai está sempre me alertando sobre os perigos de eu acessar site que não me interessam.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?

Sim. Eu lembro de já ter feito alguns trabalhos em grupo, na escola, onde nós teríamos que acessar em blogs ou sites para estudarmos determinado assunto.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. É quando a pessoa posta uma coisa que não é sua e não diz de quem realmente é aquela postagem. É mais ou menos isso, né? É toma pra si uma coisa que não lhe pertence. Entendeu?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. com certeza. Às vezes eu falo igual como eu vejo nas mídias sociais.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Eu tenho que me policiar muito quando eu escrevo. Pois eu utilizo muitas abreviações e outros recursos que eu só posso usar na linguagem virtual.

Transcrição da Entrevista com o Participante O – 24 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Assim, para fazer meus trabalhos da escola, conversar e pesquisar sobre outros assuntos. Como na minha casa não tem livros, então eu uso a internet para pesquisar.
Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Não. As vezes as Pastorinhas da minha igreja falavam sobre o assunto em seus cultos ou pregações, mas de forma muito superficial.
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já assisti algumas reportagens e documentários sobre esse assunto na TV, no rádio e nas mídias sociais.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, com quem eu converso na minha casa sobre qualquer assunto em relação a internet é com o meu irmão mais velho. Nós trocamos ideias.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Não.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Mais ou menos. É quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence e não diz ou registra de quem é aquele documento. É isso?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Com certeza. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito e legal
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. A pessoa já fica com tendência a escrever igual como escreve na internet. Eu utilizo muitas abreviações e outros recursos eu escrevo.

Transcrição da Entrevista com o Participante P – 25 anos realizada em 08/05/2021
Entrevistador: O que você considera ser um uso adequado da internet? Onde você ouviu falar sobre isso?
Bom, para estudar e fazer meus trabalhos da escola e pesquisar. Como na minha casa não tem livros, então eu uso a internet para pesquisar.

Entrevistador: Você recebeu ou recebe algum tipo de orientação na escola, igreja ou na comunidade com relação à convivência com a internet? Que material foi fornecido? Palestra, vídeo, bate-papo com alguém?
Na verdade, não. Às vezes o Pastor da minha igreja fala sobre o assunto em seus cultos ou pregações, mas é muito superficial
Entrevistador: Você já assistiu na TV, ouviu no rádio, leu em algum artigo de revista ou jornal, ou mesmo na própria internet, orientações para o uso devido da rede, que falava sobre os cuidados necessários para esse uso?
Sim. Eu já vi várias reportagens sobre isso na TV, no rádio e nas mídias sociais, sobre os riscos que podem causar.
Entrevistador: Você costuma conversar com seus pais ou responsáveis sobre o uso seguro da internet?
Bom, com quem eu converso na minha casa sobre qualquer assunto em relação a internet é com o meu irmão mais velho. Nós trocamos ideias.
Entrevistador: Você lembra de ter feito algum trabalho na escola ou opinou em <i>sites</i> , <i>blogs</i> , <i>facebook</i> , compartilhando sua opinião com seus amigos sobre a internet?
Mais ou menos. Eu lembro de já ter feito alguns trabalhos em grupo, na escola, mas não sei quando foi isso.
Entrevistador: Você já ouviu falar de direitos autorais ou direito de imagem? Fale sobre isso?
Já ouvi falar sim. Só não sei explicar. Tipo assim, é quando a pessoa toma pra si uma coisa que não lhe pertence. Entendeu?
Entrevistador: Você sente que as mídias digitais influenciam no seu discurso diário? Explique?
Sim. Muitas vezes eu me pego falando igual como eu vejo nas mídias sociais. Eu acho bonito e legal.
Entrevistador: Você acredita que a linguagem virtual interfere na linguagem padrão? Explique?
Sim. Principalmente quando eu escrevo. Eu utilizo muitas abreviações e outros recursos. Eu sei que está errado, mas até hoje ninguém reclamou (risos).

APÊNDICE E – Fotos Panorâmicas da Comunidade Mundo Novo

Figura 4 - Vista de cima da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 5 - Grupo de dança da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 6 - Igreja da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 7 - Escola Municipal Professor Nilton Lins, da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 8 - Área comercial da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 9 - Parque de diversão da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.

Figura 10 - Campo de futebol da comunidade Mundo Novo



Fonte: Imagem autoral.